

Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães

**FRADES, ARTISTAS, FILÓSOFOS:
O Convento de Santa Maria Madalena e a atitude
franciscana frente à natureza – ontem e hoje.**

**MACEIÓ
2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**FRADES, ARTISTAS, FILÓSOFOS:
O Convento de Santa Maria Madalena e a atitude
franciscana frente à natureza – ontem e hoje.**

Dissertação apresentada para obtenção de
título de mestre em arquitetura e urbanismo.
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Salazar
Bittencourt e Co-orientadora: Prof^a Dr^a
Maria Angélica da Silva.

**MACEIÓ
2005**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M188f Magalhães, Ana Cláudia Vasconcellos.
Frades, artistas, filósofos : o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza : ontem e hoje / Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães. – Maceió, 2005.
xviii, 134f. : il.

Orientador: Leonardo Salazar Bittencourt.
Co-orientador: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2005.

Bibliografia: f. 118-127.
Anexos: f. [128]-134.

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Convento de Santa Maria Madalena (Marechal Deodoro, AL). 4. Franciscanos. I. Título.

CDU: 726.7(813.5)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

DISSERTAÇÃO

**FRADES, ARTISTAS, FILÓSOFOS:
O Convento de Santa Maria Madalena e a atitude
franciscana frente à natureza – ontem e hoje.**

APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Salazar Bittencourt
Co-orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Angélica da Silva

BANCA EXAMINADORA

Presidente:	Prof. Dr. Leonardo Salazar Bittencourt	
Examinadores:	Prof ^ª . Dra. Gianna Melo Barbirato	
	Prof ^ª . Dra. Maria Angélica da Silva	
	Prof. Dr. Roberto Moreira Xavier de Araújo	

**MACEIÓ
2005**

Dedico este trabalho:

Aos que teimam em manter viva a mensagem de São Francisco de Assis através da preservação dos espaços conventuais franciscanos em sua integridade arquitetônica e cultural, malgrado os insistentes apelos de um progresso “duvidoso”.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do DEHA – Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado, da Universidade Federal de Alagoas, pela enorme contribuição que deram à minha formação, especialmente os professores Geraldo Magela, Gianna Melo Barbiratto e Ricardo Cabús pelas orientações dadas durante a qualificação.

Agradeço à CAPES pela bolsa que me foi concedida, que em muito contribuiu para a realização desta pesquisa.

Àqueles que não estão mais entre nós mas permanecem na lembrança pela empenho com que se voltaram para as coisas do patrimônio: Ernani Mero, Elias Passos Tenório, Eduardo Etzel.

Aos diretores do Museu de Arte Sacra de Alagoas, Francisco Alencar e Solange Bezerra pela disponibilidade do espaço conventual para as pesquisas e, de modo especial, agradeço aos guias, “guardiões” daquele patrimônio.

Às queridas amigas Luciana Magalhães e Rosilda Barbosa, aos colegas do IPHAN e à ajuda valiosa de Luciane Macedo.

Ao Dr. Francisco Salles pelas informações e livros disponibilizados a respeito do assunto.

À professora Anna Maria Soares Lebigre, pela boa-vontade com que me acolheu no estágio de docência.

Ao professor Roberto Moreira Xavier de Araújo, através do qual conheci o Nominalismo franciscano.

Aos membros do GECA – Grupo de Estudos em Conforto Ambiental, especialmente Fernando Cavalcanti pela ajuda nos gráficos.

A todo o grupo da Pesquisa Estudos da Paisagem pela delicadeza com que me receberam, especialmente, Melissa Motta e Roseline Oliveira.

Um agradecimento muito especial a Pedriane Dantas, sem a qual este trabalho não seria o mesmo.

À amiga Josemary Ferrare, que me contagiou com seu amor pelas coisas da antiga vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul.

Ao meu orientador Leo, pela paciência e por acreditar, desde o começo, nesse tema.

À querida professora Angélica, que me ajudou a olhar e sentir a paisagem franciscana e cuja contribuição ultrapassou os limites da co-orientação.

À minha família, de modo muito especial minha mãe e irmãs Nara, Elizabeth e Ana Elise. E à Duzinha, sempre presente com seu carinho.

A Daniel, estímulo para lutas e conquistas.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xv
RESUMO.....	xvi
ABSTRACT.....	xviii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – Francisco de Assis e a Proposta de Uma Nova Ordem na Relação Homem – Natureza	
1.1. São Francisco e o franciscanismo – desdobramentos de um ideal revolucionário.....	6
1.2 O ideal franciscano e a arquitetura dos conventos.....	11
1.2.1 . A forma franciscana na paisagem brasileira.....	29
CAPÍTULO II – O Complexo Conventual de Santa Maria Madalena	
2.1 . Perfil histórico, arquitetônico e artístico do antigo convento.....	35
2.2 . Forma e conteúdo – representação e símbolo no complexo conventual.....	63
CAPÍTULO III – A Interrupção da Memória em um Prédio Secular	
3.1. O convento e o prédio.....	71
3.2. O convento e a cidade.....	73
3.3. O convento e o povo.....	78
3.3.1. As festas e celebrações religiosas.....	78
3.3.2. A imaginária.....	82
3.4. o convento e o museu.....	85
CAPÍTULO IV – Convento, Museu e Clima em Marechal Deodoro	
4.1 . Convento e clima.....	93
4.2 . Museu e clima.....	102
4.2.1 . Características do acervo.....	106
4.2.2 . Os valores higro-térmicos e o acervo.....	108
CONCLUSÃO.....	114
BIBLIOGRAFIA.....	118
ANEXOS.....	128
Anexo 1 – Constituição de Narbona	
Anexo 2 – Relação da flora existente na cerca do Convento Franciscano de Marechal Deodoro/AL	
Anexo 3 – Cântico das Criaturas	

RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01 – Calendário medieval Fonte: FREEMANTLE, 1970:24.....	7
Figura 02 – Arquétipo do mosteiro ideal – Saint Gaal/Suíça Planta baixa do século IX Fonte: FREEMANTLE, 1970: 33.....	9
Figuras 03 e 04 – São Francisco em Afresco de Cimabu, século XIII / Túnica de São Francisco. Fonte: REVISTA HISTÓRIA E ARTE DE ASSIS, 17 e 04.....	12
Figura 05 – Cabana de pedra, hoje no interior do Santuário de Rivo Torto, em Assis/Itália Fonte: REVISTA HISTÓRIA E ARTE DE ASSIS, 123.....	13
Figuras 06 e 07 – Capela da Porciúncula, hoje no interior da Basílica de Santa Maria dos Anjos, em Assis/Itália. Fonte: REVISTA HISTÓRIA E ARTE DE ASSIS, 108.....	14
Figura 08 – Modelo do primeiro convento franciscano, segundo desenho de Frei Bernardino de Siena. Fonte: http://www.apostolado.sites.uol.com.br (acessado em julho de 2004)	15
Figura 09 – Claustro – Santuário de São Damião onde foi composto o Cântico das Criaturas, em Assis/Itália. Fonte: REVISTA HISTÓRIA E ARTE DE ASSIS, 114.....	24
FOTOS	
Figura 10 – Convento de São Francisco (século XIII) – Bragança/Portugal. Fonte: http://www.aatt.org/pag.php?id=33 (acessado em setembro 2005)	28
Figura 11 – Convento de São Francisco (séc. XIII) – Região do Alentejo/Portugal. Fonte: http://viajar.clix.pt/com/fotos.php?id=995 – (acessado em setembro 2005).....	28
Figura 12 – Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Penedo-AL / Convento de Stº Antônio – João Pessoa-PB / Convento de Stº Antônio – Igarassu-PE / Convento Nossa Senhora das Neves – Olinda-PE / Convento de Stº Antônio Recife-PE. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “Estudos da Paisagem” /UFAL.....	31

Figura 13 – Convento de Santo Antônio de Igarassu, retratado por Frans Post antes do ataque dos holandeses. Fonte: Livro de Barléus.....	32
Figuras 14 e 15 – Galilé do Convento de Santo Antônio de Paraguaçu – Recôncavo Baiano/BA. Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	32
Figuras 16 - Convento de Santo Antônio de Paraguaçu – Recôncavo Baiano/BA. Fonte: Pedriane Dantas, 2005.....	33
Figura 17 - Convento de Santo Antônio de Paraguaçu – Recôncavo Baiano/BA. Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	34
Figura 18 – Convento de Nossa Senhora dos Anjos, Penedo/AL. Fonte: Acervo do grupo de pesquisa “Estudos da Paisagem”/UFAL.....	34
Figuras 20 e 21 – Enquadramento ambiental do convento/interior da cerca conventual. Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	39
Figura 22 – Vista da cidade de Marechal Deodoro a partir da torre sineira. Fonte Pedriane Dantas, 2004.....	39
Figuras 23 e 24 – Ornatos em pedra calcária – fachada da Igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.....	41
Figura 25 - Claustro do convento. Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	42
Figura 26 - Claustro do convento. Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	42
Figura 27 – Escada de acesso ao primeiro pavimento – Convento. Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	43
Figura 28 – Pia de água benta – Convento. Fonte: Ana Cláudia Magalhães. 2005.....	43
Figura 29 – Retábulo da capela lateral – Igreja conventual Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	44
Figura 31 – Fachada da Capela da Ordem Terceira Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	46

Figura 32 – Nave da da Capela da Ordem Terceira Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	46
Figura 33 – Fachada e detalhe do nicho- Igreja conventual Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	47
Figura 34 – Local onde ficava a “porta do carro” – Cerca conventual Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	48
Figura 36 – Vão entaipado na galilé – Igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães. 2005.....	50
Figura 37 – Sino – Igreja conventual Fonte: Pedriane Dantas, 2004.....	51
Figura 38 – Arremate do arco-cruzeiro – Igreja Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	53
Figura 39 – Retábulo da capela-mor – Igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	53
Figura 40 – Galilé – Igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães. 2005.....	54
Figura 41 – Adro do complexo franciscano, destacando-se o cruzeiro em pedra Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra de Alagoas, s.d.....	54
Figura 42 – Guarda-corpo do coro – igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	55
Figura 43 – Altar-mor – Capela da Ordem Terceira Fonte: Pedriane Dantas, 2005.....	55
Figura 44 – Nicho do retábulo da capela- mor – Igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	56
Figura 45 – Retabulo da capela-mor – atlantes – Igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	56
Figura 46 - Retabulo da capela-mor – brasão franciscano– Igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	57
Figura 47 – Forro em caixotão na capela-mor – Igreja conventual Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	57

Figura 48 e 49 – Retábulo colateral e lateral da nave - Igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005 e Luciane Macedo, 2004.....	58
Figura 50 – Forro da nave – igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	58
Figura 51 – Vista aérea do complexo conventual Fonte: EMATUR, s.d.....	65
Figuras 52 e 53 – Lavabos em pedra – antiga sacristia do convento e sacristia da Capela da Ordem Terceira. Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	66
Figuras 54 e 55 – Fachadas recortadas por janelas - Convento Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004/2005.....	66
Figuras 56, 57 e 58 – Elementos presentes nos retábulos da igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	67
Figura 59 – Forro da capela-mor – Paineis “olho de Deus” – Igreja conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	68
Figuras 60 e 61 – Janelas do convento Fonte: Pedriane Dantas, 2005.....	69
Figura 62 – Janela do convento com cachorros em pedra Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	69
Figura 63 e 64 – Janela gradeada no térreo do convento e abertura entaipada na galilé Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	72
Figura 65 – Claustro do convento Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	73
Figura 66 – Adro do convento Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	74
Figura 67 – Prédio do CEFET ocupando área da antiga cerca conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	75
Figura 68 – Espaço entre a lagoa e o convento ocupado por casas – ao fundo, parte da cerca conventual Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	75

Figura 70 – região onde ficava o, ainda hoje, chamado, Porto do Convento ou Porto dos Frades	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.....	77
Figura 71 – Imagem de São Roque afastada da exposição mas, ainda, atraindo devotos que ali restabelecem velhos laços com o santo, através dos sinais de devoção popular (fitas e velas)	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	83
Figura 72 e 73 – Imagens de santa Maria Madalena e santa não identificada – madeira policromada	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	84
Figura 74 e 75 – Imagens do Cristo Crucificado e de São Benedito – madeira policromada	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	84
Figura 76 e 77 – Pia batismal e pia de água benta - pedra	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	91
Figura 80 – Fachada principal do complexo conventual voltada para o Sul	
Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas, s.d.....	99
Figura 81 – Convento e emolduramento natural – lagoa e vegetação	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	100
Figura 82 - Fachada principal do convento voltada para o Sul	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	100
Figura 83 – Fachadas posteriores (Norte) e lateral (leste) do convento	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	101
Figura 84 – Claustro - convento	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	101
Figura 85 e 86 – Abertura na capela lateral – igreja conventual e pilastra em pedra do claustro	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.....	103
Figura 87 – Resultados da umidade ascendente – degradações generalizadas em paredes externas	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	103
Figura 88 – 89 – Problemas observados: quadro com ondulação (linho), desprendimento da policromia, entre outros/Santo de roca com ataque de cupins, manchas esbranquiçadas	

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.....	104
Figura 91 – Mobiliário (cadeiras/madeira e têxtil)	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	106
Figura 92 – Paramentos (estola e mitra/têxtil)	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	106
Figura 93 – Alfaias (báculo, lanterna processional/metal prateado)	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	106
Figura 94 – Termohigrógrafo colocado no interior do museu	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	109
Figura 95 – Unidade meteorológica instalada na área externa do convento	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2003.....	109
Figura 96 – Mirante (Sala Dom Adelmo Machado) – área vazada com janelas	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	110
Figura 97– Salão de exposição (Dom Otávio Brandão Barbosa Aguiar) - área vazada com janelas	
Fonte: Luciane Macedo, 2004.....	110
PLANTAS	
Figura 19 – Planta de locação do complexo conventual em sua feição antiga – sem escala.	
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.....	38
Figura 30 – Planta baixa da Capela da Ordem terceira – sem escala	
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.....	45
Figura 35 – Planta baixa da igreja e convento em sua feição antiga – sem escala	
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.....	49
Figura 69 - - Planta de locação do complexo conventual em sua feição atual – sem escala.	
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.....	76
Figura 76 - Planta baixa da igreja e convento em sua feição atual – sem escala	
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.....	86
GRÁFICOS	
Figura 79 – Monitoramento higo-térmico – área externa do museu	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	97

Figura 90 - Monitoramento higro-térmico – área interna do museu – sala Dom Adelmo Machado	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	105
Figura 98 - Monitoramento higro-térmico – área interna do museu – Sala Dom Miguel Fenelon Câmara Filho	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	111
Figura 99 – Monitoramento higro-térmico – área interna do museu – sala Dom Adelmo Machado	
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

DEHA – Dinâmicas do Espaço Habitado

DEAU – Departamento de Arquitetura e Urbanismo

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo

EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas

EMATUR – Empresa Alagoana de Turismo

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MINC – Ministério da Cultura

MASEAL – Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas

OFM – Ordem dos Frades Menores

SR – Superintendência Regional

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura

FAUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

RESUMO

O trato com a natureza permeou e deu suporte a todas as civilizações, em maior ou menor grau de intensidade, seja pelas representações míticas que ela sustenta, seja pela sua capacidade de prover a espécie e o lugar em suas necessidades básicas de sobrevivência. São Francisco, em plena Idade Média, estabelece uma perspectiva nova nessa relação, estreitando-a, concebendo-a em bases fraternalmente cristãs e, apropriando-se de um termo contemporâneo, ecológicas.

Neste contexto, se desenvolveu a arquitetura franciscana que, baseada em pressupostos teológicos e filosóficos estabelecidos desde São Francisco, tentou estabelecer um canal de comunicação com a natureza através de edifícios conventuais permeáveis e disponíveis à integração com o seu envolvente natural.

Este trabalho se dispôs a investigar e analisar em quais sentidos e até que ponto esta intenção foi alcançada e materializada no antigo Convento de Santa Maria Madalena, município de Marechal Deodoro/AL.

Resultante de novas dinâmicas religiosas e culturais, foi superada sua atuação religiosa quando foram delineadas, a partir dos vários usos dados ao antigo convento, algumas intervenções que provocaram alterações na sua feição original. O prédio, como um todo, sofreu mudanças. Todas significativas, sem dúvida, no que se refere à sua tipologia e ambiência. No entanto, algumas dessas alterações tangenciam a relação do edifício com o espaço natural e o urbano envolvente e constituem rupturas e fragmentações em um diálogo que era travado entre o convento e a paisagem, o convento e o povo do lugar.

Atualmente ele exerce uma função museográfica tendo sido instalado no prédio o Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas, o qual abriga valioso acervo artístico e cultural. Considerando essa nova função, coube discutir, também, quais as conseqüências desta relação com a natureza (estabelecida em sua gênese como edifício conventual), para a preservação do acervo (função primordial do edifício museográfico), quando se sabe que os

resultados de tal relação são cotidianamente absorvidas pelo patrimônio, constituindo um dado fundamental na sua conservação ou destruição.

Palavras chaves: *Franciscanismo, arquitetura, conventos, natureza, cultura, preservação.*

ABSTRACT

The deal with nature permeated and supported all civilizations, in higher or lower degrees of intensity, either by mythical representations supported by it or by its capability of providing the species and the place with their basic needs of surviving. San Francisco, in a full Middle Ages, sets a new perspective into this relation, narrowing it, conceiving it in fraternally Christian and, taking a contemporary term, ecological basis.

In this context, the Franciscan architecture was developed, which - based on theological and philosophical presuppositions established since San Francisco - intended to establish a communication channel with nature through permeable and available convent buildings to integrate with its natural compelling.

This study intends to investigate and analyze in which means and how far this intension was reached and materialized at the old Convento de Santa Maria Madalena, a borough of Marechal Deodoro / AL.

As a result of new religious and cultural dynamics, its just religious acting was overcome when some interventions were outlined from several uses performed at the old convent, which caused changes on its original appearance. The building, as a whole thing, suffered changes. All of them were significant, no doubt, regarding to its typology and environment. However, some of them go off at a tangent in terms of the relation between the building and the natural and compelling urban space, and constitute breaks and fragments in a dialog that used to happen between the convent and the landscape, the convent and the local folks.

At present it performs a museum function, as a Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas has been settled in the building, which holds a valuable artistic and cultural collection. Considering this new function, it was also suitable to discuss the consequences of this relation with nature (established on its genesis as a convent building), to the collection preservation (primordial function of the museum building), when it is known that these relation results are absorbed by the property in an everyday routine, constituting a fundamental data for its preservation or destruction.

Key words: Franciscanism, architecture, convents, nature, culture, preservation.

INTRODUÇÃO

*“A São Francisco de Assis lhe bastaria um ermo,
mas esse era santo e está morto”¹.*

O pensamento que surge sob a inspiração de São Francisco de Assis, cuja matriz era a conjuntura histórica da Baixa Idade Média (século XII e XIII), representou, desde seus primórdios, uma proposta inovadora e um avanço em uma concepção religiosa que dava sinais de fadiga. Isso devido a um inegável estado de esfacelamento daqueles princípios originais que lhe davam sustentação: o Cristianismo.

Mas sua contribuição vai além. São Francisco dá um novo fôlego à relação que era travada entre o homem e a natureza. Essa relação – espelhada em laços familiares, ficou estabelecida como marca incontestada da ordem, se rebatendo depois, de forma inequívoca nos seus conventos. Conforme Gilberto Freyre² defende, com ele é inaugurada uma mentalidade que dará suporte a: *“Filosofia em que a diversidade da vida ou a variedade de expressões da vida é aceita ao lado da unidade da criação divina: o nominalismo”*.

O trabalho a seguir apresenta o resultado de uma pesquisa acerca da comunicação travada entre o pensamento da ordem religiosa, criada a partir de São Francisco de Assis – a Ordem dos Frades Menores, ou mais simplesmente, os franciscanos, e a produção arquitetônica que lhe seguiu, representada pelos conventos.

Imbuídos dos ideais do patriarca da ordem, os franciscanos revelam, ao longo do tempo, uma forma religiosa e filosófica de conceber a realidade como única, singular e

¹ Da obra “Memorial do Convento”, de José Saramago, epigrafeado por Murilo Marx, na sua tese de doutorado. p. 22 (Cf. bibliografia).

² FREYRE, 1959:94.

específica. É dentro desse espírito que é gestada sua produção arquitetônica. De início tímida, pois destituída de interesses de permanência, opulência e luxo; depois mais apurada no que concerne aos padrões construtivos, tipológicos e artísticos.

Neste contexto, se insere uma quantidade de complexos conventuais espalhados pelo mundo. E, de modo muito especial, os daqueles novos mundos colonizados pelos portugueses, notadamente aqueles construídos no Nordeste do Brasil Colônia, onde está localizado o nosso objeto de estudo.

Diante da produção arquitetônica franciscana, tão vasta quanto profunda na sua concepção, foi necessário que esta dissertação fosse estruturada de modo a possibilitar a criação de um espaço reflexivo. Espaço este capaz de discutir as diversas tendências que permearam e conformaram a arquitetura dos seus conventos, ao longo do tempo, para, somente após isso, chegar ao Convento de Santa Maria Madalena, na antiga vila do mesmo nome, hoje município de Marechal Deodoro/AL.

Para tanto, iniciou-se o trabalho com a exploração de um saber teórico acerca do tema franciscanismo, em seu início, e a estrutura monástica da época, salientando a dicotomia entre esta e o pensamento que animava a ordem, naquele momento. Esboçado esse panorama geral, foi possível se ater aos aspectos mais singulares dos objetos arquitetônicos, especificamente, franciscanos. Buscou-se aí acentuar a contribuição da filosofia nominalista na conformação, não só da mentalidade, mas da sua fisionomia e suas repercussões na produção artística a partir de então.

No mesmo capítulo, foi enfatizada a presença dos frades no Brasil Colônia, quando enriqueceram o litoral do Nordeste com seus complexos conventuais. Aqui, mais do que em outro lugar, as ressonâncias nominalistas são concretizadas ao se valorizar elementos típicos da nossa paisagem com as quais os conventos interagiram ao, cuidadosamente, selecionar o sítio de implantação; ao se fixarem próximos a massas d'água (para as quais

suas janelas e mirantes se voltavam no exercício da contemplação); ao se manterem próximos às cidades e seu povo. Destacando-se pela originalidade, esses conventos da chamada Escola Franciscana do Nordeste foram resultado da necessidade de estabelecer uma imagem nova para a produção conventual que aqui era iniciada, bem como pela facilidade que os frades tinham em adaptar-se ao lugar e adotar o que lhe era peculiar.³

No segundo capítulo, é apresentado o objeto de estudo onde as informações colhidas na historiografia consultada são analisadas e costuradas de modo a compor a sua imagem histórica. Procurou-se aí expor não só aqueles elementos que lhe permitem fazer parte da Escola Franciscana do Nordeste mas, também, ressaltar no que ele é autônomo, do ponto de vista arquitetônico.

O terceiro capítulo trata das intervenções que ocorreram no espaço conventual e resultaram em alterações comprometedoras, seja no seu arcabouço físico, seja nas relações travadas entre ele e a paisagem: cidade, natureza, povo. Neste momento, discute-se a sua transformação em museu e todos os desencadeamentos consequentes desta ação. O museu, que veio como uma alternativa para revitalização de um prédio que estava praticamente abandonado, contrariando seu objetivo primordial de atuar como instrumento de preservação, contribuiu para consolidar algumas perdas relativas ao próprio prédio e à identidade cultural do lugar.

Finalmente, conclui-se a dissertação com o quarto capítulo onde são expostas questões de cunho mais quantitativo e, aí, acontece a interface da história com o conforto ambiental uma vez que o tema convento franciscano passa a transitar nessas duas áreas. Confrontou-se os elementos que determinaram a escolha do lugar para a implantação do complexo conventual, apresentados no início do trabalho, com o novo uso do prédio, procurando expor e discutir até que ponto esses elementos são compatíveis e adequados à função museográfica atual.

³ Cf. CAMPELLO, 2001:40.

Este estudo reúne uma série de informações adquiridas em pesquisa realizada através de material bibliográfico, principalmente aqueles produzidos pelos frades franciscanos Basílio Rower OFM, Venâncio Willeke OFM e, especialmente, as crônicas de Frei Antônio de Santa Maria Jaboaão OFM, que constitui, por enquanto, uma das maiores fontes de informações sobre a atuação dos frades no Brasil Colônia. Os recursos metodológicos utilizados para a conformação do trabalho foram a revisão da bibliografia disponível, a observação de fotos antigas, arquivos de instituições (17^a SR/IPHAN/AL, Fundação Casa do Penedo, IHGAL, Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho e MASEAL), jornais e, especialmente, a percepção do próprio lugar: espaço edificado – prédio e paisagem. Não foram trabalhados documentos primários pela impossibilidade de acessá-los.

O universo filosófico no qual a mentalidade franciscana foi conformada, o nominalismo, é recorrente na obra de Gilberto Freyre (Cf. bibliografia) a qual tem o mérito de ter enfatizado, entre nós, a visão do franciscanismo nessa perspectiva filosófica, coisa que um olhar menos informado veria sob conotações unicamente religiosas.

Outras referências importantes foram se somando ao corpo do trabalho e contribuíram para a condução dessa pesquisa, sendo uma delas a tese de doutorado do Prof^o Murilo Marx que, com muita propriedade, aponta as intersecções entre os conventos franciscanos de São Paulo e os tecidos urbanos, em formação, das antigas vilas do interior paulista.

Não se tinha como objetivo aprofundar questões de análise estilística no complexo conventual, uma vez que Germain Bazin fez isso com preciosismo, favorecido pelo conhecimento amplo que tinha dessa área. Apenas registrou-se os dados mais importantes a respeito desse tema.

O estudo de alguns conventos ajudou na compreensão da linguagem arquitetônica e artística típica da Escola Franciscana do Nordeste, observando através de alguns exemplares, a concretude do pensamento franciscano. Isso foi possível devido ao convite feito pelo grupo de pesquisa Estudos da Paisagem, do DEAU/UFAL, para integrar comitivas de exploração da paisagem através de viagens de estudo às cidades de Igarapu, Ipojuca, Serinhaém e Recife/PE. Somou-se a estas, a visita aos conventos de Penedo/AL e São Cristóvão/SE.

Na composição do perfil climático onde o museu está instalado, foi necessária a sistematização de um método de monitoramento higro-térmico, quando foram feitas medições dos valores de temperatura e umidade relativa, nas salas de exposição. Para tanto, foi utilizado equipamento disponibilizado pelo Grupo de Estudos do Conforto Ambiental – GECA, do DEAU/UFAL.

Após o monitoramento realizado durante um ano, priorizou-se a análise da forma como se dá a absorção dos valores higro-térmicos sobre o acervo de imaginária (em madeira dourada e policromada) por ele constituir-se a parte mais variada e significativa do conjunto de obras do museu. Ao mesmo tempo, esse acervo tem a peculiaridade de apresentar uma tecnologia construtiva mais suscetível às limitações de um clima rigoroso, no que se refere à temperatura e à umidade.

Esta dissertação caminhou no sentido de construir a imagem do Convento de Santa Maria Madalena, revelando o que lhe confere personalidade histórica, arquitetônica e cultural. Mas, para isso, de certa forma, foi necessário desconstruir a imagem do museu pois apenas revelando seus dilemas, contradições e conflitos, se poderia apontar as perspectivas para uma nova apropriação do prédio, dando, finalmente, ao convento a dimensão que lhe caracteriza, o lugar que merecidamente deve ocupar: no sítio escolhido, na cidade, junto ao povo.



CAPÍTULO 1

Francisco de Assis e a proposta de uma nova ordem na relação homem - natureza

1.1. SÃO FRANCISCO E O FRANCISCANISMO - DESDOBRAMENTOS DE UM IDEAL REVOLUCIONÁRIO

A medievalidade inaugurou um elo comum aos povos do Ocidente feudal: um modo de produzir fundamentado em uma relação onde a natureza e suas representações eram o dado essencial que ligava e sustentava a todos. A permanente associação homem – natureza levou as cidades medievais portuguesas a manterem extensas áreas de cultivo, onde:

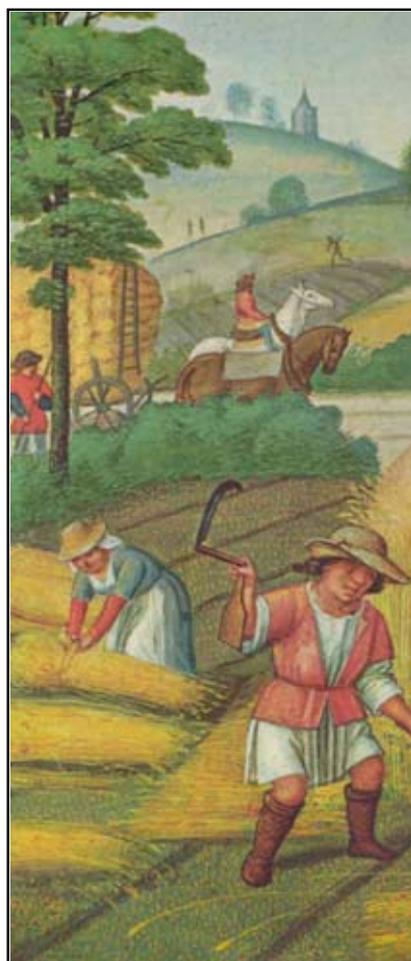
*“estendiam-se as culturas que abasteciam, o pasto para os animais, a área da floresta, que dava caça, lenha e, por vezes, o mel ou um outro produto alimentício, as pedreiras, as minas, as ribeiras e outros cursos de água que além do precioso líquido davam ainda o peixe [...]”*⁴.

Ou seja, o homem dos tempos medievais era profundamente dependente dos fenômenos e recursos naturais. Nas cidades, a visibilidade da natureza estava fortemente ligada, num primeiro momento, à satisfação das suas necessidades básicas e à problemática da sobrevivência em um mundo ainda adverso mas, também, completamente associado ao ideal de um modelo religioso cristão (ver figura 1).

⁴ CARVALHO, 1989:78.

Assim, essa visibilidade e dependência não se esgotava numa dimensão puramente pragmática. Havia um “canal de comunicação”, de caráter subjetivo, desenvolvido pelos povos primitivos e pagãos, que não foi de todo descartado e sobrevivia mesmo diante da impregnação de novos conceitos religiosos.

Nas culturas pré-cristãs, o homem era visto como parte do meio-ambiente. A natureza⁵ não era um simples cenário onde a vida humana se desenrolava, mas intimamente conexa à essa mesma vida; um elo da grande estrutura do universo, desconhecido, temido e respeitado⁶.



Quando os homens começam a mondar

separando os cardos da semente boa

⁵ BARROS, 1997:3.

⁶ ROSSET, 1989:43, afirma que a natureza sempre foi a “fonte onde todas as religiões vão beber”. Em menor ou maior grau, todas as formas de manifestação religiosa a usam como elo de ligação do homem e da divindade.

Deus lites dê um bom trabalho

e a promessa de uma longa e boa vida.

ANÔNIMO — INGLATERRA

Figura 01 – Calendário Medieval

Fonte: FREEMANTLE, 1970:24

A Idade Média, portanto, absorve parte desse imaginário pagão e vive em verdadeira simbiose com as relações anímicas que aqueciam a religiosidade desses povos.

Desde o século IV, quando os valores cristãos haviam se consolidado estando já agregados à estrutura social e política da época, assistia-se à sua articulação com a herança do paganismo e suas tradições, as quais, ainda permeavam o cotidiano das sociedades⁷.

Considerando que as crenças pagãs sempre utilizaram as manifestações naturais (ciclos, estações, fenômenos, elementos) como símbolos de culto, o que se vê neste momento é uma interessante imbricação de conceitos variados, ideologicamente contrários, mas que souberam ser absorvidos pela cultura cristã, passando a conviver num processo de acomodação de ambas as partes⁸.

Pode-se entender que existem dois dados que se entrelaçam na relação homem–natureza durante toda a Idade Média: o culto supersticioso dos fenômenos naturais e o culto a Deus como criador desses mesmos fenômenos⁹.

A Escolástica, a serviço da Igreja, se servia do texto bíblico, documento maior de uma sociedade hermeticamente orientada pela religião, para se posicionar a respeito dessa relação legitimando e divulgando a idéia de uma natureza disponibilizada por Deus à

⁷ Naquela época, “*as velhas crenças e os antigos cultos pagãos da natureza estavam somente adormecidos, sempre prontos a despertar*”. CARVALHO, 1989:67.

⁸ “La religiosidade medieval es producto, por conseguinte, del sincretismo entre la Iglesia Católica y una cultura de supersticiones antiguas que no estaba solamente implantada entre las clases populares”. BARROS, 1997:3.

⁹ *Ibidem*, 1.

dominação e à exploração humana ¹⁰. O homem é colocado acima dela, é reconhecido como superior e, a ele, a natureza, e todas as suas criaturas, deverão estar sujeitas.

Mesmo que numa perspectiva diferente, mais ligada à idéia de uma dominação legitimada pela religião, essa posição permitia a continuidade do “canal de comunicação” citado anteriormente (ver 3º parágrafo, pg. 6).

Partindo desses pressupostos, pode-se inferir que o homem medieval era bombardeado pelos conceitos que a Igreja Católica propagava mas, ainda sob a influência dos costumes pagãos, estabelecia uma relação muito peculiar com a natureza e suas manifestações e que, possivelmente, sua compreensão não se baseava, unicamente, nos aspectos físicos e palpáveis, mas também vendo nela a representação de valores subjetivos que podiam ir do maravilhoso ao demoníaco (através de lendas, rituais, cultos, mitos, etc.).

E quando não era possível controlá-la, dominá-la, submetê-la, era entregue aos cuidados de Deus e dos novos intermediadores (santos católicos). Neste sentido, eles funcionavam como os antigos místicos, bruxos, feiticeiros, astrólogos, curandeiros, intermediando o diálogo quando se fazia necessário.¹¹

O final do século XII apresenta o resultado de um processo de mudanças significativas que vinham se desenvolvendo aos poucos, em todos os campos. A decadência do feudalismo se contrapunha à progressiva ascensão das atividades comerciais, a economia de subsistência ia sendo substituída pela economia monetária; a imagem das cidades ia se transformando rapidamente, envolvida por novas dinâmicas econômicas e, conseqüentemente, urbanas.

O poder religioso, representado pela Igreja Católica, estava consolidado e já se encontrava afastado dos ideais do Cristianismo primitivo. À margem dos imponentes

¹⁰ “E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja pela terra”. BÍBLIA SAGRADA, 1996, Gên, 1:28, p. 4.

¹¹ “La cristianización de los ritos ‘gentílicos’ da como resultado la magia blanca cristianizada que a partir del siglo XVI, recluida en la cultura popular, se intentará combatir mediante la Inquisición”. BARROS, 1997:9.



mosteiros que pontuavam a paisagem europeia (ver fig. 02), detentores das riquezas materiais e intelectuais, apareciam os chamados “movimentos religiosos populares”, os quais, eram muitas vezes considerados heréticos e perseguidos, visto sua crítica severa ao modo como a classe religiosa (clero) se portava frente à mensagem cristã.

Figura 02 – Arquétipo do mosteiro ideal – Saint Gaal/Suíça - planta baixa do século IX
Fonte: FREEMANTLE, 1970:33

Francisco Bernardone, nascido em Assis, na Itália (1181 ou 1182 – 1226), fez parte desse mundo e presenciou toda essa movimentação. Não foi indiferente aos fenômenos culturais daí resultantes e, como os demais homens de sua época, sofreu, de uma forma ou de outra, suas influências. Como muitos, teve sua vida tentada pelo ideal burguês florescendo, apoiado na figura do pai comerciante; pelo culto do ideal cavaleiresco, ambição da época; pelo ideal religioso, materializado nas cruzadas. Mas à diferença dos demais, passou por um processo de conversão que se iniciou na sua juventude e teve seu ponto culminante às vésperas de sua morte, quando atingiu uma verdadeira “*integridade espiritual*”¹², em seu estágio mais profundo.

Como um homem historicamente inserido no seu tempo e na sua realidade, ele se posicionou frente a uma cultura religiosa, econômica e social que lhe afigurava injusta. Entretanto, não lhe bastava reconhecer a inadequação da ideologia cristã com a realidade. Ele mostrou que era possível assumir uma atitude diferente frente à aparente dicotomia entre pensamento religioso e dia-a-dia concreto.¹³

¹² SPOTO, 2002:311.

¹³ “A recusa do contexto define-se, porém, nele, no rumo construtivo da tentativa de instauração duma ordem que subverta, corrija e substitua a antiga”. PACHECO, 1982:9.

Com seu exemplo e prática diária de vida, ele estabeleceu as bases para uma perspectiva nova ao modo medieval de relacionamento dos homens entre si, através da percepção do outro em sua dimensão mais ampla, e deles com a natureza fazendo emergir um sentido inovador, cristianizado, nessa relação.

O Cristianismo medieval havia atraído para si os elementos sagrados do animismo primitivo e as suas fronteiras eram tênues, estando a sociedade impregnada desse imaginário coletivo. É indiscutível, no entanto, que a contribuição de Francisco de Assis para a construção de um referencial novo, no que se diz respeito à natureza, estava em dotá-la de um espírito até então desconsiderado, que beirava à familiaridade, ao tratar suas manifestações fraternalmente, na acepção mais ampla do termo. A relação com a natureza, e seus seres, estreitou-se a partir dele, fundamentada em bases cristãs, éticas e, se é que podemos usar um termo contemporâneo, ecológicas.

Ele não pretendeu fundar nenhuma instituição religiosa. Tampouco buscou criar um pensamento filosófico ou teológico. A literatura é recorrente em afirmar que ele não pretendia o engajamento com atividades intelectuais, literárias ou artísticas, fato comum em alguns mosteiros de então. Contudo, São Francisco é considerado por vários autores, entre eles o medievalista Jacques Le Goff como um precursor da modernidade e iniciador do Renascimento¹⁴ já que sua doutrina era libertadora, diferente da teologia medieval, plena de ícones que remetiam ao medo, quando não, a um verdadeiro terror.

Apesar de sua experiência de conversão ter se dado num plano estritamente pessoal, sua personalidade carismática e exemplar fez desenvolver-se à sua volta um grupo de seguidores que em pouco tempo assumiu a feição de ordem religiosa¹⁵. Nas criaturas vivas, conseguiu visualizar, de um modo fraternal, a presença imanente de Deus e por isso as amava e respeitava. Com isso, ampliou o significado daquilo que já chamamos de canal de comunicação. Neste sentido, o universo inteiro era uma proclamação do amor divino pelos seus filhos e, por isso o amor de Francisco por todas as criaturas e coisas foi irrestrito e

¹⁴ LE GOFF, 2001:102.

¹⁵ Em 1219, já havia três mil frades participando de uma reunião geral para debater questões ligadas à fraternidade incluindo a necessidade de ordená-la formalmente. Cf. SPOTO, 2002:227.

incondicional já que, para ele “*tudo, afinal, vem de Deus, está ligado a Deus e encontra seu sentido em Deus*”¹⁶.

1.2. O IDEAL FRANCISCANO E A ARQUITETURA DOS CONVENTOS

A consolidação do cristianismo como religião oficial e o conseqüente fortalecimento da Igreja Católica teve como resultado imediato sua expansão. Como parte deste processo estava a criação de uma estrutura monástica tendo como eixo norteador a Ordem Beneditina, criada no século VI por Bento de Núrsia, a qual, estimulou a disseminação de mosteiros por toda a Europa Ocidental sobretudo na Espanha, Portugal, Sul da França e Itália.

Agregando variadas funções que respaldavam as atividades religiosas, os mosteiros sofisticaram sua organização interna tornando-se verdadeiras fortalezas que escondiam tesouros da cristandade vindo a se constituir os “*focos principais da mais alta cultura*”¹⁷. Rapidamente a tipologia e o programa arquitetônico de um mosteiro já apresentava muito mais que apenas a igreja e a residência dos monges.

No século XII havia cerca de 2000 mosteiros espalhados pela Europa, divididos entre as mais de 12 ordens, até então criadas¹⁸. Embora cada uma delas tivesse sua estrutura e regras próprias, todas foram influenciadas pela Regra (guia monástico) Beneditina.

A Ordem Franciscana foi iniciada na cidade de Assis, na Itália, por Francesco di Pietro di Bernardone, imortalizado como São Francisco de Assis, em abril de 1209, tendo como recomendação incondicional a observância à fraternidade, à pobreza e à castidade, valores esquecidos em meio ao fausto que marcava o clero regular e secular de então.



¹⁶ Idem, 298.

¹⁷ DUBY, 1979:99.

¹⁸ FREEMANTLE, 1970:41.

Propondo-se a vivenciar o Evangelho de uma forma ampla e irrestrita, ele intenta divulgar e realizar (pela palavra e pela prática), incondicionalmente, a mensagem de Jesus Cristo. Imbuído deste ideal, seu apostolado atraiu homens com a mesma expectativa religiosa e, unidos, originaram uma das mais poderosas e carismáticas ordens religiosas católicas nascidas no seio do medievalismo.

A Ordem dos Frades Menores, como foi denominada desde seus primórdios, se afirmou rapidamente e, apenas 40 anos após a morte de seu criador, em 1266, já contava com oito mil casas e milhares de seguidores, incluindo missionários se aventurando pela Ásia e África¹⁹.

Inicialmente, São Francisco não se preocupou em estabelecer, de modo formal, regras para sua fraternidade, além daquelas que pelo seu discurso e, principalmente, pelo próprio exemplo de vida, muito claramente representavam o espírito que o animava e ao grupo de pessoas que o acompanhou. Foi o crescimento no número de adeptos que obrigou à formulação de algumas normas, inclusive a institucionalização do grupo como ordem religiosa formalmente reconhecida pela hierarquia católica.

Esse mesmo crescimento aliado à formalização da ordem expôs a necessidade de se pensar em como abrigar a todos. Dentro do espírito franciscano, não havia espaço para grandes edifícios, mas o seu reconhecimento, como uma instituição propriamente dita, por parte da Igreja, afirmou a necessidade dos edifícios conventuais²⁰ e os franciscanos,

¹⁹ CORTESÃO, s.d.t.:39.

²⁰ “O Papa, não sem artifícios dignos de um estadista, insistiu em fazer da Ordem Franciscana um instrumento do poder papal e assegurou sua subordinação e mesmo sua subversão interior, encorajando um pesado investimento em convenientes edificações conventuais, no próprio lugar onde nascera a nova ordem, pois não há modo mais eficiente de matar uma idéia do que materializá-la bem cedo”. MUNFORD, 1982:347.

reconhecendo a irreversibilidade do processo de expansão da sua comunidade, trataram de estabelecer normas para essas casas, evitando assim a contradição com o espírito original do grupo, fato comum nas demais ordens de origem medieval.

No início da sua formação, os franciscanos moravam em uma cabana de pedra (ver fig. 5), abandonada em meio ao campo, localizada “à margem da curva de um riacho” de nome Rivo Torto²¹. Mas logo ficou patente a necessidade de procurarem um lugar maior.

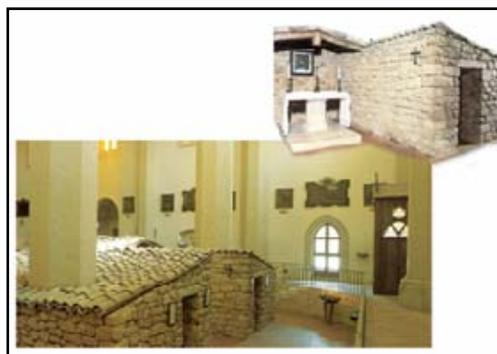


Figura 05 – Cabana de pedra, Rivo Torto, em Assis, Itália

hoje no interior do Santuário de

Fonte: Revista Arte e História de Assis, 123

Em 1213 os monges beneditinos lhes doaram uma pequena porção de terra, por isso chamada “Porciúncula”, na qual estava localizada a Igreja de Santa Maria dos Anjos (ver figuras 6 e 7), que foi deixada aos seus cuidados²². Em volta dela, construíram um abrigo simples, constituído de pequenas cabanas individuais, para servirem de celas, e uma sala para a realização de reuniões e refeitório.

*“Construíram diversas cabanas, com ramos entrelaçados e rebocados com argila como se fosse o nosso conhecido estuque, e coberto de folhas. As cabanas ficavam próximas à Igreja de Santa Maria dos Anjos. Podemos considerar que este foi o primeiro convento franciscano”.*²³

¹⁸ LE GOFF, 2001:76.

²² SPOTO, 2002:275.

²³ Esta informação está disponível no site <http://www.apostolado.sites.uol.com.br> (acessado em 05 de outubro de 2204), juntamente com o desenho atribuído a Frei São Bernardo de Siena OFM (1380-1444) (fig, 8) o qual, considerado como um protótipo do convento franciscano, era “cercado por mourões de madeira e árvores plantadas”.



Figura 06 e 07 – Capela da Porciúncula, hoje no interior da Basílica de Santa Maria dos Anjos, em Assis, Itália

Fonte: Revista Arte e História de Assis, 108

Não foi possível localizar registros iconográficos mais precisos acerca da feição arquitetônica daqueles abrigos iniciais, excetuando-se o desenho atribuído ao Frei Bernardino de Siena OFM (1380-1144), o qual, embora não tenha sido possível averiguar a fidedignidade da imagem nem, tão pouco, identificar referências mais concretas sobre a mesma, não chega a contrariar os dados disponibilizados na historiografia consultada (ver figura 08).

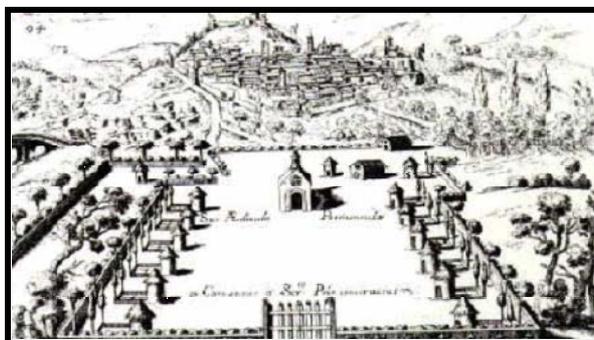


Figura 08 - Modelo do primeiro convento franciscano, segundo desenho de São Bernardo de Siena
Fonte: <http://www.apostolado.sites.uol.com.br> - acessado em julho de 2004.

Fazendo uma análise desta representação daquele abrigo localizado na Porciúncula, percebe-se uma apropriação espacial muito própria do franciscanismo, destacando-se a simplicidade arquitetônica, mesmo porque o movimento estava em estágio inicial e o grupo encontrava-se coesamente comprometido e imbuído dos ideais propostos por São Francisco. Firmado o compromisso com a simplicidade e o despojamento, visualiza-se, entretanto, uma preocupação em elaborar esteticamente o espaço disponível através da manipulação consciente dos elementos da paisagem e dos elementos que a ela foram agregados.

No que se refere à implantação no sítio, percebe-se aí uma intenção de organização do espaço, a definição de contornos limítrofes, a exemplo das futuras cercas conventuais, e a presença da vegetação, constante em cada canto da composição.

Em relação à essa implantação, verifica-se a proximidade à cidade de Assis, que é vista ao fundo. Perto o suficiente para possibilitar a facilidade no desempenho das tarefas urbanas e longe o necessário para manter os momentos de interiorização preservados. O espaço conventual é delimitado por uma cerca ritmada por aberturas. Justamente por isso, essa delimitação não é tão incisiva que impossibilite o acesso daqueles que os procuram. A porta não aparece como um elemento que sinaliza para a barreira, mas sim para o contato

pois, ao mesmo tempo em que permite aos frades saírem em busca do povo, é a mesma que permite o acesso desse mesmo povo em direção aos frades.

A exemplo dos conventos atuais, as celas estavam distribuídas próximas uma das outras, em torno de um lugar comum, uma espécie de terreiro (que lembra os claustros), que encaminhava a todos para a capela, ponto destacado no lugar. Aparecem ainda, na figura, pequenas cabanas destinadas ao uso coletivo. Esses lugares eram importantes dentro do espírito proposto para o grupo pois consolidavam a união e a integração dos seus elementos através dos momentos de atividades em grupo, onde laços poderiam ser reforçados, tais como, as refeições, a leitura da Regra, as orações, etc.

O lugar não era descampado; as árvores e vegetação são preservadas e arrumadas segundo, o que parece ser, uma intenção paisagística, no sentido de integrar a construção e a vegetação.

Essas primeiras casas eram marcadas pela simplicidade e despojamento. Sua função principal era proporcionar o abrigo dos religiosos nas poucas horas de descanso que tinham em meio às obrigações diárias de evangelização e dos trabalhos para seu próprio sustento, bem como realizar o Culto Divino e receber as centenas de pessoas que iam à busca de orientação espiritual:

“Respecto a la arquitectura decir que en la legislación primitiva de la orden nunca se menciona el término convento, sino sencillamente los lugar [sic] o eremitorio para designar la morada pobre, humilde aislada en que vivían los primeros frailes menores. Tampouco quiere utilizar el término casa, sino el lugar, como en estas expresiones: ‘En los lugares que habitem los frailes...’; ‘si hay en el lugar varios sacerdotes...’; ‘construir un lugar’²⁴,

A escolha da palavra “lugar” na citação acima, como referência à moradia dos frades, já indica uma preocupação que transcende ao conceito do espaço construído – edifício. Ela sinaliza para algo mais profundo, que nos remete à apropriação do espaço valorizado por si mesmo, síntese da relação homem – natureza. Lugar como altar vivo onde

²⁴ <http://www.sanantoniocolegio.com/organiz/65tema05.htm> (acessado em 05 de setembro de 2004). As informações contidas nesse site coincidem com outras obras pesquisadas e disponíveis na bibliografia citada, tais como: LE GOFF (2001) e SPOTO (2002).

o sagrado poderia se manifestar vibrante, dinâmico. Na Idade Média, período que largamente utilizou a simbologia e a imaterialidade para se reconhecer, havia tênue distância entre o espaço – lugar real e o espaço – lugar imaginário.²⁵

Por outro lado, São Francisco sempre demonstrou interesse pelos eremitérios, “*retiros na solidão*”²⁶, que se ligavam à tradição eremítica que ele valorizava no que ela representava em termos da introspecção necessária à transcendência espiritual e do distanciamento em relação à futilidade e desregramento que o século poderia oferecer.

No início do século XIII, o grupo já havia crescido bastante e, após o Capítulo Geral da Porciúncula, realizado em 1217, reconhece-se a necessidade de atravessar fronteiras. Agrupados dois a dois, os Frades Menores se espalham pela Europa criando novas comunidades fraternas na Península Ibérica, atingindo também o Oriente.

Logo chegam à região, onde hoje é Portugal, os primeiros representantes da ordem, os quais se estabeleceram, inicialmente, nas cidades de Alenquer, Guimarães, Lisboa e Coimbra. Por essa época, já havia sido criada a Província de Espanha e, em 1233, ela foi dividida em três outras províncias: Astúrias, Castela e São Tiago²⁷. Naturalmente, as instalações dos primeiros frades eram abrigos simples como aqueles da Porciúncula²⁸. O seu objetivo primordial era alargar os limites da disseminação da palavra cristã.

Formava-se depois a Custódia de Portugal ligada à província espanhola de São Tiago e, ao longo dos anos, até o final do século XIII, foram implantadas na região várias comunidades. A penetração dos franciscanos nas terras lusitanas não foi fácil uma vez que, devido ao caráter revolucionário de sua mensagem, sofreram rejeição por parte dos senhores feudais e dos religiosos da região²⁹. Vários bispos chegaram a ser advertidos pelo Papa devido à conduta agressiva, e mesmo violenta, que tiveram para com os frades.

²⁵ Na Idade Média, se manteve a visão clássica de espaço, herdada de Aristóteles, segundo a qual o espaço era visto como lugar. Cf. GALCERAN, 1981:45.

²⁶ LE GOFF, 2001:97.

²⁷ TEIXEIRA, 1999:30.

²⁸ Idem, 31. O autor informa que, no início, tais abrigos tratavam-se, apenas, de simples eremitérios ou oratórios.

²⁹ PACHECO, 1982:9 e TEIXEIRA, 1999:18-19.

Algum tempo depois, em 1221, São Francisco escreveu a Regra, ou seja, o documento base da ordem incluindo aí a Regra Dada para os Eremitérios, cujo objetivo era justamente apresentar algumas normas a respeito de como deveriam ser construídos os abrigos dos religiosos: “*E tenham uma área reservada onde cada um tenha sua cela para rezar e dormir*”³⁰.

Um ano antes da morte de São Francisco, em 1225, Jourdain de Giano, um dos líderes da ordem, demonstrava seu apoio aos ideais de São Francisco negando-se a contrariar o espírito da pobreza e desprendimento franciscanos ao afirmar: “*no sé lo que es um claustro; edifique simplemente una casa cerca del río para que podamos bajar a lavarnos los pies*”³¹. A palavra claustro aí aparece como referência ao edifício, mosteiro ou convento, que, naquele momento, não constituía ambição legitimamente franciscana. Pelo menos, não ainda.

O próprio Francisco “*enseñaba a los suyos a hacer viviendas muy pobres, de madera, no de piedra, esto es, unas cabañas levantadas conforme a un diseño muy elemental*”³². Não havia ali a intenção de propriedade ou de permanência; apenas a apropriação temporária e uso no tempo estritamente necessário³³.

A criação daquilo que constituiria a célula dos futuros conventos franciscanos aconteceria em pouco tempo, como consequência dos novos apelos sociais de uma Europa medieval em pleno processo de mudança e transformação, bem como constituindo uma resposta à sociedade que, frente aos desvarios da sociedade eclesiástica de então, ansiava por uma proposta teológica mais condizente com a doutrina cristã.

Diante das contingências de uma Igreja que ele queria vivenciar de modo diferente, mas que, ainda assim, respeitava profundamente, São Francisco enquadrou-se no sistema estabelecido, mas nunca deixou de posicionar-se frente à uma proposta nova, optando pelo convento e não pelo mosteiro assim como se reconheceu a si e aos seus companheiros como frades e não como monges. A palavra monge, que vem do grego “*monos*”, remetia à

³⁰ FONTES FRANCISCANAS 1, 1999:76.

³¹ <http://www.sanantoniocolegio.com/organiz/65tema05.htm> (acessado em 05 de setembro de 2004).

³² Idem.

³³ LE GOFF, 2001:82, cita a reunião, em 1217, para a qual foram construídas cabanas de pau-a-pique.

solidão, condição de isolamento em relação ao outro, enquanto que frade, do latim “*frater*”, irmão, era aquele que vivia junto ao outro, dividindo e sofrendo com ele o cotidiano³⁴. Tal posição se encaixava com a perspectiva missionária de São Francisco³⁵.

Entretanto, o consenso não durou muito tempo e, ainda em vida, São Francisco assistiu às primeiras dissidências no grupo quando alguns queriam continuar obedecendo estritamente às regras iniciais enquanto outros defendiam a necessidade de serem feitas algumas concessões, possivelmente, naqueles aspectos que tanto o preocupavam e que significariam uma inversão dos valores evangélicos propostos por ele. Por isso mesmo, tentando defender os princípios originais da sua fraternidade, poucos dias antes de sua morte, ele escreveu um dos seus testamentos, no qual dizia: “*Cuidem-se os irmãos de receber, de modo algum, igrejas, pequenas e pobres habitações e tudo o que for construído para os irmãos, a não ser que sejam como convém à santa pobreza, que prometemos na regra [...]*”.³⁶

Após a morte do líder seráfico, São Boaventura, Ministro Geral da Ordem, inicia no seio do franciscanismo uma fase onde as atividades intelectuais são incentivadas e as ligações dos princípios básicos da ordem com a filosofia começam a ser delineadas³⁷. Neste âmbito, é desenvolvido o Nominalismo, nascido no seio do pensamento franciscano, destacando-se os frades Boaventura (+ 1274), Roger Bacon (1214-1292) Juan Duns Scoto (1274-1308), Guilherme de Ockham (+ 1347). Renomados professores das universidades e destacados pensadores da Escolástica estavam todos preocupados com a problemática da ligação entre a filosofia e a teologia, razão e fé.

³⁴ “*Chamavam-se Fratri minori em contraposição aos magistrados e nobres de Assis que se chamavam maiores*”. SCHENONE, 1992:69.

³⁵ “*Francisco não quer ser monge, uma vez que vai ao meio dos homens e, se a Cúria não lhe tivesse feito uma imposição, teria evitado que seus discípulos formassem uma ordem. Seu ideal de uniformidade, de igualdade, por um lado, e de amor, por outro, leva-o à adoção do termo irmão [frade] para ele próprio e seus companheiros – aquilo que virá a ser sua ordem foi concebida por ele como uma fraternitas*”. LE GOFF, 2001:214.

³⁶ FONTES FRANCISCANAS 1, 1999:131.

³⁷ Com o tempo, “*seu magistério centrar-se-á nas novas instituições de saber – as universidades*”. PACHECO, 1982:8.

São Boaventura via a realidade como uma grandiosa síntese ontológica que nada mais é que a expressão da própria divindade. Neste sentido, a exemplo de São Francisco, ele acreditava que não havia diferenças, separações ou rivalidades entre o mundo, o homem e Deus, constituindo, todos eles, um sistema harmônico sendo Deus o núcleo central desse sistema.

Embora não tenha se envolvido, deliberadamente, com questões intelectuais, os escritos de São Francisco denotam uma clareza de idéias teológica e filosoficamente concebidas.

Na verdade, ele rejeitava o intelectualismo vazio, que separa o homem de Deus e do outro:

“Só terá sentido, dentro do espírito do franciscanismo, enquanto possa corresponder às exigências duma sensibilidade espiritual e deverá afastar-se dum estudo demasiado teórico ou estritamente racional que promova, no fundo, absolutizações inconciliáveis com o texto do Evangelho”³⁸.

Foi através de Santo Antônio de Pádua, doutor da Igreja e o mais notável pregador franciscano da época, que a ordem se abriu à cultura intelectualmente constituída.

Mas, mesmo sem intenção a esse respeito, São Francisco lançou as bases para o desenvolvimento de uma teoria filosófica a partir, unicamente, de sua experiência de vida. Com isso influenciou a elaboração de um pensamento que se refletiu na arte e na filosofia, ao valorizar o particular, o local, e o específico em contraposição ao universal. Isto remete à sua prática de ver o amor de Deus na imagem individual de suas criaturas neste nosso mundo palpável, real.

“Se não criou essa sensibilidade, Francisco a favoreceu e a reforçou. No Cântico do irmão Sol, apesar de uma alusão ao simbolismo do Sol, imagem de Deus, é no sensível, na beleza material que são vistos e amados em primeiro lugar as estrelas, o vento, as nuvens, o céu, o fogo, as flores, a relva”³⁹.

³⁸ PACHECO, 1982:13.

³⁹ LE GOFF, 2001:105.

Com isso ele ampliou a apreensão do outro como uma unidade específica, singular e, portanto, especial, lançando as bases para a ciência experimental que seria desenvolvida posteriormente e tornando-se o pressuposto básico que fundamentou os nominalistas franciscanos.

Esses, envolvidos com as questões científicas, viam na observação experimental da natureza o caminho para o seu estudo e conhecimento considerando inútil a dialética abstrata ⁴⁰.

Essa tendência à valorização do particular, subsidiado pelo pensamento filosófico nominalista é que dá novo fôlego à visão de mundo e conseqüentemente à busca e exploração de novas terras estimulando a expansão geográfica. A partir deles, o mundo é visto e descrito sob novas perspectivas e ângulos.

Foi, justamente, este espírito aberto ao mundo e, de certo modo, aventureiro, que permitiu que *“todas as grandes obras de literatura geográfica e expansionista de cristãos, nos últimos três séculos da Edad Media”*⁴¹ tenham sido redigidas por franciscanos.

Nesse contexto, as descrições e relatos de viajantes franciscanos eram coloridos pela agudeza da observação e detalhamento ao dar conta das novas terras, seu clima, sua gente, formas de morar, seus ritos e costumes, tradições. Diante disto, são considerados como *“principais criadores da mística dos descobrimentos”*⁴². Daí terem estado presentes em todas as grandes viagens transcontinentais de portugueses e espanhóis.

Segundo ARAÚJO⁴³, foi a filosofia franciscana que criou as condições certas para que uma solução artística e arquitetônica adequada ao lugar se estabelecesse como marca incontestada da Ordem. Ele afirma também que daí se dá a ênfase no particular, no que cada ser tem de autônomo, existencial, ontológico.

⁴⁰ CORTESÃO, s.n.t.:39.

⁴¹ Conforme o autor aponta, nesse aspecto, constituem exceção, apenas Marco Pólo e Marino Sanuto. Idem: 41.

⁴² Idem Ibidem.

⁴³ Na palestra “Ética Cristã e o Meio-Ambiente: Os Franciscanos e a Terra Brasilis”, em 09/02/2004, o Profº Dr. Roberto Moreira Xavier de Araújo fez uma interessante explanação acerca do impulso que, sob a orientação do nominalismo franciscano, se verificou nas artes produzidas naquela época.

Nas artes plásticas não se deu diferente, pois, a partir de então, se fez menos referências aos modelos universais e se retoma, de São Francisco, a referência ao individual concreto, particular, material⁴⁴. Giotto, com o afresco da Basílica de Assis, já demonstra a compreensão desse significado ao representar o azul do céu da forma mais próxima do real feito até então, bem como, ao inserir uma paisagem reconhecível ao fundo da composição. A partir de então, triunfam os retratos, as caracterizações passam a ser individualizadas, de acordo com as particularidades do que, ou quem, está sendo representado⁴⁵.

Na área da produção arquitetônica, também houve mudanças. Em torno de 1250, aparecem os primeiros conventos, propriamente ditos, e igrejas da ordem. Pouco tempo depois, em 1260, houve uma reunião em Narbona, quando foram estabelecidas formalmente as chamadas Constituições Narbonenses⁴⁶, sob a supervisão de São Boaventura. Neste encontro foi, enfim, formalizado o modo como deveriam ser as expressões artísticas e arquitetônicas franciscanas. Não era mais possível obedecer estritamente à Regra pensada por São Francisco, mas procurou-se manter, na medida do possível, o despojamento e a austeridade inerentes ao seu pensamento.

A arquitetura conventual franciscana, em seus primórdios, baseou-se na tipologia dos mosteiros medievais já existentes, diferenciando-se apenas na insistência à simplicidade e na preferência por localizar-se junto às cidades.

A estrutura de mosteiro encontrada na Europa, cujo elemento definidor era o claustro, foi estabelecida desde o século IX, no Mosteiro de Saint Gall, na Suíça (ver fig. 02). Após isso, poucas foram as modificações detectadas na morfologia conventual, como um todo. Foram as ordens mendicantes, surgidas no século XIII, que provocaram transformações significativas “*uma vez que [entre outras coisas] tanto franciscanos quanto*

⁴⁴Jacques Le Goff, 2001:103, explica que, via São Francisco, foram “*introduzidos na iconografia o retrato e a paisagem. Dele viriam na arte o realismo e a narrativa*”.

⁴⁵ Cf. FEDELI, Filosofia e Escultura na Idade Média [on line].

⁴³ Ver anexo 1.

⁴⁴ VILLAMARIZ, 2002:30.

*dominicanos irão recusar o dormitório comum e adotar o uso de celas individuais”*⁴⁷. Justamente por conta disso, em Portugal, surgem também os claustros com dois pisos.

Outra inovação lançada pelos mendicantes foi a proximidade aos centros urbanos e isto condicionou algumas das características dos seus conventos: já que a própria estrutura da cidade podia dar-lhes sustentação em algumas das suas necessidades foi suprimido parte da tipologia herdada do programa monástico tradicional⁴⁸.

Com o tempo, resistências são vencidas, ideais antigos são superados e as antigas cabanas vão ganhando formas e expressões arquitetônicas de maior impacto. Proporcionalmente ao crescimento da ordem, houve o distanciamento dos valores propostos por Francisco de Assis. Os Frades Menores procuraram, no entanto, salvaguardar no franciscanismo algo da essência primitiva que permeava os primeiros membros da ordem, através de detalhes presentes na sua produção arquitetônica. À estrutura modesta primitiva, composta de celas individuais, refeitório, sala do capítulo e capela, foram incorporados outros espaços e a tradição conventual européia é absorvida, sendo a ela acrescentados novos programas, novos detalhes construtivos, de acordo com as inovações e estilos artísticos de cada época.

Destaca-se aí o claustro, pois, como nas demais ordens, se trata de um elemento definidor do espaço e da estrutura conventual desde os primeiros mosteiros medievais: “*Se a igreja é a cabeça, o claustro é o coração de todo o complexo conventual*”⁴⁹. Sua morfologia básica, definida, também, desde Saint Gall (ver fig. 02, pp. 9), se propagou por todos os mosteiros e conventos que vieram a partir de então.

Caracterizado pela decoração sóbria, trata-se de uma galeria geometricamente inscrita num espaço quadrangular, colocado na lateral da igreja, em torno do qual estão dispostos os demais ambientes do convento onde os frades desenvolviam atividades em comum. Espaço articulador da estrutura conventual é quase sempre passagem obrigatória

⁴⁸ Cf. GOROWITZ, Genealogia dos Espaços Universitários. [on line]

⁴⁶ VILLAMARIZ, 2002:29.

⁴⁷ Idem ibidem.

uma vez que, através dele se acessa à igreja e a maioria dos demais ambientes do prédio. Caracteriza-se por uma série de arcadas sustentadas por pilastras ou colunas e uma área aberta com um jardim, “*numa associação simbólica com o paraíso*”⁵⁰. Dentro desse espírito de associações simbólicas herdadas de tempos remotos, geralmente, havia uma fonte, no centro do jardim aludindo às conotações representativas que envolviam estes elementos: plantas/água⁵¹.



Figura 09 – Claustro – Santuário de São Damião onde foi composto o Cântico das Criaturas, em Assis, Itália.

Fonte: Revista Arte e História de Assis, pg. 114.

Percebe-se aí, também, a necessidade de preservar algo daquela intimidade com a natureza, já que esta, através do claustro, era transportada para o interior do prédio. E nesse aspecto, os franciscanos destacavam-se, pois sob a influência do criador da Ordem, São Francisco, já a tinham como irmã. Ali se podia, de certa forma, restabelecer o “lugar” tão caro ao pensamento franciscano.

Geralmente instalados em terrenos decorrentes de doações, quase sempre, essas foram aumentando levando à ampliação das propriedades possibilitando o surgimento dos grandes quintais, genericamente chamados de cercas conventuais, onde havia o cultivo, os

⁵¹ Idem, 31. A autora diz que “*dentro do mosteiro, o verdadeiro espaço do paraíso era o claustro, com o seu jardim carregado de associações, que passavam pelo simbolismo das plantas – a rosa, por exemplo, simbolizava o sangue de Cristo – e pelo paralelismo da água – existente numa fonte ou mesmo no lavabo – com os rios que cruzavam o Jardim do Paraíso*”.

pomares, as hortas e as atividades criatórias. Trata-se de um espaço que permitia à Ordem a ampliação, ao longo do tempo, do núcleo primitivo.⁵²

Naquela época, suas igrejas eram sóbrias e nuas dos adereços considerados alienantes; vastas para que todo o povo de Deus, e não apenas os clérigos, pudessem usufruir do Culto Divino; lugar de encontro iluminado pelos vãos alargados e pelos vitrais transparentes⁵³. Nelas percebe-se o estrito ajustamento às necessidades inerentes à sua função.

Entre 1311 e 1312 aconteceu o Concílio Ecumênico de Viena que resultou em transformações no seio das diversas ordens religiosas. Decisões fundamentais para a história da Ordem do Frades Menores foram tomadas naquela ocasião.

A partir desse Concílio, consolida-se no movimento franciscano duas correntes formadas pelos chamados conventualistas (mais relaxados em relação à disciplina imposta pela Regra) e observantes (mais rigorosos na obediência e fidelidade à Regra). A divergência que as animava era de ordem teológica, mas refletiu-se diretamente na arquitetura conventual. Daí surgiram, originários do primeiro grupo, os conventos amplos, investindo em uma espacialidade voltada para a vida em comum, construídos próximos às cidades e desenvolvendo, entre outras coisas, atividades educacionais voltadas para as populações urbanas. Em relação ao voto de pobreza não eram tão rígidos já fazendo algumas concessões àquele que foi o primeiro dos compromissos do franciscano.

Já os observantes primavam pela continuidade de uma arquitetura mais simples e despojada, construída em lugares isolados no meio rural embora desenvolvessem atividades missionárias no meio urbano. Não faziam quaisquer restrições à Regra preferindo continuarem a segui-la integralmente.⁵⁴

⁵² FERNANDES, 2002:84, informa que, em relação ao Convento de São Francisco, em Évora, Portugal, da sua fundação no século XIII até o século XV, sua estrutura espacial foi valorizada pelos vários elementos que a ele foram sendo somados tais como a horta e o curral, entre outros.

⁵³ DUBY, 1979:225.

⁵⁴ http://pwp.netcabo.pt/externatodaluz/html/em_portugal.htm, acessado em 15 de maio de 2005. Sobre o mesmo tema, Cf. também TEIXEIRA, 1999:25.

Em Portugal, a presença franciscana contribui para a introdução do estilo Gótico⁵⁵. Ali, especialmente, sua produção arquitetônica havia assumido proporções gigantescas; os conventos se espalharam por todo seu território e acabaram criando uma verdadeira tradição neste sentido. Esta tradição foi um legado deixado pelos colonizadores portugueses em todas as suas colônias ultramarinas.

A partir do antigo Convento de São Francisco, em Évora, exemplar datado de pouco antes de 1226, se criou um protótipo de convento franciscano no país. Entretanto, dos “*humildes começos do primeiro quartel do século XIII*”, preservou-se apenas o claustro e a “*preeminência vaidosa no contexto urbano*”⁵⁶. As mudanças no programa e na tipologia originais, conferidas ao longo do tempo, consolidaram uma nova morfologia que virou referência para os demais conventos portugueses, inclusive monumentalidade, preferência pelos quadriláteros regulares, as volumetrias geométricas, claustros de boa erudição tratadística, ampla nave única, capelas laterais, torre sineira recuada.

Contemplando, novamente, o cenário mais amplo, onde a Europa se movia, há de se lembrar que, até a Idade Média, o imaginário coletivo compreendia a natureza pelo olhar da religião, seja pela herança da cultura pagã, seja pela Escolástica com sua fundamentação teológica e filosófica. No entanto, perspectivas de mudança gestadas na Baixa Idade Média atingem seu ápice durante o período denominado Renascimento. As rupturas se fazem sentir em todos os campos. O imaginário coletivo é permeado por novos ícones. O homem, em sua integridade ontológica, se vê elevado a patamares nunca vistos.

A partir do século XV, circunstâncias artísticas e estilísticas diferentes, bem como as mudanças que se fazem sentir em todos os campos, influenciam a cultura em geral uma vez que as amarras, teológicas e metafísicas medievais, que condicionavam a visão da natureza apenas àquilo que se moldava com seus propósitos para fins religiosos foi se extinguindo aos poucos. Livre daquilo que funcionava como uma verdadeira “*servidão teológica*”, as expressões artísticas tomam a natureza (e tudo que a conforma) como

⁵⁵ “A arquitetura gótica entra em Portugal através das ordens mendicantes que, sem modelos acabados, transportam um programa comum de simplicidade e depuração”. COSTA, 1989:28.

⁵⁶MOREIRA, 2002:25. Entretanto, esse autor deixa bem claro que, mesmo tendo herdado a tradição portuguesa no que se refere à arquitetura conventual, os conventos franciscanos brasileiros não encontram “*paralelo na metrópole*” já que aqui foi estabelecida uma feição muito própria e específica.

modelo, como objeto e como canal de acesso ao conhecimento, inclusive dela mesma. Ela passa, então, a ser vista, a partir do seu valor em si mesma e não como símbolo do divino: “A beleza do universo surge ao artista, ainda impregnado de misticismo, como a imagem (e não já o símbolo) do paraíso”⁵⁷. Desse modo, a mesma natureza que foi amplamente utilizada como “arma a serviço da religião” foi também “arma que alguns filósofos pretenderam dirigir contra ela”.⁵⁸

Mudanças próprias do passar do tempo estabelecem a comunicação da produção arquitetônica franciscana com novas linguagens artísticas e culturais. Novos sentidos históricos são delineados e os conventos refletem isso na sua conformação física, sua tipologia arquitetônica, seus aspectos estilísticos e artísticos. A própria mudança na apreensão da natureza, condicionada por diferentes visões, levam a transformações na conformação arquitetônica dos conventos franciscanos.

As igrejas conventuais foram especialmente favorecidas no período denominado Barroco uma vez que, em cada detalhe do prédio era possível acrescentar-lhe a monumentalidade e efusiva plasticidade própria daquele estilo. Neste sentido, os retábulos, os forros, as tribunas, as sanefas, os púlpitos, as portadas, enfim, todo um recheio artístico foi enriquecido por uma gramática mais rebuscada onde havia fortes ligações entre a arquitetura, a escultura e a pintura⁵⁹. Em alguns claustros apareceram, também, a decoração com grandes painéis de azulejos com temas religiosos e suas arcadas e colunas esculpidas em cantaria.⁶⁰

⁵⁷ BAZIN, 1980:175.

⁵⁸ ROSSET, 1989:43.

⁵⁹ COSTA, 1987:30, afirma que “Em Portugal, só com o ouro do Brasil, no século XVIII, vai ser possível fazer recurso de uma linguagem mais emotiva e mais dinâmica, na linha das novas orientações programáticas da Igreja”.

⁶⁰ “Quanto à exuberante riqueza de arte aplicada em sua Igreja, os franciscanos a motivaram com o conceito, então em voga, de que para o culto divino todo o ornato seria pouco. Valia tal justificativa também para a Sacristia, dependências da Igreja, para o claustro inferior [térreo], pelas costumeiras rasouras (procissões internas) e para a Sala do Capítulo.” Ministério da Educação e Cultura/IPHAN, 1978.

O aparecimento das Ordens Terceiras de São Francisco⁶¹ entidades religiosas leigas surgidas por volta de 1221, desencadeiam, gradativamente, mais espaço construído e imponência para os conventos. Em alguns deles, as capelas dos terceiros aparecem apenas como um elemento perpendicular à nave da igreja e, em outros, constituem um edifício separado, com capela, sacristia, consistórios e muitos outros ambientes, alguns incluindo até um claustro particular.

Outra peculiaridade das igrejas franciscanas é a torre sineira única e recuada do plano da fachada⁶². Esta, a exemplo das torres de vigia das antigas fortificações medievais, é constituída de aberturas pelas quais se vê todo o entorno.



Figura 10 – Convento de São Francisco (séc. XIII) – Bragança – Portugal
Fonte: <http://www.aatt.org/pag.php?id=33> (acessado em setembro 2005).



⁶¹ Criadas no movimento franciscano em 1221, permitiram a ampla participação dos irmãos leigos sem a necessidade do voto de castidade.

Figura 11 – Convento de São Francisco (séc. XIII) – Região do Alentejo – Portugal
Fonte: <http://viajar.clix.pt/com/fotos.php?id=995> – (acessado em setembro 2005).

Aquela advertência de Jourdain de Giano, feita em 1225, de que as habitações deveriam se localizar próximas aos cursos de água, veio sendo cumprida na maior parte dos conventos franciscanos chegando a tornar-se um dos costumes da ordem.⁶³ Essa estratégia propiciou não apenas a solução para exigências de ordem física (abastecimento, irrigação, canais hidrográficos de comunicação), mas também os de ordem religiosa através da contemplação do grande espetáculo que a natureza pode oferecer e, pelo qual os frades se aproximariam de Deus, via meditação. Além disso, havia toda a simbologia da água como elemento purificador, elemento do qual os conventos aproximavam-se, seja através da implantação nos sítios servidos por canais hidrográficos, seja através das várias pias de água benta e lavabos estrategicamente dispostos ao longo de todo o prédio conventual.

Em relação aos aspectos urbanos, pode-se identificar uma predileção no localizar-se em áreas próximas às cidades como uma característica própria dos religiosos franciscanos, condicionada pela sua proposta de não se isolar do povo e, permanentemente, desenvolver um trabalho missionário junto a ele. Desse modo, era possível unir a vivência contemplativa à vivência ativa. Some-se a isso a mendicância praticada pelos frades, a qual seria prejudicada caso estivessem distanciados. Devido a essa inserção nos núcleos das vilas e cidades, o edifício conventual atuou como um elemento decisivo e definidor das estruturas urbanas em evolução, salientando-se pela monumentalidade dos blocos formadores que se destacavam em meio ao tecido urbano. A respeito da localização do Convento de São Francisco, em Évora, Portugal, é sabido que “*o local, como foi prática dos franciscanos, situava-se perto dos muros da cidade (a cerca velha), entre ferragias e hortas*”⁶⁴.

1.2.1 . A Forma Franciscana na Paisagem Brasileira

⁶² Estudos identificaram, em Portugal, nas igrejas rurais e populares da região do Alentejo (do século XVII) e em antigas igrejas românicas, alguns elementos definidores da fisionomia arquitetônica franciscana: alpendre e torre sineira lateral. Cf. CAMPELLO, 2001:50-51.

⁶³ MARX, 1989:213.

⁶⁴ BRANCO, 2002:12. O autor acrescenta que “*essa localização do mosteiro junto à cidade mas com vista para a campina tinha por certo como paradigma a da casa-mãe em Assis*”.

Estes mesmos paradigmas acima apresentados foram seguidos no Brasil. Na ocasião da chegada de Pedro Álvares Cabral, estavam integrados à sua comitiva oito frades franciscanos, cujo superior era Frei Henrique de Coimbra, a quem coube a celebração da primeira missa no lugar recém-descoberto. Desde então, houve a intenção de alguns frades de permanecerem aqui. No entanto, apesar da vinda esporádica destes, só a partir de 1580 um grupo, finalmente, se estabeleceu participando ativamente do projeto colonizador e evangelizador português⁶⁵.

O século XVI brasileiro foi marcado pela fundação de cinco conventos, sendo o primeiro em Olinda, em 1585, seguido de Salvador, em 1587, depois Igaracu, em 1588, Paraíba, em 1589 e, por último o do Espírito Santo, em 1595. A partir de então, muitos outros foram erigidos, inclusive em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Inicialmente, foi criada a Custódia de Santo Antônio, em Olinda, ligada à Província-mãe, em Portugal⁶⁶. O objetivo primordial dos frades era a catequese dos indígenas. Para tal, espalharam-se pelo litoral nordestino. Ao iniciarem um novo trabalho missionário, colocavam o cruzeiro, chamado “calvário”, na entrada da aldeia e estava, assim, estabelecida a missão.

Uma das mais antigas missões foi a criada em Alagoas, a qual, sob a invocação de Nossa Senhora das Vitórias, se propôs a evangelizar os índios aldeados em Porto de Pedras. Isso se deu entre 1596 e 1619⁶⁷ e, concluído o trabalho e havendo um processo colonizador emergindo, os frades se retiraram do lugar. As últimas missões franciscanas foram na região do Amazonas, datadas do final do século XIX.

No século XVII houve a autonomia da Custódia brasileira quando foram criadas a Província de Santo Antônio, em 1647 e a Província da Imaculada Conceição, em 1675. A primeira teve 13 conventos entre os estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e

⁶⁵ “Mas o estabelecimento mesmo da Ordem Franciscana no Brasil está ligado à conquista da Paraíba, lá pelos anos 1580, pois esta foi bem penosa e difícil”. HOORNAERT, 1977:33.

⁶⁶ Província era o conjunto de conventos que constituíam uma unidade com governo autônomo, tendo como superior o Provincial enquanto a Custódia era o conjunto de conventos, gozando de relativa autonomia. O superior era o Custódio. WILLEKE, 1978:8.

⁶⁷ Idem, 40.

Bahia. A segunda estabeleceu-se na faixa litorânea do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo e teve 8 conventos.

Ainda no século XVII, foi criado o Comissariado de Santo Antônio do Grão-Pará, englobando o Pará e o Maranhão.

As missões não costumavam resultar em um convento já que isso era consequência do pedido originado de um núcleo urbano já constituído. Além disso, para que ele fosse construído, era preciso uma licença especial do governo luso e isso, quase sempre, demandava um longo processo. Geralmente, as próprias populações das vilas pleiteavam a presença dos minoritas, em função de necessidades de ordem religiosa.

Os conventos franciscanos se espalharam por algumas regiões brasileiras, mas foi no Nordeste que se impuseram de tal forma no cenário urbano das vilas de então, que chegaram a constituir a chamada “Escola Franciscana do Nordeste” (PE, BA, PB, SE, AL)⁶⁸. Tratam-se de verdadeiros complexos arquitetônicos formados por convento, igreja e capela da ordem terceira (ver fig. 12, pp. 31). Esses complexos,

“Surgiram e desenvolveram-se no Nordeste em função de zonas agrícolas prósperas, produtoras de açúcar. A riqueza das propriedades à sua volta foi o que permitiu o florescimento das belas cenografias de seus adros e fachadas”⁶⁹.



Figura 12 – Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Penedo-AL /Convento de Stº Antônio – João Pessoa-PB /Convento de Stº Antônio – Igarassu-PE /Convento Nossa Senhora das Neves – Olinda-PE /Convento de Stº Antônio Recife-PE. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “Estudos da Paisagem”/UFAL

⁶⁸ BAZIN, 1956.

⁶⁹ CAMPELLO, 2001:86.

Seguindo aquele pressuposto lançado por São Francisco, de valorização das particularidades em detrimento dos valores universais, as edificações adaptavam-se às características locais, pois ao contrário de outras ordens que traziam as plantas prontas da Europa, entre os franciscanos eram feitas no próprio lugar por um arquiteto da ordem⁷⁰. O mais antigo dos arquitetos a atuar no Brasil foi Frei Francisco dos Santos, um dos superiores do convento da Bahia. Havia também outros, tais como um homônimo de Frei Francisco dos Santos e Frei Daniel de São Francisco. No entanto, havia obras que seguiam riscos de leigos como o Mestre Gonsalves, de Olinda. A historiografia acena com a possibilidade da existência de oficinas ambulantes que, fazendo o circuito das vilas onde havia os conventos, iam executando neles variadas obras⁷¹. Tal possibilidade não é de forma alguma inconsistente, pois a partir de uma investigação cuidadosa, alguns estudiosos já vêm detectando várias similitudes em conventos diferentes o que demonstra, se não o mesmo artista, pelo menos uma uniformidade no estilo que remete à uma oficina de arte.

O legado iconográfico holandês, deixado por Frans Post, disponível no Livro de Barléus realizado em pleno século XVII, fornece uma preciosa pista de como foram os primitivos conventos franciscanos do Nordeste. Essas informações, somadas aos documentos, permitem conhecer desde o material utilizado (palha, taipa, madeira, pedra e cal, tijolos) até a questão formal e estilística. Não resta dúvida que, em seus primórdios, se tratavam de simples abrigos com uma capelinha, construídos a partir da adaptação de uma tipologia secular aos materiais disponíveis na região.



⁷⁰ WILLEKE, 1973:2
colônia os modelos e f

⁷¹ BAZIN, 1956:138.

suítas propagavam na

Figura 13: Igreja de Cosme e Damião em Igarassu, séc. XVII. Óleo sobre madeira.

Fonte: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes

Um interessante elemento aparecia na frente da igreja conventual: um alpendre (ver fig. 13). Com o tempo, estes alpendres vieram a transformar-se nas galilés, que vemos até hoje. Trata-se de um espaço articulador, elemento de transição localizado entre a igreja e área externa, para a qual se abre através de arcadas (algumas tem portadas esculpidas, outras gradis mais simples)⁷².



Figuras 14 e 15 – Galilé do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu – Recôncavo Baiano

Fonte: Pedriane Dantas, 2004

Com a invasão holandesa, vários conventos foram incendiados e destruídos. A partir de 1684, com a expulsão dos invasores flamengos, eles foram reconstruídos já primando por uma elaboração construtiva e plástica bem maior. Inicia-se, a partir de então, o chamado “*áureo período de obras*”⁷³ que vai durar até o século XVIII. Até porque, este

⁷² Os monges beneditinos também usavam uma galilé na fachada de seus mosteiros, bem como um único campanário. Já os jesuítas, usam o campanário único mas não a galilé. “*Os franciscanos, porém, se distinguem sempre pelo recuo do campanário*”. Idem, 154.

⁷³ CAMPELLO, 2001:39.

momento estava coincidindo com a linguagem barroca se implantando e em plena articulação com o processo cultural e econômico vivido pelo Brasil colônia⁷⁴.

Nos conventos franciscanos, a natureza aparece como protagonista da mensagem arquitetônica, mas essa relação não se esgota na sua mensagem física. Sua arquitetura é permeável e nelas a relação com a natureza se faz perceptível não apenas na sua realidade material, construída, mas também na sua essência espacial ao permitir que a paisagem adentre pelas janelas, jardins, quintais, pela mensagem iconográfica dos elementos artísticos integrados à arquitetura, destacados pela sua inspiração fitomorfa, zoomorfa e antropomorfa. Toda a experiência visual e sensorial do edifício remete ao envolvimento com a paisagem natural que o cerca.



Figuras 16 – Convento de Santo Antônio do Paraguaçu – Recôncavo Baiano
Fonte: Pedriane Dantas, 2005.

Como mostra Zanine,

“os conventos franciscanos em todo o Brasil caracterizam-se por uma organização espacial muito adequada ao nosso clima, à trama dos núcleos urbanos onde surgiram e no que respeita à topografia e à paisagem, revelam grande sensibilidade”⁷⁵.

⁷⁴ Entretanto, destacam-se seus claustros de decoração simples, que impregnam o ambiente conventual de sobriedade e discrição. CAMPELLO, 2001:60-61, reconhece a influência da Casa de Nossa Senhora da Saúde dos Irmãos Terceiros de Arrábidos, em Santarém, Portugal, na configuração geral dos claustros franciscanos brasileiros.

⁷⁵ ZANINE, 1981:1.



Figuras 17 e 18 – Convento de Santo Antônio de Paraguaçu – Recôncavo Baiano
Fonte: Pedriane Dantas, 2004./ Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Penedo/AL
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “Estudos da Paisagem”/UFAL

A tradição arquitetônica franciscana, de origem italiana, se desenvolveu amplamente em Portugal e, desse país sofremos a influência direta. Entretanto, no Brasil, particularmente no Nordeste, sob as especificidades da dinâmica social e cultural própria da colônia, foram agregados novos valores o que torna sua mensagem única em meio aos conventos espalhados pelo mundo⁷⁶.

Conclui-se este capítulo com Gilberto Freyre, quando, ao se referir à obra dos franciscanos em terras brasileiras, diz:

“Em todos eles há aquele ‘pragmatismo experimental’ dos franciscanos em face do mundo: aquele seu gosto pelo estudo direto da natureza diferente da européia; sua humildade diante dos fatos; sua capacidade de entusiasmo por cores e formas de gente e de paisagem, diferente das clássicas ou das greco-romanas”⁷⁷.

⁷⁶Um dos maiores estudiosos da arquitetura religiosa barroca brasileira, Germain Bazin mostra que “os conventos franciscanos desta região [Nordeste] apresentam soluções inéditas, cujo desenvolvimento lógico, que tem como ponto de partida tipos formados na segunda metade do século XVII, pressupõe uma verdadeira escola de construtores pertencentes à ordem”. BAZIN, 1956:137.

⁷⁷ FREYRE, 1959:60.



CAPÍTULO 2

O Complexo Conventual de Santa Maria Madalena

2.1 . PERFIL HISTÓRICO, ARQUITETÔNICO E ARTÍSTICO DO ANTIGO CONVENTO

Desde seus primórdios, a Capitania de Pernambuco evidenciou-se na colônia portuguesa pelo seu desenvolvimento econômico conseqüente do grande número de engenhos que alimentavam a próspera indústria açucareira. Na época, a região sul, que hoje compreende o estado de Alagoas, contava também com alguns engenhos e fazendas, sendo parte do contingente da população dessa capitania, formada por escravos, o que não é de se estranhar já que era essa a principal força de trabalho utilizada, tanto no meio rural quanto no urbano.

A povoação ao sul da Capitania, a qual veio a dar origem ao município de Marechal Deodoro⁷⁸, impôs-se neste contexto sócio-econômico, evidenciando-se através das atividades agrícolas e pastoris, das quais os registros historiográficos nos dão notícias desde o século XVII.

*“À margem da formosa Manguaba florescia o povoado com sua casaria geralmente tosca, destacando-se, porém, aqui e alli, algumas construções que já não tinham o caracter de acampamento. Eram elos que já prendiam o homem ao solo feraz cultivado fartamente e povoado de gado”.*⁷⁹

⁷⁸No decorrer dos séculos, o atual município de Marechal Deodoro já foi chamado de Alagoa do Sul, passou à condição de vila, em 1636 como Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul e, depois, veio a se chamar Alagoas.

⁷⁶COSTA, 1983:32.

Rapidamente, a povoação denominada de Santa Maria Magdalena da Lagoa do Sul ia se transformando em centro de atividades produtivas. Contribuía para esse desenvolvimento, a proximidade ao Porto dos Franceses, pelo qual a produção agrícola escoava em direção a outros portos, e a sua localização às margens da Lagoa Manguaba, que em muito favorecia o lugar, no que diz respeito às atividades pesqueiras e como excelente canal de comunicação.

Ora sabemos que a Igreja Católica, ao tempo do Brasil colônia, sempre esteve presente no processo de produção do espaço construído, constituindo-se uma das forças do governo português, estando sempre presente no processo colonizador e estruturador da sociedade, fenômeno esse generalizado em toda a colônia. Ao mesmo tempo em que se estratificava e se estabelecia o grupo social, a religião oficial se implantava e se organizava também, confundindo-se num único processo com características que iam muito além dos aspectos puramente espirituais. Por outro lado, a empresa mercantilista portuguesa, tinha na religião, importante aliada e isso, talvez, também explique o fato de que, povoações de pequenas proporções, se empenhassem tanto em edificar tantos templos, singelos no início, mas, depois, imponentes em termos arquitetônicos e artísticos⁸⁰.

Com Santa Maria Madalena a dinâmica colonizadora não foi diferente. Nas primeiras décadas do século XVII já possuía duas capelas singelas, como mostra documentação iconográfica holandesa. A Igreja Católica, através de seus representantes, se integrava àquela sociedade, participando de forma atuante na vida política e cultural do lugar.

Dentro desse contexto histórico e cultural, se instalaram na vila os frades franciscanos (meados do século XVII) que, a custa de doações e esmolas, iniciaram as obras do seu convento.

⁸⁰ Segundo MARX, 1991:19, não era apenas a assistência religiosa ou o acesso aos sacramentos que movia aquela gente na edificação das igrejas; ao status religioso se somava o institucional com “*implicações jurídicas e sociais*”.

Os frades menores, que se fixaram em casas conventuais brasileiras a partir de 1584, em Olinda, foram os primeiros religiosos a estabelecer uma ordem em Marechal Deodoro, a pedido dos próprios moradores.

Em agosto de 1635, frades franciscanos entraram em Santa Maria Magdalena da Lagoa do Sul, junto com uma comitiva fugida dos holandeses.⁸¹ Enquanto a maior parte deles seguiu viagem em direção à Bahia, um grupo menor permaneceu no lugar, incluindo o custódio Frei Cosme de São Damião, e para seu abrigo, levantou, em caráter provisório, uma choupana, feita de palha e ramagem. “*Neste recolhimento, ou casa com oratório*”⁸² moraram até início de janeiro de 1636 quando o custódio, acompanhado de dois companheiros da ordem foi embora. Tendo sido preso pelos holandeses, não deu mais notícias o que levou os frades que haviam ficado no povoado a se deslocarem para a Bahia abandonando o abrigo. Não se tem registro documental da localização exata dessa choupana, mas, se presume que seja a mesma onde, posteriormente, se edificou o prédio conventual definitivo⁸³. Frei Jaboatão OFM, cronista da Ordem, nos dá pista preciosa sobre o assunto, ao descrever a localização do antigo convento:

*“Está situado no mesmo lugar do Recolhimento no fim das ruas da Villa, á parte do Norte, na bayxa sobre as margens da Alagoa, com muro de pedra e cal, ficando-lhe a porta que chamão do carro, junto á praya, e combro da área, que por ella corre”*⁸⁴.

No capítulo de 1657, o custódio Frei Pantaleão Batista, recebeu a petição dos habitantes do lugar, em que se pedia que ali fosse fundada uma casa franciscana.

⁸¹A historiografia descreve essa cena como “*um dos episódios mais comoventes desse período de luta pelo domínio do Brasil, que foi a célebre retirada das Alagoas, quando cerca de 7 famílias das principais da Paraíba e Goiana, fugindo dos holandeses deixaram seus engenhos. De Pernambuco, Sirinhaém e Porto Calvo foram cerca de 39 famílias deixando mais ou menos 50 engenhos e fazendas. Entre homens e mulheres, crianças e escravos e índios, em torno de 7.000 pessoas e 200 carros de bois saíram de Serinhaém durante cerca de 30 dias até a vila de Alagoas com eles estavam uns religiosos tendo como superior Frei Cosme de São Damião*”. QUEIROZ, 1990:38.

⁸² FONSECA, 1874:14.

⁸³ “*Em 1657, a Câmara e o povo da vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul dirigem uma petição a Frei Pantaleão Batista, prelado maior da Custódia de Santo Antônio, da Capitania da Bahia, para ‘mandar levantar um mosteiro no lugar onde esteve (o 1º recolhimento) ou onde melhor lhe parecesse para sua consolação’, petição aquela despachada em 26 de abril do aludido ano de 1657*”. SANTANA, 1970:30.

⁸⁴ JABOATÃO OFM, 1858:608.

Em 1659 foi, enfim, concedida a permissão para a construção de um convento, ampliando, assim, o campo de atuação religiosa dos minoritas, que já possuíam vários conventos espalhados ao longo de todo o litoral brasileiro. Esta medida foi tomada por Jorge de Albuquerque Coelho, então donatário da Capitania de Pernambuco, que aprovou e incentivou o pleito. No mesmo ano, chegaram os primeiros frades. Por esta época, a vila já era freguesia e possuía vigário que celebrava missas e administrava regularmente os sacramentos.

Devido ao seu caráter provisório, bem como, os muitos anos que já se haviam passado, o primitivo recolhimento já não existia e, em 1660, iniciou-se uma nova construção, modesta, porém já revelando suas pretensões de crescimento. Dois anos depois se celebrou nela a primeira missa. É possível que esse embrião do que viria a ser o complexo conventual, como o conhecemos hoje, já tivesse uma estrutura maior, sendo constituído de uma moradia para os frades, conjugada à uma pequena capela. Construída em terreno de propriedade da Irmandade da Conceição (cujo orago era na matriz), durante dezesseis anos, os franciscanos viveram nesta edificação simples, já realizando, na sua capela, as celebrações católicas. Ao término do ano de 1684, finalmente foi passada a escritura do terreno dando a propriedade do lugar à Ordem Franciscana. É certo que o local era apropriado e de acordo com as necessidades materiais dos frades pois, se assim não fosse, eles não teriam aceito a doação. Havia algumas condições naturais que estimulavam os franciscanos a optar por uma ou outra localização nos sítios.⁸⁵

Às margens da lagoa, encontraram o lugar ideal para edificarem seu convento, com espaço suficiente para a expansão arquitetônica e a possibilidade de extensa área de quintal e jardim.

⁸⁵ Frei Basílio Rower OFM, 1947:97, acerca das premissas consideradas pelos franciscanos na escolha do sítio, comenta que eles “*contentavam-se com o terreno suficiente para fazer o Convento, horta e pasto para seus animais*”. Murilo Marx, 1984, vai mais além ao estabelecer a presença de água potável, as vantagens climáticas e a proximidade do centro urbano, como elementos determinantes na implantação conventual.

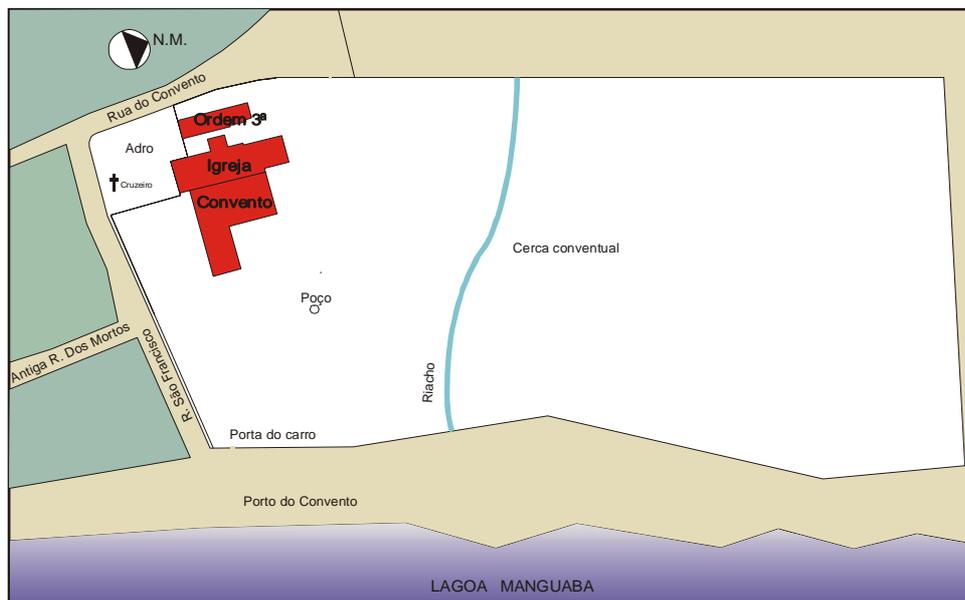


Figura 19 – Planta de localização do complexo conventual em sua feição antiga – sem escala

Fonte: Arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL



Figuras 20 e 21 – Enquadramento ambiental do convento / interior da cerca conventual

Fonte: Pedriane Dantas, 2004

Embora nas cotas mais baixas a área do quintal fosse alagável, tratava-se de um terreno de grande potencial produtivo⁸⁶. Por outro lado, existem ali vários olhos d'água, resultado do lençol freático aflorado, o que garantiria o abastecimento de água sem grandes problemas.

⁸⁶ Em 1989, foi identificada pela UFAL, a pedido da sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, a relação da flora existente na área correspondente à cerca conventual franciscana. Constatou-se haver, na época: 22 árvores frutíferas, típicas da região, 10 ornamentais, 4 tipos de palmeiras, 7 trepadeiras, 21 ervas ornamentais, 4 de forração (ver anexo 2). O objetivo era proceder ao replantio. Hoje, pouco resta dessa flora antiga. Dados obtidos em pesquisa realizada nos arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL, em abril de 2005

Ao mesmo tempo, lembrando o vínculo dos frades com a cidade, eles trataram também de fixar-se em área onde era possível prever um encaminhamento urbano natural em sua direção (ver pp. 15). Isto, certamente, manteria a proximidade junto ao povo já que, uma das características do franciscanismo era conservar-se, estrategicamente, perto das vilas e da sua gente.

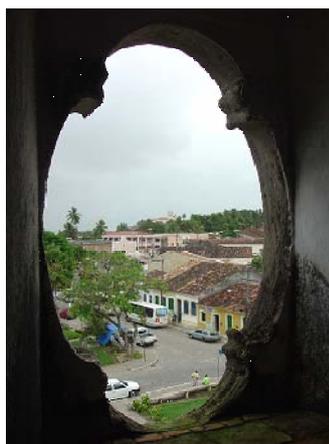


Figura 22 - Vista da cidade de Marechal Deodoro a partir da torre sineira
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

Naquele mesmo ano – 1684 - foi colocada a pedra fundamental da construção definitiva, referente aos alicerces dos corredores do convento. Este momento, deve ter sido marcado por grande solenidade como acontecia em outros locais da Colônia, inclusive mesclando temas de caráter religioso e místico⁸⁷.

Embora, tradicionalmente, a obra franciscana se iniciasse pelo convento, propriamente dito, é possível que, neste caso, tenha sido executada, paralelamente, a edificação da capela-mor (concluída em 1689) e da moradia (concluída em 1723). O antigo recolhimento, ao lado do qual a edificação nova foi feita, deu lugar à nave da igreja.⁸⁸

⁸⁷ FONSECA, 1973:9-10. O Livro dos Guardiães do Convento da Bahia, 1973:13, também se refere à solenidade deste momento.

⁸⁸ BAZIN (1956:142) afirma que “o convento sempre começava a ser construído pela parte destinada à moradia, de necessidade mais urgente à comunidade, isto é, pelo corpo de edificações que margeava o claustro. Em seguida, pensava-se na capela-mor da igreja, a nave só vinha depois e o frontispício era a preocupação final. As galerias do claustro nem sempre eram construídas desde o início”. Tal afirmação é comprovada por Ulysses Pernambucano de Mello Neto (1993), através de prospecções e pesquisas arqueológicas realizadas no Convento de Santo Antônio, em Igarapé/PE.

Não se tem qualquer documento conhecido da autoria do projeto arquitetônico, mas é sabido que a ordem possuía membros que forneciam a planta (risco) e o desenho (traça) da edificação e eles mesmos procediam ao acompanhamento da obra. Possivelmente, com esses arquitetos, havia uma verdadeira oficina ambulante formada por pedreiros, canteiros (entalhavam a pedra), rebocadores (lavravam a pedra e o gesso), carapinas (responsáveis pela derrubada das árvores), carpinteiros (lavravam a madeira, executavam a carpintaria mais delicada), marceneiros e ensambladores (se ocupavam dos encaixes das peças ornamentais), entalhadores, pintores e estofadores (esculpiam, policromavam e estofavam)⁸⁹. Oficina essa que se encarregava de executar a construção, propriamente dita, e a parte referente aos elementos integrados e característicos da arquitetura, em madeira e pedra. Conforme já foi dito anteriormente a similitude de alguns desses elementos presentes nos conventos franciscanos do Nordeste nos remetem à fatura de uma oficina própria da ordem, ambulante, de acordo com as necessidades das obras que se espalhavam da Paraíba à Bahia.

Não há registros mais precisos acerca das técnicas construtivas utilizadas na obra, como um todo, mas é possível que tenha sido executada em alvenaria mista de pedra, em sua forma bruta, e tijolos de barro cozido, sendo suas paredes auto-portantes e, algumas partes, totalmente em pedra e cal como, por exemplo, o muro que cerca seu quintal. Sua cobertura (até hoje) é toda em telha de barro, do tipo capa e canal, sobre estrutura de madeira. Apresenta beirais do tipo beira-seveira, com três camadas sucessivas de telhas.

A pedra calcárea, abundante na região, foi bastante utilizada na confecção de partes da edificação, mais precisamente nos elementos componentes de fachada e outros integrantes das áreas internas do complexo, tendo sido explorada plasticamente apenas nas fachadas da igreja e capela, no claustro e na escada e portada da sacristia. Lavrada, ela aparece nos cunhais, guarnições de portas e janelas, arcos, pilastras, etc.



⁸⁹ BAZIN (1956) e BOTELHO (2004).

Figuras 23 e 24 – Ornatos em pedra calcária - fachada da igreja conventual
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.

Na paisagem interior do prédio, domina o claustro, área das mais significativas do convento, construído dentro de uma gramática austera, onde se destacam as pilastras singulares (ver fig 86, pp.103) e arcadas em pedra; econômico em detalhes ornamentais, mas de efeito grandioso, por sua robustez e simplicidade de formas⁹⁰.

Na parte descoberta, o que pode ter sido um gracioso jardim, foi substituído, em data não identificada, por uma pavimentação fria, com leve inclinação para o centro, onde aparece um receptor de águas pluviais, com tampa, sinalizando para a possível presença de uma fonte, elemento típico dos claustros (ver cap 3) ou, quem sabe, houvesse uma intenção futura nesse sentido.



Figura 25 – Claustro do Convento
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

⁹⁰ A respeito desse local, BAZIN, 1956:9, anuncia a singularidade deste claustro: “*único em seu gênero, entre os claustros franciscanos do Nordeste, o claustro é sustentado por pilastras geminadas embutidas, de ordem toscana*”.



Figura 26 – Claustro do Convento
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

Nas demais áreas internas do convento destaca-se a limpeza de ornatos aparecendo, ocasionalmente, elementos em pedra, de boa fatura (ver fig. 23 e 24, pp. 41), tais como pias de água benta, lavatório, cercaduras, arcos, bancada para potes de água. Na capela da Ordem Terceira encontra-se, na sacristia, excelente lavabo esculpido em pedra (ver fig.53, pp. 66).



Figura 27 – Escada de acesso ao primeiro pavimento – Convento
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.



Figura 28 – Pia de água benta – Convento

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Em pouco tempo, a partir de 1700, pode-se dizer que a ordem franciscana encontrava-se, definitivamente integrada ao contexto local. Entre seus integrantes, contava com 110 prelados, dentre eles, literatos, poetas, professores, oradores, organistas, oficiais em geral. Além das atividades litúrgicas e missionárias, comuns à ordem, exerciam o papel de educadores ministrando aulas de gramática (primeiras letras) para a população nas próprias dependências do Convento. A historiografia atesta a presença de um frade, de nome Frei André de Sant' Ana, morador do convento, o qual era teólogo, filósofo, ourives, carpinteiro e escriturário, possuindo, ainda, dotes artísticos de escultor e pintor⁹¹.

O espaço conventual também servia como referência social, pois foi utilizado para reuniões de grupos leigos, associados em irmandades diversas. No convento franciscano, reunia-se a Irmandade de São Benedito, possivelmente de pretos, além da Ordem Terceira de São Francisco, formada tradicionalmente pela elite local, a qual, posteriormente, erigiu prédio próprio conjugado à capela da ordem.

No século XVIII, a construção da Igreja de Santa Maria Madalena já estava bem adiantada inclusive com a definição de parte dos elementos artísticos integrados à arquitetura. Os moradores, desejando movimentar as atividades de devoção religiosa, se empenhavam com as doações para o sustento da construção e dos religiosos.

Em 1709 foi doada ao convento uma pequena capela lateral, a qual foi edificada perpendicularmente à nave. Dois irmãos custearam a sua construção e o belíssimo retábulo em madeira dourada (ver fig. 29), com imagens representando santos de devoção da

⁹¹ MERO, 1995:30.

família: “*hypotecando elles dous mil cruzados a juro, para ornato, e paramentos da ditta Capella*”⁹².

Podemos afirmar que a obra, como um todo, foi fruto do esforço coletivo dos moradores da vila quando as parcelas produtivas da população, já social e economicamente estratificada, conjugaram esforços em benefício da construção⁹³. A Coroa Portuguesa também dava sua parcela de contribuição para a manutenção dos conventos.⁹⁴



Figura 29 – Retábulo da capela lateral – Igreja conventual
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

A Ordem Terceira foi instituída, em Marechal Deodoro, em 1720 pelo Provincial Frei Hilário da Visitação e, no mesmo ano, houve a sua primeira eleição para composição do grupo. Durante algum tempo, reuniu-se em local não identificado, possivelmente, nas dependências da própria igreja conventual. Apenas perto do final do século, mais precisamente em 1763, os terceiros franciscanos iniciaram a construção da sua capela.

⁹² JABOATÃO, OFM 1858:608.

⁹³ MARX, 1991:39, afirma que as pessoas “*propiciavam, assim, as condições para a construção do templo, para sua manutenção e reparo, para seu equipamento litúrgico e funcionamento efetivo*”.

⁹⁴ O Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862) (1973:74), informa que os conventos recebiam do governo português a ordinária, que incluía o vinho, o azeite e a cera, destinados às missas e a farinha de trigo, para a confecção de hóstias.

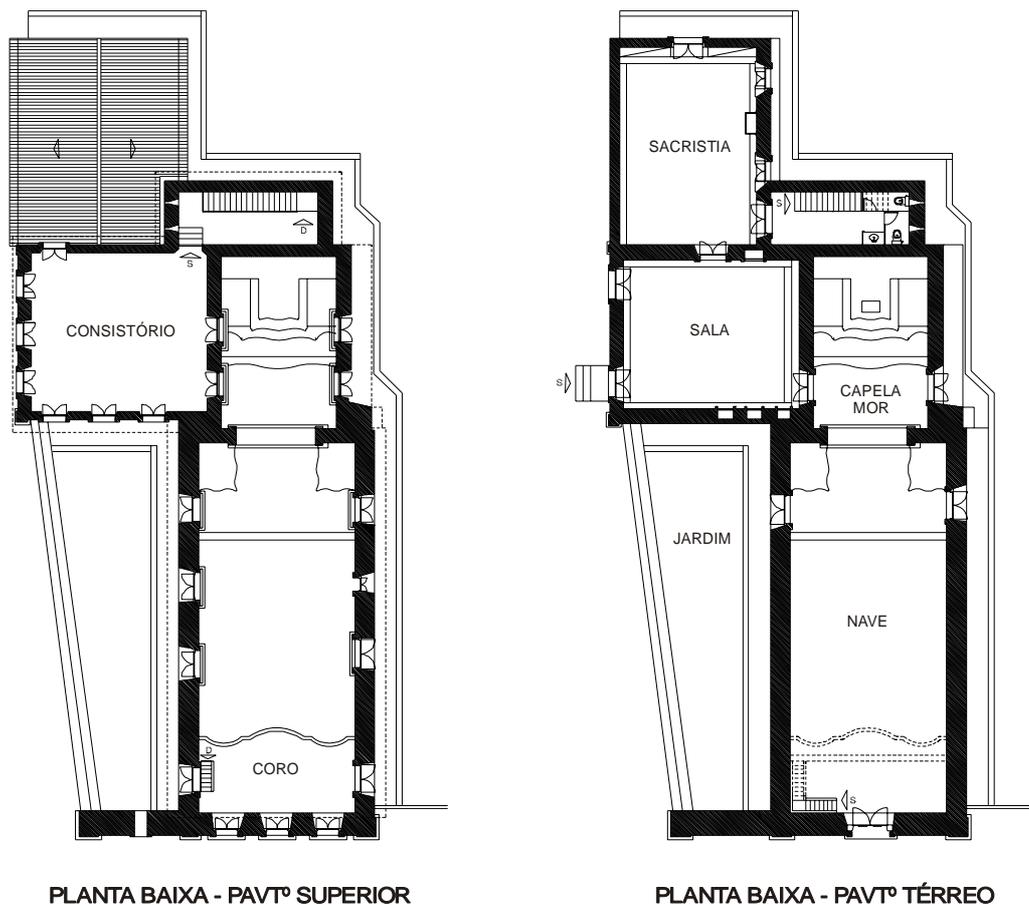


Figura 30 – Planta Baixa da Capela de Ordem Terceira
 Fonte: Arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL

A construção obedeceu a três etapas. Inicialmente foram edificadas a nave e a capela-mor, a sacristia e o consistório. Numa segunda fase, edificou-se um ambiente anexo à sacristia e, finalmente, construiu-se uma área que está situada atrás da capela-mor. Evidências na própria edificação mostram que havia uma intenção de, posteriormente, se construir uma galeria lateral. Tal capela constitui uma novidade no partido usualmente utilizado nos conventos franciscanos uma vez que, ao contrário das demais, dispostas perpendicularmente à nave da igreja, esta é um elemento separado do conjunto. É possível que tal inovação tenha se dado justamente porque, no lugar onde usualmente se instalava a Ordem Terceira já havia sido construída a capela particular citada anteriormente.



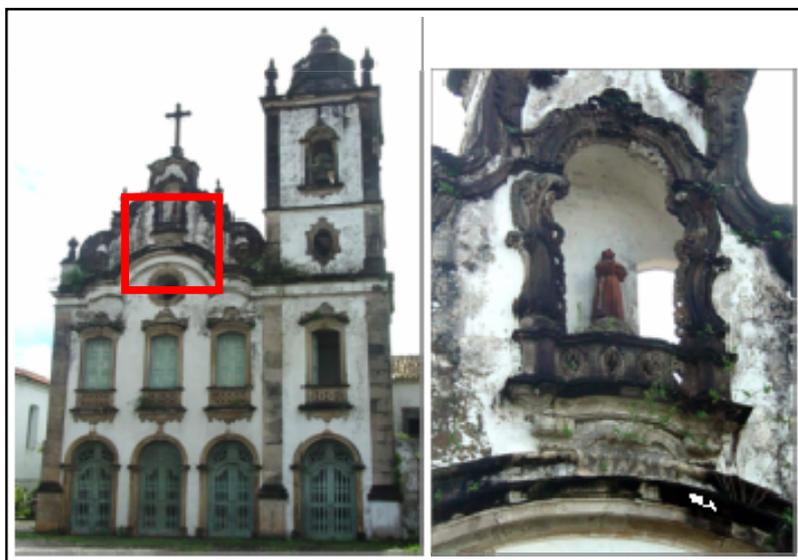
Figura 31 – Fachada da Capela da Ordem Terceira
Fonte: Luciane Macedo, 2004.



Figura 32 – Nave da Capela da Ordem Terceira
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

Junto com ela edificou-se a fachada da igreja, marcando, enfim, o término da obra. Na monumental fachada, de influência rococó⁹⁵, destacam-se as compartimentações, no sentido horizontal e vertical, o frontispício marcado por curvas e contra-curvas, os recortes que lhe conferem dinamicidade e movimento. No coroamento do frontão, aparece uma cruz e, sob ela, um nicho com imagem (de técnica não identificada) de São Francisco. O campanário constitui outra exceção por ter sido construído alinhado à fachada, sendo mais comum estar recuado (ver fig. 33, pp. 47).

⁹⁵ Segundo a análise de MÉRO, 1982:15, “*toda a gramática da fachada é de um expressivo Rococó*”.



Figuras 33 – Fachada e detalhe do nicho do frontão – Igreja Conventual

Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

Tal empreendimento não foi fácil visto que a construção chegou a ser paralisada durante cerca de 30 anos, uma vez que as esmolas e doações dos moradores do lugar não eram suficientes para “*a sustentação e o vestuário dos religiosos e para a conservação da igreja e seu ornato*”.⁹⁶

⁹⁶ Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano, 1879:34-35.

Em 1793 estava concluído o complexo conventual franciscano formado por Convento de Santa Maria Madalena, Igreja da Ordem Primeira de São Francisco e Capela da Ordem Terceira de São Francisco.

Não se pode atestar com segurança qual era o seu programa original uma vez que houve modificações significativas na sua tipologia e ambiência, mas é possível supor que era modesto, se comparados com outros conventos maiores. Ao contrário destes, ali não havia enfermaria⁹⁷. Contava, no entanto, com os ambientes necessários ao desempenho das atividades que lhes eram inerentes: no pavimento térreo encontravam-se a portaria (onde hoje é a sala da direção do museu), a cozinha, o refeitório (espaço amplo, iluminado por várias aberturas, com uma bancada em pedra que, ainda, conserva um pote de barro, sendo hoje a biblioteca). Entre a cozinha e o refeitório estava o “*de profundis*” (ante-sala do refeitório, onde se faziam orações antes das refeições), com sua pia de pedra para lavagem das mãos, preservada até hoje. Havia também a sacristia (onde está a Reserva Técnica do museu) próxima à igreja.

Algumas salas se distribuem ao redor do claustro; possivelmente eram salas de estudo e leituras (destinadas a religiosos e seculares). Existiam os ambientes, destinados aos serviços tais como lavanderias, banheiros e privadas, armazéns de lenha, coqueiras, despensas e acomodação de escravos (com pés-direitos baixos, à guisa dos porões-altos). No pavimento superior se localizavam as pequenas celas, algumas com conversadeiras, o mirante, a sala do capítulo onde se reuniam os frades, a rouparia com alçapão que se abre para a parte térrea referentes aos serviços.

Frei Jaboatão OFM fala da porta do carro⁹⁸, referindo-se a uma abertura, localizada na praia da lagoa, destinada ao abastecimento do convento através de carros de bois, carroças ou mesmo de barcos. Hoje se encontra em ruínas mas revela, ainda, que houve um certo cuidado na sua execução. A porta dos pobres, outro elemento comum nos conventos

⁹⁴ Cf. FONSECA, 1874:18.

⁹⁸ JABOATÃO OFM, 1859:608.

franciscanos, não se distingue hoje devido aos vários vãos entaipados que conferem novos significados à tipologia antiga⁹⁹.



Figura 34 – Local onde ficava a “porta do carro” – Cerca conventual
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

⁹⁹ Encontra-se freqüentemente esta denominação na historiografia conventual franciscana, a qual refere-se à uma porta através da qual os pobres, romeiros e peregrinos, em geral, eram atendidos e recebiam algum auxílio dos frades. Ver MARX, 1984:78. ROWER, 1947:100, a chama de “*portaria ou casa especial onde se fazem as distribuições*”.

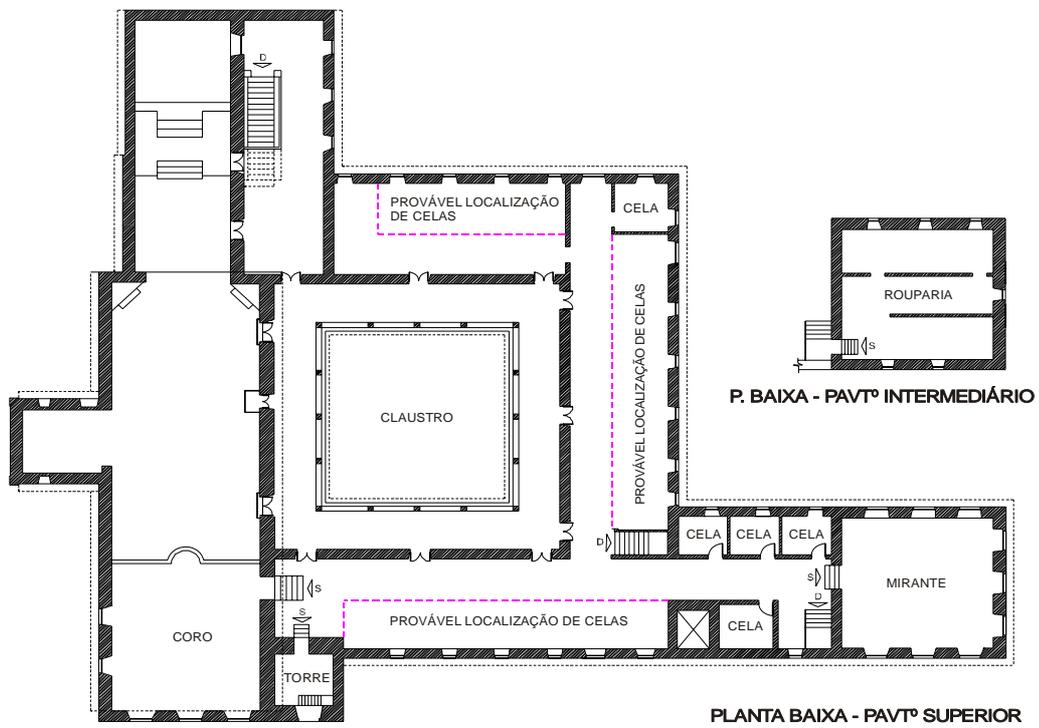
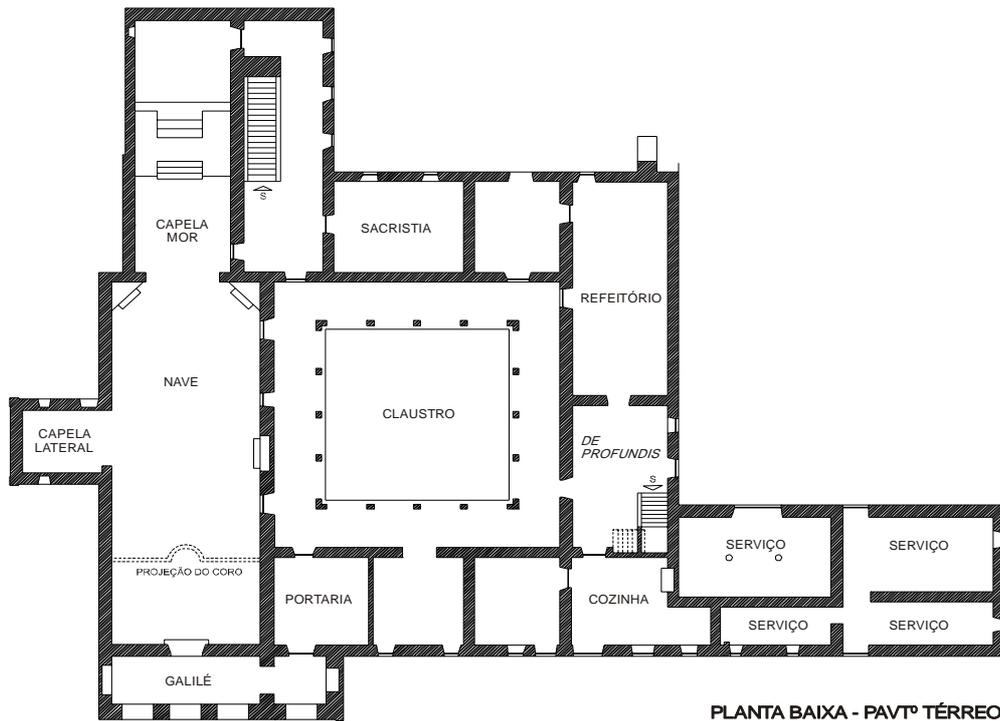


Figura 35 – Planta baixa da igreja e do convento em sua feição antiga – sem escala
 Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL



Figura 36 – Vão entaipado na galilé - Igreja conventual -
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

O abastecimento de água poderia ser feito através da receitação da chuva bem como através do poço que deve ter sido feito logo após a instalação dos frades no local, garantindo, assim, a obtenção da água sem maiores dificuldades. O tal poço, ainda hoje existente na área da cerca, era protegido por uma grande tampa de madeira e tem cerca de 2.0m de diâmetro x 6.0m de profundidade. Certamente estava localizado em uma pequena edificação que, no convento da Bahia, era chamada de “*casa d’água com frontispício*”.¹⁰⁰ Dela ainda restam ruínas sobre as quais foi construída uma casa nova. Por outro lado, aparece ali vestígios de um pequeno córrego.¹⁰¹

No interior do complexo, especialmente nas áreas de culto abertas ao público, destacam-se os elementos artisticamente concebidos de forma a compor com a arquitetura, um ambiente de grande efeito plástico, que apelava para os sentidos com seu excesso formal e pictórico (sanefas, gradis, tribunas, retábulos, altares, etc), as imagens, retratando santos e santas da devoção franciscana¹⁰² e dos representantes de irmandades que ali possuíam seus oragos. Seja nas áreas externas, com suas fachadas recortadas e em pleno movimento, ou nas áreas internas, tudo foi sendo executado dentro da tradição artística em

¹⁰⁰ MINC/IPHAN, 1978:33.

¹⁰¹ Segundo informou a arquiteta Josemary Ferrare, em 24/08/05, esse córrego se origina de uma nascente que existe no bairro do Outeiro, que, ao seguir em direção à lagoa, corta a cerca conventual.

¹⁰² De todas as ordens religiosas, são os franciscanos que apresentam o maior número de frades santificados, sendo os mais populares e recorrentes na imaginária colonial e, por isso também, os mais encontrados nos antigos conventos: São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Benedito e São Gonçalo Garcia. Cf. <http://www.barroco.gctec.com.br/ofecar/htm>.

voga, com elaboradas técnicas de entalhamento em madeira e pedra, parte delas valorizadas pela policromia e pela aplicação de folha de ouro.

Com a conclusão da fachada, em 1793, terminou, enfim, o custoso processo construtivo, colocando-se na torre, um sino em bronze, confeccionado em Portugal¹⁰³. Estava instituído o elo de ligação final da casa conventual com a cidade através do repicar dos sinos que se ouvia a partir de então, os quais, integravam aquela paisagem estabelecendo uma comunicação que passava pelo viés da sonoridade.



Figura 37 – Sino - Igreja conventual
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

Compondo o complexo conventual, aparece à frente da igreja, como é comum nas demais casas franciscanas daquela época, um cruzeiro em pedra (ver fig. 41), formado por pedestal bulboso sobre o qual se assenta uma cruz latina¹⁰⁴. Conformava-se, enfim, o edifício religioso colonial onde, aos valores materiais – espacialidade, plástica, arquitetura, se somavam os intangíveis - rituais e celebrações católicas, sermões exaltados, cânticos, incensos, alfaias, efeitos de luz e sombra, os quais, representações e símbolos, justapostos, conformavam o grande espaço cênico barroco onde o drama cristão era espetacularmente encenado.

¹⁰³ SANTANA, 1970:31.

¹⁰⁴ “O culto franciscano pela Paixão levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões da via sacra, especialmente durante a Semana Santa”. BAZIN, 1956: 151.

É possível afirmar que no século XVIII a vila já tinha a sua morfologia urbana colonial definida e o conjunto franciscano se destacava no cenário agregando valores à paisagem¹⁰⁵. Às margens da lagoa, em meio à densa massa verde constituída pela cerca conventual e sua ampla vegetação, se elevavam os prédios de paredes alvas e contornos delicadamente definidos em pedra.

Embora primando pela simplicidade arquitetônica, podemos afirmar que os franciscanos não pouparam esforços no sentido de enriquecer artisticamente os espaços interiores da igreja.¹⁰⁶

É sabido que as ordens mendicantes, dentre elas os franciscanos, se mantinham à custa das esmolas vindas, principalmente, da comunidade e estas, nem sempre, aconteciam apenas na forma de doações em espécie mas, também, através de doações de produtos variados os quais eram comercializados pelos religiosos. Além

disso, havia outras formas de amealhar recursos sendo uma delas a exploração de suas terras¹⁰⁷. Considerando a grande área verde constituída por suas cercas conventuais, não é de se estranhar que ali se desenvolvesse formas de agricultura e criação. É possível, também, que no quintal do convento de Marechal Deodoro se cultivasse ervas aromáticas e curativas.

¹⁰⁵ “Certificamos também que a igreja é a melhor e mais bem paramentada que tem esta villa, como he certo que o ornamento mais rico é hum cortinado de damasco com que se ornão as portas e janellas da dita igreja nos dias mais solemnes, tudo foi esmola que a Generosa e Pia Devoção de Sua Magestade que Deus guarde fez do dito convento. E os retábolos dourados que forão obra dos religiosos, digo officiais que vierão de outros conventos e para isto concorreram os moradores da terra”. REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO, 1874:34.

¹⁰⁶ ROWER OFM, 1947:95-96, diz que: “O culto divino, solenemente celebrado é tradição genuinamente franciscana, herdada do seráfico Fundador. Zeloso que era da observância da mais estreita pobreza pelos seus filhos, queria, contudo, que Jesus eucarístico, centro de todo o culto, estivesse cercado de preciosidade e esplendor. Esta herança foi sempre cara a seus filhos: a igreja, os altares, as alfaias são a menina de seus olhos”.

¹⁰⁷ Em Marechal Deodoro não se deu diferente. A historiografia atesta que “Em 3 de janeiro de 1707 o syndico do convento de São Francisco, Antonio de Azevedo Castro, comprou ao padre Vicente Pereira, graças a economias, a ilha de Salinas”. E ainda, “Na guardiania de frei Manoel da Trindade em 1734 possuía o convento 200 \$ a juro, uma ilha, vinte e oito escravos e achavam-se doados os altares das igrejas. Das esmolas colhidas n’este templo remetteram os religiosos para Pernambuco 14 caixas de assucar e 63 paus com tabaco pesando 224 arrobas e 14 libras”. CABRAL, s.d.:7. Sobre o mesmo tema Cf. FONSECA, 1874:17.

As evidências de grandiosidade do complexo conventual estavam para muito além dos aspectos de inserção no espaço construído e de valorização dos seus espaços internos. Ao longo de sua demorada obra, ele conquistou uma feição artística que permite enquadrá-lo como representativo do Barroco, como uma das mais significativas expressões do estilo na Província de Santo Antônio do Brasil.

O Barroco no Brasil, segundo alguns autores querem defender, se evidenciou, inicialmente mais pelos elementos componentes dos espaços internos das igrejas e capelas coloniais do que pelas inovações apresentadas na sua arquitetura. Esta, de modo geral, conservou-se presa a esquemas tradicionais e regras clássicas de composição, mais caracterizada pela simplificação das formas dos volumes dos edifícios religiosos. Ou seja, segundo esta tese, a evolução arquitetônica e artística do barroco brasileiro se deu de modo a ser possível entendê-lo como resultado da *“evolução centrífuga da forma”*, com aquilo que se chamou de *“conquista da maturidade formal e plástica acontecendo de dentro para fora”*¹⁰⁸.

A partir desse entendimento, é possível esboçar como se deram as várias etapas de desenvolvimento da igreja conventual, tendo como estímulo estético a cultura barroca: uma capela simplificada, com um único altar; posteriormente, conjugada à uma nave, de início despojada; uma fachada simples, possivelmente tendo à frente um alpendre. Aos poucos, um novo aspecto vai sendo consolidado e vão sendo acrescentados os forros, as tribunas, o púlpito, os gradis, o arco-cruzeiro, os ricos altares e retábulos dourados.



Fonte: Luciane Macedo, 2004.

¹⁰⁸ BRANDÃO, s.n.t. :5. O mesmo discurso aparece em TELLES, 1980:9.



Figura 39 – Retábulo da capela-mor - Igreja conventual
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

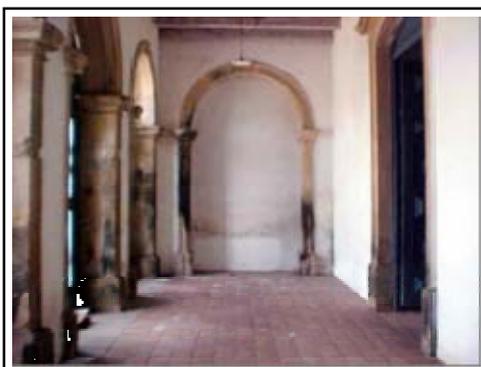


Figura 40 – Galilé - Igreja conventual
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.

Existe a possibilidade de que tenha havido ali um alpendre, o qual deu lugar à galilé, ambiente com seus quatro lados recortados por aberturas em arco pleno. Nas laterais, uma se abria para o adro e a outra para o convento¹⁰⁹ (atualmente entaipadas); e quatro na parte frontal, sendo uma sob a torre sineira. Hoje se encontram fechadas por portadas em madeira, artisticamente esculpidas, recortadas e vazadas.

¹⁰⁹ É possível que neste vão que se abria diretamente para o jardim do convento, estivesse a porta dos pobres.



Figura 41 – Adro do complexo franciscano destacando-se o cruzeiro em pedra.
Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas, s.d.

O complexo conventual da antiga vila de Santa Maria Madalena, de modo geral, apresenta uma volumetria simplificada, sem grandes arroubos formais. Já as áreas internas da igreja são dinamizadas por uma decoração que, em alguns locais, ressalta apuro artístico. Na capela-mor, a composição arquitetura/decoração é coerentemente definida pelas paredes brancas, recortadas pelas tribunas e marcadas pelos elementos decorativos representados pelo retábulo-mor, forro, sanefas. A nave é mais discreta, quase nua dos adornos, destacando-se apenas os forros, os arcos em pedra e os altares laterais e colaterais. Destaca-se aí a excelência de todo o trabalho de madeira entalhada presente no retábulo da capela lateral e a talha do guarda-corpo do coro (ver fig 29 e 42)¹¹⁰.



Figura 42– Guarda-corpo do coro - Igreja conventual
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

¹¹⁰ Cabe lembrar que a introdução de bancos nas igrejas brasileiras data da 2ª metade do século XIX. Até então, todos permaneciam de pé ou de joelhos e, algum tempo depois, as mulheres passaram a sentar-se no chão ou em almofadas que elas traziam de casa. SCHENONE, 1992:801.

A capela da Ordem 3ª, por sua vez, é pobre em termos de decoração interna destacando-se seu excelente lavado em pedra na antiga sacristia (ver fig. 52, pp. 66). Sua fachada é elegante e tem detalhes que se impõem no conjunto.



Figura 43 – Altar-mor - Capela da Ordem Terceira
Fonte: Pedriane Dantas, 2005

O estilo dos edifícios e dos seus recheios pode ser definido como próprio da estética barroca, embora se reconheça que há outras influências se evidenciando no conjunto. Por outro lado, devido ao tempo transcorrido entre o início e o fim da obras, foram sendo absorvidas tendências artísticas em voga na época. Deste modo, temos o retábulo-mor e o forro, em caixotões, da capela-mor, bem como o retábulo da capela lateral, todos executados no modelo denominado Nacional Português, tido como o mais antigo do estilo. Estes elementos, possivelmente, do início do século XVIII, apresentam erudição na sua concepção e execução¹¹¹.



¹¹¹ BAZIN, 1956:311, afirma que estes dois altares (capela-mor e capela lateral) são, juntamente com a Capela Dourada do convento de Recife, os mais antigos exemplares de talha executadas pelas oficinas franciscanas.

Figura 44 – Nicho do retábulo da capela-mor – Igreja conventual
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

Totalmente em madeira dourada, os retábulos apresentam uma profusão de elementos arquitetônicos (arquivoltas e arcos concêntricos, colunas e pilastras) e figuras antropomórficas: querubins (cabeças aladas de meninos), atlantes (homens), cariátides (mulheres). Os elementos zoomorfos e fitomorfos também se evidenciam: pássaros (fênix, pelicanos), frutas (pinhas, cachos de uvas), flores, folhagens. Todos personagens encaixados em uma única cena. Os espaços vazios são totalmente preenchidos pelos detalhes, alternados em convexidades e concavidades.



Figura 45 – Retábulo da capela-mor / atlantes – Igreja conventual
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

Arrematando o retábulo-mor aparece o brasão franciscano mostrando dois braços cruzados, estigmatizados, de São Francisco e Jesus; crianças angelicais, cordão com nós, chagas, cruz, coroa de espinhos e, encimando o conjunto, destaca-se a coroa real portuguesa. O elemento incorpora uma série de significados que remetem ao Padroado e aos votos franciscanos de pobreza, obediência à Regra e castidade.



Figura 46 – Retábulo da capela-mor – brasão franciscano – Igreja conventual.
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

O forro, dourado e policromado, cuja fatura também remete ao início do século XVIII, é em formato de abóbada de berço, estando dividido em vinte e cinco caixotões retangulares, emoldurados por frisos entalhados, com flores, folhagens e pinhas. Cada painel apresenta superfície policromada, com pintura representando motivos religiosos.



Figura 47 – Forro em caixotão na Capela-mor – Igreja conventual
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

O arco-cruzeiro, em pedra calcárea da região, primorosamente trabalhada, apresenta policromia e decoração em madeira dourada e policromada. Data do século XVIII assim como os gradis com entalhe e recorte em madeira, da nave e do coro.

Os demais retábulos (ver fig. 48 e 49), laterais de Santo Antônio e da Ave Maria, colaterais do Senhor Crucificado e de São Benedito¹¹², apresentam características

¹¹² Nesse retábulo de São Benedito aparece uma placa contendo a data de 1843.

pertinentes ao século XIX, com uma linguagem que se vale de elementos neo-clássicos, de fatura semi-erudita. Nestes, os espaços vazios aparecem com mais frequência e a decoração limita-se a elementos fitomorfos esparsos, as talhas rasas, os apliques sob fundo liso e as formas geométricas. Apresentam policromia intercalada às superfícies com aplicação de folha de ouro.



Figuras 48 e 49 – Retábulo lateral e colateral da nave – Igreja conventual
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005 e Luciane Macedo, 2004.

O forro da nave também pertence ao século XIX, apresenta policromia sobre madeira levemente curvada (ver fig. 50). Ao centro, aparece um medalhão com representação de São Francisco, Nossa Senhora e Jesus ladeados por vários querubins. Representa a experiência mística de São Francisco na Capela de Santa Maria dos Anjos, em Assis.



Figura 50 – Forro da nave - Igreja conventual
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

O forro do nártex (área sob o coro) foi feito em 1817 e, constituindo exceção, apresenta inscrição contendo o nome de seu autor e data da execução: “*Fr. Manoel de S. Joaquim mandou fazer a presente obra de madeira e pintura sendo guardião, ano de 1817 José Eloy a pintou no mesmo ano*”. Tem medalhão central onde aparece figura feminina representando Santa Clara envolvida por motivos de flores e folhagens. As tribunas da nave e da capela-mor, bem como o púlpito em madeira e pedra demonstram características inerentes ao século XIX onde a linguagem artística remete ao estilo neoclássico.

Compondo o grande teatro, estavam as imagens dos santos.¹¹³ No altar-mor, de acordo com o artigo 18, do capítulo III das remotas Constituições de Narbonne (ver anexo 1), estavam as imagens de São Francisco¹¹⁴ e Santo Antônio e, ao centro, na base do trono eucarístico, a imagem de Santa Maria Madalena.

Esse foi o arcabouço físico no qual se desenrolou a maior parte das cenas religiosas conduzidas na vila. Ali, naquele convento, durante cerca de dois séculos e meio, se vivenciou intensas práticas religiosas e sociais inseridas no aparato cultural típico da época colonial brasileira. A historiografia atesta que no ano de 1819, as celebrações eucarísticas, ainda, se desenvolviam normalmente, com a efetiva participação da população.¹¹⁵

Entretanto, de 1821 até 1839, o claustro do convento foi utilizado como acampamento para um grupo de soldados do Batalhão de Caçadores de Maceió.¹¹⁶ Iniciava-se um período onde o esgotamento da função religiosa, por conta da redução no número de frades, sinalizava para a apropriação do prédio para fins diversos da original. Nesta época, foram colocadas grades em algumas das janelas da parte térrea do prédio. Logo após, serviu de abrigo para flagelados da grande seca que atingiu o sertão alagoano.

¹¹³ FONSECA, 1874:17, descreve a disposição antiga dos santos ao longo do corpo da igreja conventual.

¹¹⁴ A partir do século XIII, já estavam definidos os atributos iconográficos de São Francisco. Era comumente representado segurando o Livro da Regra e o crucifixo e suas mãos apresentavam os estigmas de Cristo. Podia aparecer também segurando uma caveira e com o globo terrestre sob os pés SCHENONE, 1992: 329.

¹¹⁵ SANTANA, 1970:31 relata que em 1819, o então guardião do convento comunicou ao Governo Provincial a celebração de uma grande missa em comemoração ao aniversário do rei de Portugal, Dom João VI. No documento é ressaltado que na missa haverá a participação em massa de “*toda a comunidade*”.

¹¹⁶ Idem, 33.

Contando com apenas três religiosos e quatro escravos, em 1879 já apresentava várias degradações em sua estrutura física. Cinco anos antes, o piso da nave, em tabuado, foi substituído por um cimentado.¹¹⁷ Houve depois algumas alterações na estrutura da cobertura pois, em uma das linhas de madeira da cobertura do mirante, aparece a inscrição “maio 1885”, denotando uma intervenção, provavelmente devido à uma condição inadequada. Neste mesmo ano, o arco-cruzeiro da Capela da Ordem Terceira sofreu uma alteração na sua perfilatura. Seu altar-mor primitivo foi substituído por outro em 1927, o qual perdura até hoje. Não se sabe em que época foi construído um muro, ligando, através dos cunhais, a capela e a igreja. Em intervenção restaurativa datada de 1984, o muro foi removido e, em seu lugar, colocou-se uma grade de ferro¹¹⁸.

Na segunda metade do século XVIII a Ordem Franciscana passou por uma crise quando, em 1764, uma ordem régia do Marquês de Pombal proibiu a admissão de novos religiosos. Apesar de ter sido revogada em princípios do século XIX, foi retomada logo depois, em 1855, com a proibição de noviços nas ordens regulares do país. Diante disto, todos os conventos franciscanos do Brasil passam por este processo de sub-utilização, com reduzido número de frades e estado de conservação precário¹¹⁹. Com isso, desencadeiam-se adequações dos prédios para usos variados.

Acompanhando uma cena comum a todo o Brasil, o complexo conventual de Marechal Deodoro não ficou imune ao problema. Por outro lado, desde 1839, quando a cidade, então denominada Alagoa, perdeu a condição de capital da Província para Maceió, acentuou-se um processo de estagnação econômica e social que já se anunciava há algum tempo. De certo modo, isto se refletiu na conservação dos seus monumentos, religiosos e civis.

¹¹⁷O Coronel Pedro Paulino da Fonseca, 1º governador de Alagoas, em visita à cidade, em 1883, reconhece o avançado estado de degradação no qual se encontra o edifício conventual e ressalta as paredes enegrecidas das fachadas, com presença de vegetação, paredes internas com excesso de sujidades (generalizadas) e capela da Ordem Terceira totalmente abandonada. Ele denuncia também a situação do ladrilho do piso da nave da igreja, na ocasião, completamente danificado. Cf. FERRARE, 2002:36-38.

¹¹⁸Dados obtidos em pesquisa realizada nos arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL, em março de 2005.

¹¹⁹Diante deste quadro, a Província Franciscana no Brasil quase veio a se extinguir completamente, tendo sido salva em 1893 por ocasião da chamada Restauração, com a vinda de frades alemães para o país. Cf. WILLEKE OFM, 1973:42.

Em 1902, foi fundado o Seminário Provincial de Alagoas, o qual funcionou no prédio do antigo convento¹²⁰. Naquele momento é possível que os vários comprometimentos de ordem física já houvessem se acentuado gravemente, pois, apenas dois anos depois, os seminaristas foram transferidos para Maceió, sob a alegação desta cidade oferecer melhores condições de acomodação. Durante muitos anos esteve em quase completo estado de abandono até quando, em 1914, os Padres da Província de Santo Antônio, reunidos na Bahia, decidiram doar o prédio à Arquidiocese de Maceió, pois não dispunham de meios para restaurá-lo nem de frades para ocupá-lo.. Um ano depois, instalou-se no local o Orfanato de São José, sob a direção das irmãs Sacramentinas. Algum tempo depois, a Arquidiocese passou sua administração à Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho. Nos fundos do convento foi construído o galpão Firmo Lopes, onde se realizavam as festas do orfanato.¹²¹

Não é possível afirmar, com segurança, em qual desses momentos as celas antigas dos frades foram demolidas dando lugar aos grandes salões atuais, os quais modificaram a ambiência característica do prédio conventual (ver fig. 35, pp. 49).

Em 1967, já na condição de patrimônio tombado federal¹²², mas estando o prédio do convento em péssimas condições de conservação demolido o galpão citado acima e, em seu lugar, construiu-se o Educandário São José, mantido, até hoje, pela Sociedade Claretiana de Educação e Assistência, de Londrina/PR. Já vinha sendo sinalizada nos meios políticos locais, a intenção de se instalar ali um museu de arte sacra. Diante disso, o convento e a igreja foram restaurados.

Em 1984, foi aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a ocupação de parte da sua cerca conventual para a construção da Escola Técnica de Artes e Ofícios de Marechal Deodoro, desde que a escola “*se adequasse ao conjunto antigo no que se refere à implantação, relação entre cheios e vazios das*

¹²⁰ O jornal O Semeador, 2002:8, assinala que, na ocasião da instalação do seminário, “*grande foi a reforma feita no velho convento da cidade de Alagoas*”.

¹²¹ Informação dada pela Diretora do MASEAL, em 01 de outubro de 2005.

¹²² Em 1950, o complexo conventual foi visitado por representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Após a avaliação do arquiteto Lúcio Costa, foram tombados, 14 anos depois, apenas o convento e a igreja, tendo sido, estranhamente, excluída da proteção federal a Capela da Ordem Terceira. Cf. IPHAN MINISTÉRIO DA CULTURA, 1998: 92-93.

fachadas, dimensões, forma, disposição, declividade dos telhados, cor, materiais e, sobretudo, no que diz respeito à cobertura vegetal existente". Exigia-se, ainda, a recomposição de parte da cerca (muro de pedra) que havia desabado e a demolição do Educandário São José.¹²³

A ocupação de parte da cerca conventual foi justificada, na época, pela necessidade de revitalização da área e pelo perigo eminente de invasões coletivas de desabrigados, em busca de um lugar para morar. Não foi levado em consideração o fato de que o monumento tombado, em nível federal, incluía as edificações e também o seu sítio de implantação.

Na verdade, esta ação foi comum a todos os conventos do país, quando houve o parcelamento de seus terrenos. A decadência da vida em clausura e a conseqüente degradação física dos edifícios conventuais, a partir do século XIX, aparece como o fator desencadeante dos processos de apropriação de grandes parcelas dos terrenos pertencentes às ordens franciscanas, em todo o Brasil.¹²⁴ Alguns, inclusive, em época bem anterior ao século XX. No caso de Marechal Deodoro, este fato se consolidou com a fragmentação daquele espaço ao serem doadas partes dele para construções, inicialmente do Educandário São José e, pouco tempo depois, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas.¹²⁵

No mesmo ano, numa interação institucional envolvendo Governo Estadual, a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho e a Igreja Católica, o prédio passou à função museográfica quando ali se instalou o Museu de Arte Sacra de Alagoas Dom Ranulfo.

O prédio centenário resiste firmemente aos novos tempos e às mudanças que lhe foram impostas. No entanto, todas estas mudanças, perdas e rupturas, não comprometeram,

¹²³ Com isto oficializava-se a apropriação do terreno do convento, pois em 1990, construiu-se ali o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas – Unidade de Ensino Descentralizada de Marechal Deodoro. A cerca nunca foi restaurada e o Educandário São José funciona até hoje. Dados obtidos em pesquisa realizada nos arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL, em março de 2005.

¹²⁴ MARX, 2000.

¹²⁵ A área total do terreno é de 58.700 m², e a área doada equivale a 7.267 m². Dados obtidos em pesquisa realizada nos arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL, em março de 2005.

apenas, a essência do franciscanismo ali materializada. Com elas, foi sugada parte dos elementos que constituíam a identidade cultural do lugar, um dia chamado, Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul.

2 . 2 . FORMA E CONTEÚDO – REPRESENTAÇÃO E SÍMBOLO NO COMPLEXO CONVENTUAL FRANCISCANO DE MARECHAL DEODORO/AL

As características formais do convento franciscano de Marechal Deodoro apresentam uma coerência visual que permitem determiná-lo como legítimo exemplar da chamada “Escola Franciscana do Nordeste”. Mas, mesmo inserido na linguagem arquitetônica e artística própria dessa Escola, se salientam seus valores singulares e específicos, como resultado de um modo muito especial de dialogar com a natureza, a paisagem, o lugar.

Assim sendo, a argumentação aqui apresentada, seguirá em uma direção discursiva menos ortodoxa, não se limitando, neste momento, a referenciar as estruturas formais utilizadas para a análise da obra de arte, uma vez que esta etapa já foi cumprida na sub-capítulo anterior, bem como, já foram amplamente referenciadas por historiadores da arte.

Preferimos evidenciar como a obra se revela para o espectador, sendo este o personagem mais importante do processo de fruição/apreensão da obra de arte¹²⁶.

Neste sentido, se reconhece que, além de configurarem obras de arte, se vistas isoladamente, o conjunto de obras que configuram o espaço arquitetônico e plástico formador do complexo conventual de Santa Maria Madalena constitui também um sistema comunicativo de uma mensagem de caráter subjetivo e, para tal, busca outros apelos além dos puramente estéticos.

A matriz deste processo, mesmo que distanciado no tempo e no espaço, é a concepção franciscana de mundo – religiosa e filosófica, cujo estado embrionário floresceu

¹²⁶MAGALHÃES, 1996:30, afirma que “os valores ou os significados que impregnam o objeto artístico, contribuem para o sentimento estético que ele suscita como uma qualidade intrínseca, uma terceira dimensão não explícita que depende do conhecimento análogo que o observador tiver, relativamente ao seu conteúdo, permitindo-lhe compreendê-lo e apreciá-lo”.

em Francisco de Assis. Mesmo que diferentes da imagem dos abrigos primeiros, idealizados pelos franciscanos, ainda assim, conservam a ambiência e constituem a síntese do que foi (ou é...) ser franciscano.

Numa tentativa de evocação da poética que a gerou é necessário voltar ao século XIII, após a morte de Francisco de Assis, com a Ordem se expandindo e ficando premente a necessidade de se pensar o edifício conventual. O prédio deveria estar estruturado e organizado de acordo com as regras reconhecidas pela Ordem. As Constituições de Narbona (ver anexo 1) refletem essa preocupação em estabelecer normas coerentes com o pensamento franciscano, mas já incorpora parte da estrutura monacal secularmente estabelecida e aceita modelos arquitetônicos próprios da época.

No Brasil, porém, distante geográfica e temporalmente desse contexto, se configurará uma realidade que mediará a tradição dos conventos europeus, conseqüência de uma intensa rede de relações históricas e culturais, considerando-se modelos sociais que vinham sendo conformados, inseridos em uma paisagem rica em experiências novas, travadas em meio à natureza exuberante, edenicamente percebida¹²⁷.

Embora reconhecendo que o produto final “convento franciscano” seja a síntese de relações travadas entre a arquitetura, a história, a sociedade e a cultura, é em torno de outros valores, mais ligados à religião e à filosofia que se intenta olhar e compreender o Convento de Marechal Deodoro. Sendo o programa das construções conventuais da época parecidos, existe neste, assim como nos demais da Ordem, um traço identificador: um pacto especial com a natureza que existe não só como herança do fundador da ordem, como pela sua organização espacial e arquitetônica que, considerando a pré-existência dos elementos naturais, a eles se integram e, arquitetonicamente, para eles se voltam.

Neste sentido, inicialmente, houve a ocupação do lugar. O *locus* referido por Jourdain de Giano, cujas ressonâncias identitárias o articulam a um universo simbólico próprio do franciscanismo. O lugar era cuidadosamente reconhecido e escolhido antes de

¹²⁷ HOLANDA, 1977:17, coloca a América primitiva como a terra prometida, o Éden perdido {cuja colonização poderia constituir-se na retomada desse paraíso perdido}.

ser ocupado uma vez que ali se constituiria oportunidade de apropriação no sentido de, através dele, co-existir com o pensamento proposto por Francisco de Assis.



Figura 51 – Vista aérea do complexo conventual
Fonte: EMATUR, s.d.

O cenário natural onde surgiu o núcleo inicial que originou Marechal Deodoro não era vulgar no que diz respeito aos detalhes paisagísticos e topográficos; ao contrário, era (e ainda é) marcado por uma paisagem natural significativa, pontuada por uma continuidade de suaves ondulações que parecem contemplar a lagoa, formando, assim, uma moldura de grande impacto estético para as histórias que ali têm se sucedido ao longo dos séculos. Considerando que o desenho topográfico da cidade não tenha sofrido grandes alterações desde o século XVII, foi em uma área pouco elevada em relação ao nível da Lagoa Manguaba que os franciscanos se instalaram, mesmo porque, no ponto mais alto, já estava edificada a igreja matriz. Considerando, ainda, que na época da instalação, o núcleo urbano estava em estágio inicial de apropriação territorial, co-existindo com uma incipiente massa construída e inúmeros vazios, é possível supor que a localização às margens da lagoa foi intencional e estratégica. Esta implantação, naturalmente, decorreu de necessidades de ordem material: proximidade à lagoa proporcionando facilidade nas atividades missionárias e pesqueiras, coleta de água, vegetação abundante demonstrando qualidade do solo favorável às atividades agrícolas e criatórias. Entretanto, acredita-se que foi estimulada, também, por pressupostos inerentes à própria filosofia da ordem – a lagoa como cenário para manifestações contemplativas e de interação com a natureza. Por outro lado, a água era um elemento essencial, pois que adentrava pelo prédio, através das inúmeras pias e lavabos engastados ao longo de suas paredes, convidando à purificação, à limpeza, ao contato.



Figuras 52 e 53– Lavabos em pedra - antiga sacristia do convento e sacristia da capela da Ordem Terceira
 Fonte: Luciane Macedo, 2004.

Depois veio a experiência arquitetônica, concretude e simbologia juntas. Permeado pelo discurso religioso e filosófico, concebido e executado entre lagoa, mata e casario, o convento, resultante da percepção que se teve do lugar, foi assim constituído como uma grande janela, com visão para as variadas paisagens ali existentes. Através de cada uma dessas paisagens voluptuosamente contempladas e distintamente percebidas (porque olhada de múltiplos ângulos e perspectivas) poderiam perceber o vigor da própria vida, em sua diversidade e contradições inerentes à natureza, fosse ela divina ou humana.



Figuras 54 e 55 – Fachadas recortadas por janelas -- Convento
 Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004/2005

Em seguida, a espacialidade foi invadida, recortada, rompida. Isto no sentido de acrescentar não de fragmentar, sob o encorajamento de uma busca do espaço pictórico que ampliasse a massa construída e a libertasse, criando uma interação entre os ângulos retos e paredes planas e frias e a dinamicidade dos contornos esculpidos, que interagem numa profusão de formas contrastantes, mas interpenetrantes entre si.

Para a composição deste conjunto de obras, se evocou o cenário circundante, com sua vivacidade cromática e formal, reafirmando seu apego às características do particular, do local, do específico.

Podemos admitir que as formas que saltam das superfícies retas são, ao mesmo tempo, forma e conteúdo. Forma do que deve ser visto e tocado e conteúdo do que deve ser sentido, processado no âmbito mais profundo do ser humano.

A simbologia impregna o convento mas sua leitura é mais acessível na igreja pois se revela nos traços escultóricos e pictóricos dos elementos artísticos e ajuda a construir sua imagem.



Figuras 56, 57 e 58 – Elementos presentes nos retábulos da igreja conventual - anjo, fênix e flor
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Na capela-mor, cada passo do observador é seguido por um símbolo que a ele se dirige do alto, inserido no centro de cada uma das 25 cartelas do forro. Esses ícones carregam em si a carga de uma simbologia que remete à iconografia cristã, mas é plena também de ressonâncias místicas antigas, anteriores ou concomitantes ao cristianismo e por

ele absorvidas. Ali se estabelece o paralelismo destes dois mundos quando cultuam e louvam à natureza e o sagrado, através de símbolos cristãos, franciscanos e marianos: braços estigmatizados cruzados, cordão com três nós, casa de ouro, coroa de espinhos, cruz, pena, livro aberto, escada, ramos, pássaro com ramos, lua crescente, poço, balança, folhas e frutos, lírio, igreja, setas cruzadas, coroa, pelicano, globo com faixa e cruz, sol, árvore, estrela, olho, pomba.



Figura 59 – Forro da capela-mor - Paineis “olho de Deus” – Igreja conventual
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Na embriaguez visual da articulação dos cheios e vazios, das sombras e das luzes, da quietude e da força, se manifesta o simulacro do meio ambiente à sua volta: a natureza exuberante que o emoldurava, a lagoa, a vegetação, os montes rasgados pelas ladeiras e ruas tortuosas, definidas pelo casario harmonioso, as calçadas, os quintais, a gente do lugar.

Tomando como ponto de partida as evidências que o próprio edifício apresenta, pode-se visualizar a natureza como uma realidade essencial dentro da prática arquitetônica franciscana, que se manifesta não apenas nos seus elementos visíveis, mas, também, na sua essência, às vezes velada sobre os excessos da plástica barroca. A porosidade da arquitetura é palpável ao permitir a imbricação com os elementos naturais, criando os laços que unem o edifício à paisagem natural circundante. Ao mesmo tempo, o edifício, envolvido pela trama urbana, estabelece contatos com o mundo exterior.

Portanto, podemos falar de cada elemento como o elo de ligação entre o lugar de dentro e o de fora, como as muitas janelas que recortam as fachadas do prédio conventual, ou daquelas que transformam a torre sineira em verdadeira torre de vigia pois, através de

qualquer uma delas, se descortina todo o horizonte. O convento olha mas também vigia. Se dá mas se protege. As aberturas são espaços reais e, ao mesmo tempo, simbólicos, entre o exterior e o interior, condição de isolamento e de contato.



Figura 60 e 61 – Janelas do convento
Fonte: Pedriane Dantas, 2004.

As paisagens vistas das janelas são variadas. Através delas, se vislumbra o toque divino mas, também, o universo humano, a cidade procurada por eles, com sua alegria barrocammente sagrada e profana. As janelas não apresentavam grades. Foram feitas para abrir-se sem pudores, pois foi isso que Francisco propôs, a proximidade não o afastamento das cidades. Em cada cela uma janela pequena, simples, reta, enquadrada em pedra, com sua conversadeira típica; sob cada janela uma bancada apoiada em cachorros de pedra; em cada bancada vasos de plantas e flores¹²⁸. As mesmas flores que aparecem eternizadas na madeira e pedra, encontradas ao longo do edifício. À penumbra e à quietude dos espaços de convívio do convento, se contrapunha o claustro, inundado pela luz do sol ou da lua e matizado pelas cores do seu jardim.

¹²⁸ “Cada cela tem uma janela que, na parte externa, possui dois cachorros destinados a apoiar uma tabuinha de madeira ou uma mesinha de pedra sobre a qual os monges, guiados pelo espírito poético de sua Ordem, gostavam de colocar flores”. BAZIN, 1956:141.



Figura 62 –Janela do convento com cachorros em pedra.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Seu centro¹²⁹, sob a cúpula do céu, resguardava para os eleitos (porque acessível apenas aos frades) parte da carga simbólica que impregnava o convento. Sua relação com a idéia de paraíso remetia à própria idéia da vida germinando. E por isso a vegetação exuberante, o jardim cuidado, aberto ao sol, fonte de vida. Porque as plantas remetem à energia vital, a manifestação da vida. Inseparável da vida está o tempo. E eis o tempo, infinito, materializado em um relógio do sol, circular, lembrando o interminável ciclo da vida¹³⁰.

Vida que teima em permanecer no antigo convento, que ecoa ainda no que resta de franciscano ali: o prédio... O lugar escolhido... A paisagem antropofagicamente apropriada.

¹²⁹ “Ademais, sua forma quadrada ou retangular, aberta sob a cúpula do céu, representa a união da terra e do céu. O claustro é o símbolo da intimidade com o divino”. CHEVALLIER, 1993:260.

¹³⁰ O relógio do sol citado é um objeto em barro cozido, de formato circular, com orifício central onde havia, originalmente, um ponteiro, cuja sombra, ao incidir nas linhas demarcadas na superfície, mostrava as horas do dia. Hoje não apresenta o ponteiro nem o pedestal no qual se encaixava. Está, atualmente, exposto no claustro do convento.

CAPÍTULO 3

A Interrupção da memória em um prédio secular – O Museu.



3.1 . O CONVENTO E O PRÉDIO

Como foi apresentado no capítulo anterior, o prédio do antigo Convento Franciscano de Marechal Deodoro vem sofrendo, ao longo de vários anos, uma série de intervenções, o que não deixa de constituir amputações¹³¹ em sua essência seja no seu aspecto físico, arquitetura e paisagem, seja no que ele tem de subjetivo, imaterial, mas não menos real que a concretude do prédio e da natureza.

É necessário esclarecer que essas amputações só poderão ser reconhecidas como tais ao não se perder de foco o convento, apreendido em sua inteireza: uma arquitetura entendida como um modo particular e único de se apropriar, estruturar e gerir o espaço, não só no que concerne ao espaço/território, mas também ao espaço/edificado; um conjunto de

¹³¹Tal metáfora biológica é aqui utilizada uma vez que, ao longo de toda a argumentação deste trabalho, o complexo conventual estudado tem sido visto e apresentado como um corpo único, formado por várias partes às quais articulam-se entre si e, juntas, constituem um organismo vivo, pulsante de uma dinâmica própria que lhe confere essência. Portanto, se considera, aqui, que perdas de partes desse corpo significam amputações que comprometem a sua completude.

símbolos agregados, alguns materializados, outros não, sendo cada um dos seus elementos formadores diferentes, porém, interligados entre si através de redes de comunicação inerentes ao pensamento e à estética franciscana.

Só então será possível visualizar mesmo as pequenas ingerências no conjunto, reconhecendo-as, na maioria das vezes, como inoportunas.

Discuti-las, portanto, significa, necessariamente, tocar questões de ordem material e de ordem imaterial.

Tais intervenções compõem um cenário de perdas o qual, através de cicatrizes no espaço físico, conformam o arcabouço de um patrimônio imaterial dilapidado: a concepção franciscana de mundo refletida na sua produção arquitetônica; o diálogo travado entre o edificado e a natureza; os elementos simbólicos estrategicamente dispostos ao longo do complexo conventual; os vestígios da dinâmica religiosa e social franciscana que era exercida em relação ao prédio, à cidade, às pessoas.

As diversas intervenções realizadas na estrutura arquitetônica formadora do complexo conventual foram sendo delineadas a partir dos vários usos impostos, sendo a proibição de admissão de noviços na Ordem, no século XIX, o início da exposição da sua fragilidade e, conseqüentemente, sua disponibilização para as diversas utilizações e conseqüentes modificações que se sucederam a partir de então.

Neste contexto se inserem os prédios do convento, da igreja e da capela. Estes como um todo, sofreram mudanças. Todas significativas, sem dúvida. No entanto, algumas mais comprometedoras no que diz respeito à tipologia e à ambiência.

Parte dessas alterações aconteceu de modo mais comprometedor no convento e se deu em momentos longínquos, como a colocação das grades nas janelas quando da apropriação da parte térrea para instalação de um quartel. Entretanto, a maioria delas não é identificada no tempo, como a demolição sumária das celas e o entaipamento de antigas aberturas.

Algumas podem ser vistas apenas como marcas na imagem do monumento, materializando a passagem do tempo e as contribuições das histórias ali vividas. Outras servem para uma leitura distorcida ou incompleta da obra.



Figuras 63 e 64 – Janela gradeada no térreo e abertura entaipada na galilé - Convento
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Dentre estas, uma mudança como a remoção total de toda e qualquer vegetação que um dia tenha havido no claustro constitui um corte mais profundo em uma história construída sobre tradições milenares. Isso porque, segundo já foi apresentado, o claustro encerra em si toda uma linguagem simbólica, herdada dos antigos mosteiros medievais.

Ambiente dos mais importantes na arquitetura conventual, o claustro do Convento de Santa Maria Madalena já não apresenta qualquer vestígio do que deveria ter sido um jardim, a exemplo de outros conventos franciscanos da mesma época e estilo¹³². A pavimentação colocada é árida e interrompeu o ciclo de um diálogo que, durante dezenas de anos, foi travado entre céu, terra, água, plantas (ver Cap. II).

¹³² Encontra-se jardins nos claustros franciscanos de Penedo/AL e São Cristóvão/SE.



Figura 65 – Claustro do convento
Fonte: Luciane Macedo, 2004

Com isso, fica comprometido o que deveria ser mais um dado na compreensão do sentimento franciscano de reverenciar a Deus através da natureza, concebendo-a enquanto altar não edificado, onde o sagrado poderia ser, não só reconhecido, como também, vivenciado.

3.2 . O CONVENTO E A CIDADE

Outras mudanças, de feição contemporânea, as quais tangenciam a relação do edifício com o espaço urbano envolvente, têm sido acompanhadas indiferentemente, justamente pela ausência de compreensão deste conjunto arquitetônico como uma unidade que já foi equilibrada (quando exercia plenamente as funções para as quais foi concebido, executado e tantos anos mantido) e que hoje apresenta rupturas e interrupções.

Tal é o caso do seu amplo adro. Palco, por excelência de encontros variados, espaço originalmente diferenciado e privilegiado, colocado à frente da Igreja e da capela, acumulava, concomitantemente, um caráter público e privado, sagrado e profano, pois era palco de *“uma série de festejos ricos em colorido e musicalidade, mesclando a religiosidade e o lazer”*¹³³. Ali se davam atividades comerciais rotineiras, que tomavam maior vulto durante as diversas festividades que lá se sucediam: *“Durante as novenas e tríduos, negras vendiam, em*

¹³³ CASTELO BRANCO, 2000: 25.

tabuleiros forrados de papel, gostosas cocadas, pés-de-moleque, doce-de-coco, fruta-pão, farinha de milho...”¹³⁴.

Em época recente, no final dos anos 90, ele sofreu um ajuste urbano e paisagístico, apresentando hoje uma feição de praça (com canteiros e bancos), sem qualquer vinculação com o espaço conventual para o qual foi criado e sem utilização efetiva por parte da população.



Figura 66 – Adro do Convento
Fonte: Luciane Macedo, 2004

Neste mesmo contexto de perdas destacam-se, ainda, a cerca conventual fragmentada e a ligação direta que o convento tinha com a Lagoa Manguaba, alterada por diversas intervenções urbanas.

Embora até o momento de conclusão deste trabalho não tenham sido identificados dados historiográficos que substanciem a compreensão daquele espaço como agregador de valores simbólicos ou religiosos, a cerca conventual era parte importante na dinâmica claustral por concentrar atividades indispensáveis ao cotidiano dos frades.

Além de ser o enquadramento ambiental, a moldura do conjunto edificado, continua sendo o *locus* legítimo uma vez que foi eleito, desde o século XVII, como o sítio ideal para a implantação conventual.

¹³⁴ BASTOS, 1976.:43.

Atualmente, essa área está fragmentada pelas novas construções, já mencionadas, que foram implantadas em seu terreno, ou seja, o Educandário São José e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas.



Figura 67 – CEFET ocupando área da antiga cerca conventual
Fonte: Acervo Particular, 2004

Na verdade, essa antiga cerca, mesmo ao se impor em meio à cidade de Marechal Deodoro, através da sua massa de vegetação, parece invisível ao não ser considerada ou apreciada como parte do conjunto edificado. Mesmo hoje, quando novas perspectivas de apreciação das obras de arte têm surgido, poucos olhares se voltam para encarar a natureza como parte inseparável da produção artística franciscana. E, neste sentido, se insere todo o acervo natural que a compõe: vegetação, córregos, relevo, solo.



Figura 68 – Espaço entre a lagoa e o convento ocupada por casas – ao fundo parte da cerca conventual.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005

A implantação às margens da lagoa também foi modificada já que ali, se verifica uma interrupção na linguagem antiga, através da construção de um conjunto de edificações

entre o edifício conventual e a Lagoa, o que não deixa de constituir uma alteração no projeto original (ver fig. 68, pp. 93).

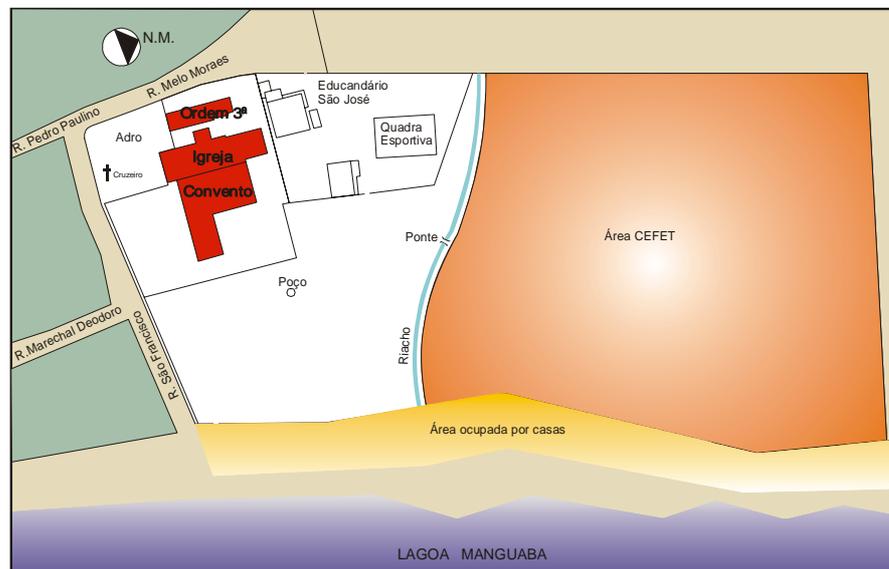


Figura 69 – Planta de localização do complexo conventual em sua feição atual – sem escala.
Fonte: Arquivos da 17ª SR/IPHAN/AL.

Considerando que tudo que compõe o cenário conventual é resultado de uma intenção franciscana, tudo o que rompe ou descaracteriza esta intenção nos parece uma intromissão inadequada. Neste sentido, aquilo que aparece construído entre o convento e a massa d'água, como resultado de fluxos de urbanização planejados ou não, compromete a leitura e compreensão do conjunto (ver fig. 69).

Embora mais de um século tenha se passado desde que o último frade foi embora, tantas eram as relações travadas entre os religiosos/convento e a lagoa que aquele lugar, até hoje, conserva, através da tradição oral, os velhos nomes, como “Porto dos Frades” ou “Porto do Convento”. Constata-se, atualmente, a ambiência modificada com perda da maior parte das referências ao movimento constante dos meios de transporte fluvial indo em direção ao mar ou a outras populações ribeirinhas. Os vestígios físicos do habitual

embarque de frades “*em canoa na praia á porta do carro*”¹³⁵, como cita a historiografia, estão quase todos desaparecidos.



**Figura 70 – Região onde ficava o, ainda hoje chamado, Porto do Convento ou Porto dos Frades.
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004**

A partir do reconhecimento dessas intervenções como fissuras na fisionomia original, fica patente que ao longo do tempo, houve uma apreensão, diríamos, equivocada da arquitetura conventual franciscana de Marechal Deodoro, quando desconsidera a importância desses elementos – cerca e lagoa - como partes dela.

Ao expor a relação do edifício conventual com a paisagem natural, é possível concluir que, essa ligação, no convento abordado, se dava numa perspectiva de integração e harmonia e que é justamente a incompreensão desta ordenação espacial e arquitetônica que norteou as intervenções no conjunto comprometendo sua essência. Os edifícios (convento, igreja e capela), embora sendo, cada um deles, uma unidade arquitetônica com funções específicas e particularidades estilísticas e históricas próprias, constituem partes indissociáveis de uma dinâmica que materializa um pensamento religioso e filosófico através da arquitetura.

Considerando que o conjunto citado foi construído dentro dessa concepção, acredita-se que as intervenções que tem sofrido na sua estrutura antiga devem ser compreendidas e discutidas para que, nas intervenções futuras, os elementos (ou parte deles) que harmoniosamente um dia compuseram a sua imagem, sejam visualizadas como partes de um mesmo processo criador e, portanto, respeitados.

¹³⁵ FONSECA, 1874:21.

Esta “incompreensão” da unidade dos elementos formadores do complexo conventual torna-se clara quando nos deparamos com a atitude do IPHAN ao não atribuir status de bem tombado, em caráter nacional, à Capela da Ordem Terceira. Tendo se deparado, na primeira metade dos anos 60, com um edifício em péssimo estado de conservação, os representantes do Instituto, na época, não reconheceram os elos de ligação entre os elementos franciscanos edificadas, permitindo que um deles, tão importante quanto os demais, ficasse estigmatizado e à margem das intenções preservacionistas federais.¹³⁶.

3.3 . O CONVENTO E O POVO

3.3.1 . As festas e celebrações religiosas

Recordando a história do Convento, vale repetir que a permissão para a construção do complexo conventual veio como resposta a um apelo dos moradores da então vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul.

É importante tentar entender essa necessidade naquelas pessoas que tinham na religião seu ponto de apoio, sua segurança e proteção. Vivendo em um ambiente, de certa forma inóspito, à mercê de ataque de índios, de escravos fugidos organizados em quilombos, de incursões estrangeiras e toda uma série de dificuldades próprias da época, era confortável, do ponto de vista espiritual, acreditar na promessa de tempos melhores, promessa essa fundamentada na fé, quando a religião foi utilizada como um dos principais argumentos para justificar e legitimar a apropriação de todo aquele vasto território. Desse modo, “*a fé não se apresentava isolada da empresa ultramarina: propagava-se a fé mas colonizava-se também*”¹³⁷, sendo impossível separar, naquele momento, a ação religiosa da política.

A historiografia apresenta a religião como importante aliada no processo colonizador e seu discurso doutrinário contribuía para a estabilização da sociedade. Por

¹³⁶ Para que se entenda as premissas que nortearam as ações de tombamento na chamada “fase heróica” do IPHAN, é importante esclarecer que “*o estado material do bem era determinante para o seu tombamento (ou não). A justificativa mais freqüentemente alegada, nesse período, para o arquivamento de um processo era o estado material precário de um bem (ruína ou descaracterização), seguida pela alegação de valor insuficiente*”. FONSECA, 2005:113.

¹³⁷ SOUZA, 1988:33.

isso, o governo português incentivou e contribuiu para que a Igreja Católica se multiplicasse em solo brasileiro através de igrejas, capelas, conventos, irmandades.¹³⁸

A paisagem conventual é resultado, portanto, da tentativa de reprodução de um ambiente exógeno, por parte dos religiosos, tentativa essa referente não apenas no que diz respeito aos aspectos construtivos, mas, também, numa vivência religiosa própria da época ao se recriar um modo de vida católico/português¹³⁹.

Neste mesmo sentido se enquadravam as festas, rituais, cerimônias diversas, realizadas dentro do cenário das igrejas ou mesmo pelas ruas, vielas e ladeiras da velha cidade: “*a implantação e a organização da Igreja colonial tem como característica uma igreja marcada pelo culto exterior, pelas festas, procissões e romarias*”.¹⁴⁰ Tudo isso caracterizou um modo muito próprio da vivência religiosa popular manifestada no Brasil.

Foi imbuídos deste espírito que os frades franciscanos chegaram a vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (meados do século XVII) e estabeleceram, de imediato, um diálogo com o povo, seja através da realização dos cultos e festas, seja pela disponibilização do espaço religioso para os encontros de irmandades, seja pelas atividades educacionais voltadas para seus filhos¹⁴¹.

É importante salientar que, através das associações leigas, os grupos econômico e socialmente marginalizados também tinham a oportunidade de se fazerem presentes - incluir-se - em manifestações coletivas já que a materialidade das festas refletia a própria estratificação e ordenação social da vila¹⁴².

¹³⁸ Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, escreveu ao rei espanhol Felipe II, no sentido de justificar a necessidade de frades franciscanos na Colônia: “*se encha e povoe de mosteiros de religiosos e religiosas para que de continuo sirvam e louvem a Deus*”. JABOATÃO, 1858:196, APUD: HOORNAERT, 1977:215.

¹³⁹ “*Tendo chegado aqui a pedido do povo – que certamente quis reconstituir no Brasil um ambiente de vida parecido com o de Portugal, e neste caso, não podiam faltar os conventos, as missas, a religião (...)*”. HOORNAERT, 1977:54.

¹⁴⁰ *Idem*, 155

¹⁴¹ MERO, 1995:37.

¹⁴² Cf. BOSCHI, 1986

A criação da Ordem Terceira de São Francisco, formada por homens e mulheres leigos, deu maior impulso e incrementou as atividades religiosas e de cunho social do convento e, conseqüentemente, aquelas ações onde o sagrado e o profano se entrelaçavam.

Portanto, tais sinais do fervor religioso eram uma forma de se estabelecer laços de auto-reconhecimento em grupos sociais em processo de afirmação, numa sociedade em pleno desenvolvimento. “*Nos ritos de culto, a sociedade se reafirma numa expressão simbólica de suas atitudes e, pelo fortalecimento de atitudes aceitas em comum, fortalece a sociedade*”.¹⁴³

O convento e as igrejas, assim como todo o espaço urbano de Marechal Deodoro, desde sua gênese, constituíram o suporte físico para práticas e manifestações religiosas, características da tradição católica colonial, respaldadas pelo incentivo do Concílio de Trento.¹⁴⁴ Tudo compunha uma grande cenografia – essencialmente barroca – propícia ao desenrolar daqueles verdadeiros “*teatros da fé*”,¹⁴⁵ representados em procissões, cortejos e cerimônias variadas. A vila apresentava-se como legítimo “*santuário de fé e festas*”,¹⁴⁶ destacando-se as ocorridas no período da Quaresma, quando as cerimônias atingiam seu ápice. Além das pessoas do lugar, muitas outras das imediações se instalavam na cidade apenas para participar dos festejos¹⁴⁷.

¹⁴³ O’DEA, 1969:24.

¹⁴¹ Como resposta ao discurso reformista, no século XV, aconteceu o Concílio de Trento que, visando recuperar e manter os católicos pregava: “*Como a natureza humana não pode elevar-se facilmente às coisas divinas sem uma ajuda exterior dos sentidos, a Igreja, em sua bondade, instituiu diversos ritos: certas palavras da missa serão pronunciadas em voz baixa, outras em voz alta. A Igreja prevê cerimônias apropriadas, bênçãos, luzes, incenso, vestimentas e muitas outras coisas que procedam da disciplina e da tradição apostólicas*”. RESOLUÇÕES DO CONCÍLIO DE TRENTO, 1563, Apud. SEFFNER, 1993:63.

¹⁴² KARNAL, 1998

¹⁴³ FERRARE, 2001:1. A autora afirma que tal conotação é devida àquela cidade desde seus primórdios, no século XVI, até meados do século XIX “quando a cidade decaiu em importância sócio-política”.

¹⁴⁴ MERO, 1995:25.

¹⁴⁵ Na correspondência, em forma de petição, que os moradores e a Câmara Municipal da villa enviaram à direção da Custódia franciscana, em 1657, está escrito: “*Os moradores desta villa de Santa Maria Madalena da Alagôa do Sul e Norte, que elles estão em posse há muitos annos dos Conventos de São Francisco e Santo Antonio da villa de Marim, lhe fazerem caridade mandar dous religiosos assistir ás quaresmas, e mais dias dos oragos n’esta villa (...)*”, FONSECA, 1874:14)

¹⁴⁶ “*Na Semana Santa de 1662, em quinta feira Maior, se cantou nelle a primeira missa e se expoz tambem o Senhor*” Idem, 16.

Um dos objetivos da presença franciscana em Marechal Deodoro era a realização dos ritos da Semana Santa.¹⁴⁸ Logo após o início das obras do convento¹⁴⁹ foram realizados ali cultos próprios daquela época.

Os festejos da Semana Santa, na sociedade colonial, talvez tenham sido umas das mais expressivas formas de representação do sentimento cristão da época. Sua carga dramática e passional se relacionava intimamente com a cultura barroca justamente pela exacerbação de sentimentos e emoções que conseguiam provocar nos fiéis em geral.

Isso se dava, justamente, porque ali se manifestava um fenômeno único, uma “*crístandade em conflito*” uma vez que, no Brasil Colônia, devido às características tão peculiares das estruturas formadoras da sociedade, só havia uma forma de convivência social: “*o conflito; oculto ou aberto, consciente ou inconsciente*”.¹⁵⁰

O Convento teve papel fundamental nesses eventos, pois, desde 1751, os irmãos da Ordem Terceira Franciscana eram os responsáveis pela Procissão de Cinzas¹⁵¹.. Cerimônia que atraía gente de todas as circunvizinhanças da vila, deixava o “Porto do Convento” *apinhado por centenas de canoas*¹⁵².

A Procissão de Cinzas, um dos mais emblemáticos festejos católicos promovidos pelos franciscanos leigos, também em Marechal Deodoro, era revestida de todo o aparato estético e simbólico, como nos demais locais do Brasil Colônia. Através da descrição minuciosa de Pedro Paulino da Fonseca, é possível vislumbrar os detalhes daquela festa.¹⁵³ Naquela ocasião, grandioso cortejo mesclava as figuras da Morte, anjos, Adão e Eva, santos mártires franciscanos, alegorias diversas (Confissão, Satisfação, Obediência, Memória da Morte, Desprezo do Mundo). O cortejo humano era marcado por elementos revestidos de uma representatividade bem própria da ambígua cultura barroca: a brevidade da vida

¹⁵⁰ HOORNAERT, 1977:146.

¹⁵¹ FONSECA, 1874: 22.

¹⁵² Idem, 20.

¹⁵³ Esta celebração, realizada sob as mesmas condições, na cidade de Penedo/AL, repetia a estrutura formal e altamente simbólica de Marechal Deodoro. Cf. MERO, 1991:117.

(representada pela ampulheta), a árvore da penitência (de cujos galhos pendiam rosários, livros de oração, etc), tocheiros com lanternas e tochas acesas, pessoas portando lanças, bandejas e salvas de prata, bandeirolas, balanças e espadas (representando a Justiça Divina), incensários. Em meio a isso havia ainda os andores com santos de devoção da Ordem. Destacavam-se no cortejo, o sacerdote, os frades e os irmãos terceiros franciscanos.

Ainda naquela procissão havia vinte imagens de santos, solenemente instalados em andores cuidadosamente decorados: Santa Izabel de Cortana, São Luiz Rei da França, São Ivo Doutor, São Vivaldo na Toca, os Bons Casados São Lúcio e Santa Bonna, São Francisco Recebendo as Chagas, São Francisco Morto, Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Santa Maria Madalena, São Roque, São Vicente Ferrer, São Gonçalo, Santa Delfina, Santa Elisária e outros¹⁵⁴.

Outra cerimônia realizada com grande suntuosidade, por ocasião da Semana Santa, era a Procissão dos Passos, que tinha como costume visitar sete passos instalados ao longo do espaço urbano da vila, sendo três deles relacionados ao convento: um na Capela da Ordem Terceira de São Francisco, um outro no próprio convento e mais um na Rua do Convento. Ou seja, visualiza-se aí a importância hierárquica do espaço conventual, em meio às demais igrejas, nas manifestações religiosas daquela comunidade, aparecendo como ponto de convergência principal na dinâmica festiva.¹⁵⁵ Todo o sítio urbano se transformava no grande cenário religioso para as celebrações.

Diante do exposto, fica patente sua atuação como centro de referência religiosa e cultural, eleito pelo povo como espaço especial das muitas comemorações católicas que se davam no lugar. Para isso, muito contribuiu a presença da Ordem Terceira de São Francisco, chamada também de Ordem Terceira da Penitência. Embora com restrições de caráter econômico e racial, permitia a ampla participação leiga (masculina e feminina).

¹⁵¹ FONSECA, 1874:18-20.

¹⁵² MERO, 1995:27 informa que na Quinta-feira Santa, à noite, saía das igrejas de Nossa Senhora da Conceição (matriz) e de Nossa Senhora do Amparo, as Procissões do Encontro, cujo desfecho se dava no adro do convento e ali mesmo se desenrolava o sermão.

Espaço impregnado de vivência ativa da religiosidade caracteristicamente brasileira era o perfil dos atores sociais que o freqüentavam que conformava seu status na cultura local.

3.3.2 . A Imaginária

Além dos ritos e comemorações diversas havia no convento outro elemento essencial à dinâmica religiosa ali desenvolvida: a imaginária representando santos e santas católicas. “A imagem significa a presença do santo, do sagrado, nas circunstâncias mais variadas da formação do Brasil”.¹⁵⁶ Aqui, as imagens adquiriram traços próprios da condição cultural local e, por isso, foram “reinventadas” gerando uma riqueza artística e cultural muito grande.¹⁵⁷ Pode-se falar que características bem particulares geraram um “cristianismo centrado na devoção dos santos”.¹⁵⁸

Por isso, verificou-se, no Brasil, o intenso comércio de imagens, proliferando os santeiros que recebiam encomendas de igrejas e particulares já que essa espécie de culto não era vivenciada apenas no interior dos templos. A devoção doméstica era prática comum nas casas que, maiores, possuíam pequenas capelas (principalmente na área rural) e as casa urbanas, que possuíam seus oratórios. Neste caso as pequenas imagens eram mais freqüentes, sendo as de médio e maior porte mais encontradas nas igrejas e capelas.

No Brasil Colônia, travou-se com os santos uma relação amigável e familiar. Ali caracterizava-se genuína feição popular no diálogo estabelecido entre o fiel e a imagem marcado por fitas, velas, doações, promessas, etc (ver fig. 71).



¹⁵⁶ HOORNAERT, 1977:292.

¹⁵⁷ “A transladação de ima brasileira, pois os significados na sua terra de origem. Deve linguagem simbólica mais ver

¹⁵⁸ Idem, pp.388.

ava o estabelecimento da cristandade ram muito diferentes dos que elas tinham velaram a verdade sobre o Brasil, numa nte enganadora”. Idem, pp. 351.

Figura 71 – Sinais da devoção popular (fitas e velas) na imagem afastada da exposição – São Roque
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

O material preferido na fabricação das esculturas durante todo o século XVII foi o barro cozido (terracota) e depois se consolidou o uso da madeira dourada e policromada. À exuberância do vocabulário artístico representado pelo suporte esmeradamente esculpido se somaram as técnicas decorativas de policromia (carnação e panejamento) e douramento. E nestas destacavam-se a pintura a pincel, a punção, o esgrafiado, o *pastiglio*. Como reforços estéticos, apareciam, ainda, as jóias, os resplendores, as coroas e as roupas e perucas (para os santos de vestir e de roca).



Figuras 72 e 73 – Imagens de Santa Maria Madalena e santa não identificada – madeira policromada
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Por não ter sido, ainda, feito um estudo específico a esse respeito, não se sabe com exatidão qual a origem da imaginária de Marechal Deodoro podendo ter vindo da Bahia e/ou de Pernambuco, onde os diversos santeiros estabeleceram características próprias criando assim as chamadas Escola Baiana e a Escola Pernambucana. Segundo a tradição

oral, os santos que tinham maior número de devotos em Marechal Deodoro, eram eram São Benedito (entre os negros), Nossa Senhora da Conceição e o Cristo Crucificado¹⁵⁹.



Figura 74 e 75 – Imagens do Cristo Crucificado e de São Benedito – madeira policromada
Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Fonte:

3.4 . O CONVENTO E O MUSEU

Conforme se viu anteriormente, as profundas transformações produzidas no antigo convento franciscano de Marechal Deodoro/AL, a partir do século XIX, foram determinantes para a edificação, matéria, e desta em sua relação com a cidade.

Entretanto, a forma como tem se dado, depois disso, sua apropriação, imaterial, por parte da gente do lugar também foi penalizada.

Após cerca de dois séculos de uma existência caracterizada pela atuação determinante, do ponto de vista religioso e cultural, no espaço urbano colonial no qual estava inserido, o Convento passou por um processo gradual de decadência causado pelo esvaziamento, em relação ao número de membros. Tal quadro teve como conseqüências

¹⁵⁹ ALAGOAS AGORA - Suplemento Especial. Publicação bimestral da Subsecretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Alagoas, s.n.t., pp. 4.

dificuldades na sua manutenção física¹⁶⁰ e a adaptação do prédio, a partir dessa época, a diversas funções, algumas de caráter essencialmente profano.

Esse movimento de descaracterização do local no que diz respeito à sua representatividade como espaço religioso, foi coroado pela sua transformação em Museu de Arte Sacra de Alagoas, no ano de 1984.

Numa tentativa de dinamizar o sítio histórico da cidade, que havia sido tombado no ano de 1983, na esfera estadual, a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, através da iniciativa do Prof^o Elias Passos Tenório, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Alagoas, a Arquidiocese de Maceió, a Universidade Federal de Alagoas, e a Prefeitura de Marechal Deodoro se uniram no sentido de transformar o antigo convento, praticamente abandonado, em Museu de Arte Sacra. Este substituiria o Museu Dom Ranulfo, que já funcionava, precariamente, nas dependências da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Maceió.

Por outro lado, o complexo conventual havia sido recentemente restaurado pelo IPHAN, com serviços englobando todo o acervo arquitetônico¹⁶¹. Portanto, dentro da visão da época, o prédio estava pronto para ser utilizado.

A estrutura proposta para o Museu incluía administração, setor de museologia com reserva técnica, circuito museográfico com exposições fixas, ateliê de restauração e arquivo, setor educativo com biblioteca, promoções culturais e didáticas, auditório, funcionando, inicialmente, na própria nave da igreja conventual sendo que, seria instalado, em caráter definitivo na Capela da Ordem Terceira, que posteriormente devido às sérias degradações apresentadas, passaria, também, por intenso trabalho de restauração¹⁶².

157 SANTANA, 1970:32.

¹⁵⁸ Dados obtidos em pesquisa realizada nos arquivos da 17ª SR/IPHAN-AL, em março de 2005.

¹⁶² Cf. REVISTA ALAGOAS AGORA, s.d.:3. A capela da Ordem Terceira foi restaurada em 1987, pela Fundação Pró-Memória e o Governo do Estado.

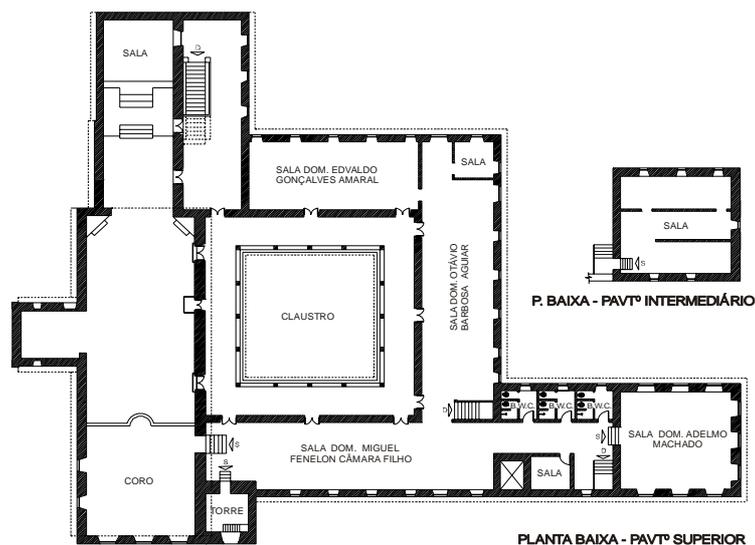
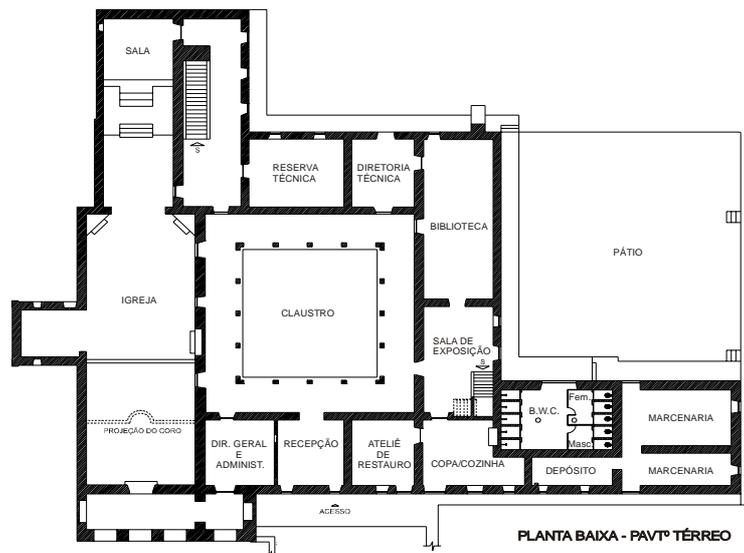


Figura 76 – Planta baixa da igreja e convento em sua feição atual – sem escala
Fonte: Arquivo da 17ª SR/IPHAN/AL.

Seu acervo foi constituído com obras provenientes do próprio convento e igrejas da cidade além de doações do Museu Dom Ranulfo, da Arquidiocese de Maceió, da Igreja dos Martírios, do Seminário Católico e de paróquias alagoanas. A intenção inicial era criar uma instituição que reunisse o acervo sacro representativo do Estado. Formado com mais de 700 obras, incluindo desde pinturas sobre tela, objetos de ourivesaria e prataria, alfaias e paramentos em geral, objetos e utensílios do convento, mobiliário e, destacando-se pela qualidade e diversidade, a coleção de imaginária. Todo esse acervo, de origem e autoria

desconhecidas, datado dos séculos XVII, XVIII e XIX, foi confeccionado a partir das mais diferentes tecnologias e materiais.

A maior parte das peças passou por um trabalho de conservação sendo as peças mais degradadas restauradas antes de serem expostas.

A princípio, a igreja continuou a desempenhar as atividades litúrgicas aos domingos. Com o passar do tempo e sendo seu estado de conservação comprometido pela ausência de um trabalho sistemático de manutenção, já havendo ocorrência de danos estruturais e estéticos, a sua condição de uso foi ficando cada vez mais difícil tendo sido necessário paralisar os atos religiosos.

Além de todas as intervenções que os diversos usos desencadearam na estrutura física do antigo convento, nada foi tão impactante para o patrimônio imaterial que ali fluía, quanto essa transformação do espaço em museu uma vez que, a redoma institucional que envolveu o conjunto, alavancou perdas e danos aos bens intangíveis, os quais constituíam uma das facetas mais consistentes da sua identidade.

Consolidou-se, então, uma ruptura que já vinha sendo lentamente processada na relação dos deodorenses com aquele espaço, quando imagens e objetos apropriados, até então, apenas sob a ótica religiosa, foram retirados de seu contexto físico original – espaço conventual e igreja – e foram levadas para exposição e contemplação em um espaço museográfico. Rompem-se, assim, laços secularmente construídos com os objetos sacros, detentores de uma carga subjetiva e simbólica diretamente relacionada ao sagrado.

Os novos valores conferidos às obras, mais vinculados às suas dimensões artísticas e históricas não foram capazes de restabelecer o elo de ligação do povo com o edifício, em sua nova função, e seu acervo.

A argumentação, a partir de agora apresentada, defende a idéia que o Museu não evoca, em nenhum momento, a pré-existência do antigo convento, utilizando o suporte

arquitetônico apenas como mero espaço de exposição, sem valorização da sua história, sem espaço para as memórias seculares que ali estão sedimentadas¹⁶³.

Diante disso, existe a possibilidade de que este cenário edificado, hoje ligado a uma concepção museográfica, encerre em si uma dinâmica conflituosa, pois abriga, no mesmo espaço, uma natureza contraditória, teoricamente preservacionista, mas que contempla fenômenos de perdas uma vez que está diretamente comprometido com algumas das interrupções em processos culturais inerentes ao seu antigo uso e à comunidade local.

Com o esgotamento da sua função religiosa, aos poucos desapareceu o edifício, de caracterização simbólica e ficam definidas novas conotações envolvendo aquele espaço. É enfim conformado o novo perfil do complexo conventual e de todo o acervo que lhe era inerente.

Foi, enfim, conferido ao lugar um novo significado, mas se processa um fenômeno interessante quando se verifica no imaginário popular um comportamento de auto-exclusão em relação à nova função do prédio e do seu acervo já que a população, profundamente ligada aos objetos sacros por laços de fé, não se sente proprietária e partícipe do novo processo; onde o patrimônio perde a aura do divino respaldado pelo discurso de uma preservação que prioriza os valores artísticos e históricos (dimensão essa não compreendida nem aceita em sua totalidade pelo povo), em detrimento daquele que realmente dava sentido às obras: o religioso.

Embora conservada a consistência física das obras, a população se viu destituída da sua capacidade de lhes atribuir valores já que sua relação com os mesmos havia sido rompida bruscamente. O relato de uma moradora mostra bem a dimensão do arcabouço social no qual surgiu o museu: *“Tiraram as imagens das igrejas e colocaram no museu.*

¹⁶³ Na época em que o MASEAL foi criado, início dos anos 80, ainda, não havia um envolvimento maior com as questões relacionadas à preservação do patrimônio de natureza imaterial como se observa atualmente quando este tema está na pauta do dia das políticas preservacionistas.

Com isso tiraram a devoção do povo. Sem os santos, as igrejas foram fechadas e fadadas à situação em que hoje se encontram”¹⁶⁴.

Esvazia-se com isso o sentido do museu, discursivamente “do povo e para o povo”. Parece mesmo que o efeito foi inverso ao elitizar-se um acervo que era vivo dinâmico e podia ser cotidianamente vivenciado pelas pessoas através das manifestações da religiosidade popular ainda presente em Marechal Deodoro. Analisando-se sob este aspecto, verifica-se que o museu tem funcionado (especificamente em relação ao povo da cidade) como uma espécie de “*depósito ou um hospício de obras de arte*”.¹⁶⁵ Encontra-se o prédio e o acervo “oficialmente” amparados por lei federal (tombados pelo IPHAN) e por uma decisão do governo estadual em detrimento de toda uma ordem simbólica que lhes dava sentido como reflexos da cultura de um povo e de um lugar e como agente agregador de valores que tangenciam questões de identidade cultural.¹⁶⁶

Os museus são instituições criadas desde o final do século XVIII, como consequência de uma noção de patrimônio cultural coletivo que se esboçou a partir dali. Até então, havia o hábito de colecionar objetos; hábito esse cultivado amplamente no período denominado Renascimento, através dos “gabinetes de curiosidades” e das “coleções de maravilhas”. Posteriormente, surgiram as galerias, de conotação mais artística e histórica.

“No final do século XVIII, com as conquistas da Revolução e o desenvolvimento dos nacionalismos, brota a idéia de que tais riquezas não são propriedade única dos poderosos, pertencente,

¹⁶⁴A entrevistada, cidadã deodorense, se refere ao estado de degradação em que se encontram algumas igrejas das quais vieram peças para o acervo do museu: Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Convento do Carmo, estes últimos, em completo estado de abandono e já em processo de arruinamento (ALMEIDA, 2003).

¹⁶²ARGAN, 1998:8.

¹⁶³Ainda hoje é possível encontrar pessoas da cidade que vão ao museu e insistem em travar com o objeto, agora, artístico uma relação de divinização através das orações, genuflexões, fitas e velas. Tal fato, ocorreu recentemente com a imagem de São Roque, afastada do circuito museográfico devido a um estado de conservação inadequado (ver fig. 71), e foi relatado pelo Sr. José Messias Lima, funcionário da instituição, em 28 de julho de 2005.

¹⁶⁴ BOUILHET, Henri e GIRAUDY, Daniele, 1988:27.

*doravante aos povos. Passa-se da noção de coleção à de patrimônio*¹⁶⁷.

Embora teoricamente criados para o povo, os museus se destacaram, inicialmente, pela elitização dos seus acervos, como resultado da própria concepção de arte que era voltada para as expressões artísticas eruditas e excepcionais. Após um processo de mudança, inclusive da concepção da História, agora distanciada do culto ao passado, e da visualização da importância dos vários segmentos sociais que a constroem, os museus incorporaram uma roupagem inovadora e dinâmica, aberta, também, à multiplicidade das narrativas culturais que conformam a sociedade. Não apenas voltados à guarda dos objetos e artefatos produzidos pelos homens, eles se voltam para a própria experiência humana, em toda a sua amplitude cultural de, não apenas “fazer” mas, principalmente, de “ser” cultura.

Neste sentido, cabe indagar, até que ponto, as diversas experiências culturais que, ao longo do tempo, impregnaram o espaço urbano e espaços religiosos, especialmente o convento franciscano, da antiga vila e hoje cidade, foram, juntamente com o seu patrimônio sacro material, desconsiderados, por parte da intenção preservadora museográfica, conseqüentemente, contribuindo para perdas e interrupções em processos culturais secularmente estabelecidos.

Lógico que não se pode atribuir às perdas de ordem religiosa e cultural todo o fardo da decadência na qual, gradativamente, a cidade mergulhou. Existem raízes econômicas, políticas e sociais profundas entranhadas nesse processo. A própria modernidade impôs seus modismos e o abandono de algumas velhas tradições, incluindo aquelas ligadas ao catolicismo. No entanto, é incontestável a argumentação, de cunho antropológico de que “*a religião está entre os mais fortes apoios de uma ordem social estabelecida*”.¹⁶⁸ Portanto, como parte da herança cultural da cidade, ela constituía segmento imprescindível no conjunto de suas referências.

Diante do exposto, é possível afirmar que no Museu de Arte Sacra de Alagoas, tem se produzido um discurso equivocado, uma vez que, embora re-afirmando seu papel como

¹⁶⁸ O’DEA, 1969:10.

agente de preservação da memória da cidade, contribuiu para a criação de lacunas nessa mesma memória, pois percebemos que as práticas identitárias realizadas entre povo e espaço religioso, incluindo seu recheio artístico, foram fragmentadas, quando não rompidas.

Esta argumentação pretendeu dar uma maior visibilidade ao espaço denominado Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas, instalado no antigo Convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro/AL, no sentido de discutir sua intenção unicamente voltada para a manutenção física do acervo patrimonial.

Em relação ao prédio, a instalação do museu não desencadeou novas alterações físicas. No entanto, não houve, no projeto museográfico, qualquer preocupação em salvaguardar ou valorizar algo do espírito franciscano/religioso que ainda sobrevivesse ali. A não ser pela conformação arquitetônica do prédio, nada no museu sinaliza para o antigo convento, a vivência dos frades, a essência da ordem, a relação com o povo.



Figuras 77 e 78 – Pia batismal e pia de água benta – pedra
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

Mesmo o sítio de implantação foi totalmente ignorado no projeto museográfico adotado quando da adaptação do prédio à função de museu. Conseqüentemente, seu potencial paisagístico, inclusive constituindo-se em uma reserva natural importante, não tem sido devidamente valorizado e explorado.

Não há aqui o intuito de desvalorizar a criação do Museu, pois é indiscutível sua importância mas, simplesmente, se pretende sinalizar para a necessidade de se reavaliar este compromisso preservacionista, ampliando-o e aproximando-o do patrimônio imaterial inerente àquela comunidade – a presença franciscana fluindo em cada canto do antigo convento e a religiosidade popular – que é o que sempre deu sentido ao seu acervo sacro; Seja ele prédio, seja ele elemento artístico integrado à arquitetura, seja ele objeto de culto.

Ao fim desse percurso de um contato travado com o antigo convento e sua história, fica aqui referenciada uma preocupação com a necessidade da inserção do patrimônio religioso da população de Marechal Deodoro, tão característico das nossas sociedades remanescentes do período colonial, como parte da prática cotidiana de uma cultura que se intenta preservar. Sem isso, todo o esforço do MASEAL na preservação cultural, estará fadado ao fracasso. E como muitas outras instituições museográficas, estará condenado a continuar sendo simples depositário de obras de arte.

CAPÍTULO 4

Convento, Museu e Clima em Marechal Deodoro



4.1 . CONVENTO E CLIMA

Perante a argumentação até agora aqui apresentada e já conhecendo toda a carga conceitual e simbólica que fluía em torno da produção arquitetônica franciscana, desde sua gênese, como simples abrigos, até os monumentos mais imponentes existentes até hoje, dados referentes a conforto ambiental, tecnicamente mensuráveis, parecem destoantes e distanciados daquele fazer cujo lastro eram a filosofia e a religião.

No entanto, fica claro que diante da atual atividade vinculada ao prédio, onde os fatores e componentes ambientais são absolutamente decisivos, cabe a discussão de como estes foram tratados, considerando o prédio como convento e como funcionam hoje, quando o antigo convento foi adaptado à uma nova função.

Embora tenha havido, ao longo do tempo, diferentes pressupostos embasando as iniciativas neste sentido, o homem sempre se preocupou com questões de conforto ambiental e sempre procurou investir, de acordo com suas possibilidades, técnicas e conhecimentos, na melhoria desses padrões, de forma a viver sem maiores conflitos com seus climas específicos. Para tanto, as formas de vestir-se e os modos de habitar foram sendo conformados de modo a responder satisfatoriamente a seus usuários.

A produção arquitetônica de todos os tempos, de uma forma ou de outra, tem estabelecido parâmetros de conforto ambiental em seus espaços edificados. E não poderia ser diferente com a arquitetura conventual franciscana.

Portanto, não se pode colocá-la à margem dessas preocupações, apesar de não terem sido identificados, na bibliografia consultada, maiores indícios que sinalizassem nesta direção específica.

Por outro lado, a aura de “relicário” que hoje reveste o prédio, através da função museográfica de guarda e conservação de um acervo da maior importância e qualidade, a qual foi implantada em detrimento de valores outros que o envolviam, nos permite indagar até que ponto aquele espaço, olhado agora apenas sob uma ótica bem objetiva, está realmente adequado para desempenhar, com sucesso, a função a que se propõe.

A leitura do convento franciscano como produto de um cuidado com questões de conforto ambiental exige, inicialmente, esclarecer que, naquela época, os conceitos ligados à conforto ambiental eram tratados de forma empírica, com enfoques mais qualitativos que quantitativos.

A apropriação do espaço brasileiro, em seus primórdios, se valeu muito da “aura” paradisíaca que se criou em torno dele. E, neste contexto, se inseriram todos os estrangeiros que aportaram aqui, fossem religiosos ou leigos.

A primeira imagem que se teve do Brasil foi construída a partir de sua edenização, uma vez que os europeus que aqui chegaram, no século XVI, relatam seu encontro com um território imenso, dominado por uma Mata Atlântica exuberante, detentora de flora e faunas ricas. Exótica e atraente, sem dúvida, mas, também, diferente, estranha à paisagem de uma Europa¹⁶⁹ distante, a qual já estavam acostumados.

¹⁶⁹ “Desde a famosa carta de Pero Vaz de Caminha relatando 1º contato entre portugueses e indígenas instala-se uma tradição paradisíaca e idílica acerca do Brasil, de seu clima, de seus habitantes”. HOORNAERT, 1977:27.

O Padre Fernão Cardim, contemporâneo de Padre Vieira, interessou-se em escrever sobre o assunto e dedicou, em sua obra¹⁷⁰, um capítulo inteiro sobre o clima e a Terra do Brasil. Aí ele relata, minuciosamente, as novidades deste novo mundo, com peculiar interesse pelos aspectos naturais inerentes ao território – terra e clima, fauna e flora. Sobre o clima, ele dizia que era, de modo geral, bom, embora, segundo crença típica da época, considerasse a noite desfavorável à saúde.

Inserida nesta paisagem exótica estava a, não menos estranha, presença rara de uma arquitetura vernacular, muito própria do lugar - hoje antropológicamente chamada de “*casulo*”¹⁷¹ a qual configurava uma situação espacial e arquitetônica muito peculiar, diferente da portuguesa, mas que respondia, “*de maneira satisfatória, a todas as necessidades de seus moradores*” as populações indígenas.

Neste sentido, a habitação indígena, considerada como a primeira manifestação da arquitetura brasileira é, essencialmente, resultado de um diálogo com o clima, a topografia, a paisagem natural, a oferta de materiais, entre outras coisas.

Os primeiros europeus que aqui desembarcaram, especialmente os portugueses, trouxeram na bagagem vasto campo de conhecimento fundamentado na secular cultura de suas terras de origem. No entanto, as condições inerentes ao lugar, bem como, os materiais e a mão-de-obra disponíveis, moldaram sua ação no lugar americano, ao mesmo tempo em que o re-configuraram, o que não deixou de acrescentar à cultura aqui desenvolvida.

Assim sendo, a produção arquitetônica que, gradativamente, foi sendo implantada, embora respaldada no modelo português, não deixou de se adaptar ao local e receber dele suas influências, tendo por isso adquirido uma identidade formal que permitiu sua designação, por parte de estudiosos, como luso-brasileira¹⁷².

¹⁷⁰ CARDIM, Pe. Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. 3ª Edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

¹⁷¹ SCHELEE, 2001:23.

¹⁷² *Idem*, 24.

A esse respeito, é necessário se atentar para um dado estranho á sociedade em Portugal, mas substancial na realidade brasileira já que conferiu marcas e em muito contribuiu para a construção da paisagem edificada do Brasil Colônia: a presença dos negros escravizados.

Não se descarta, também, a contribuição dos indígenas, pois é comprovado que antigas técnicas vernaculares dessa população também foram absorvidas em momentos importantes da construção do nosso espaço edificado. Todos esses legados multiculturais e multirraciais contribuíram para a elaboração de uma feição cultural/arquitetônica brasileira muito particular.

Construídos sob a iniciativa dos religiosos pertencentes às diversas ordens que se implantaram no Brasil, os conventos constituem importante aspecto deste tema, pois estão no país desde a chegada de Cabral e pontuaram, desde finais do século XVI, de forma especial, a paisagem litorânea brasileira, notadamente os frades franciscanos no que concerne à região Nordeste.

Tal paisagem conventual constitui o resultado da tentativa de reprodução de um ambiente exógeno, por parte dos religiosos, tentativa essa referente não apenas no que diz respeito aos aspectos construtivos mas, também, numa vivência religiosa própria da época ao se recriar um modo de vida católico/português¹⁷³.

Entretanto, não se deixou de incorporar novas informações construtivas daquelas diversas culturas que, em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, participaram do processo da produção do espaço colonial.

Os conventos franciscanos apresentam peculiaridade nesse aspecto por serem, devido a pressupostos já apresentados e discutidos anteriormente, cuidadosos no que diz respeito à escolha do sítio de implantação.

¹⁷³ “Tendo chegado aqui a pedido do povo – que certamente quis reconstituir no Brasil um ambiente de vida parecido com o de Portugal, e neste caso, não podiam faltar os conventos, as missas, a religião (...)”. HOORNAERT, 1977:54.

Considerando que as plantas dos conventos franciscanos eram elaboradas *in loco*¹⁷⁴, fica patente a importância do olhar do arquiteto sobre o sítio, a ponto de, a partir daquele primeiro encontro, estabelecer-se um diálogo entre criador/lugar, que trará como resultado uma relação muito delicada e especial entre convento, geografia, paisagem, clima, povo.

No que se refere à esse tipo de arquitetura, o diálogo com o ambiente iniciava-se a partir da escolha do local de implantação conventual, a qual era motivo de cuidadosa análise, não só por respeito a pressupostos teológicos e filosóficos inerentes ao pensamento franciscano (como foi discutido no capítulo anterior), mas também por preocupações que perpassavam questões de ordem material.

Dentre estas estavam as do clima. E derivando diretamente deste, estava a questão da orientação solar.

Os frades franciscanos, respaldados pela filosofia nominalista, viam nas novas terras não o “*inferno dos trópicos*”, quentes e úmidos, como queriam alguns, mas a paisagem valorizada pelo que tinha de seu, único, portanto, particular¹⁷⁵.

Diante disso, é possível visualizar no convento franciscano a busca por uma boa resposta a um clima que era, *a priori*, visto como bom e que poderia ser explorado, de modo racional, a ponto de dar bons resultados em termos de conforto ambiental para seus usuários.

Para que a análise a que se propõe este capítulo fique mais consistente, é necessário se ater não só ao prédio em si, partido arquitetônico, tipologia, orientação, materiais utilizados, etc, mas seu entorno, especialmente, o imediato. Tais dados são extremamente importantes ao se considerar em quais níveis eles têm determinado o estado de conservação preocupante no qual se encontra a maior parte do acervo móvel do museu (especialmente o de natureza higroscópica, ou seja, as esculturas em madeira e pinturas sobre tela) exposto no prédio onde funcionava o convento, propriamente dito.

¹⁷⁴ WILLEKE, 1973:28.

¹⁷⁵ FREYRE, 1959:26, coloca que, neste sentido, os franciscanos viam no Brasil o “*espaço messiânico ou ideal: quente, claro, luminoso, sem névoas ou gelos*”.

Neste sentido se incluem o tipo de clima do lugar, a orientação solar do prédio, o sítio de implantação, a tipologia arquitetônica e as técnicas construtivas e materiais utilizados:

1. O tipo de clima do lugar - o convento foi edificado em uma região com elevada temperatura (máxima de 31° e mínima de 22°) e umidade (média de 80%),

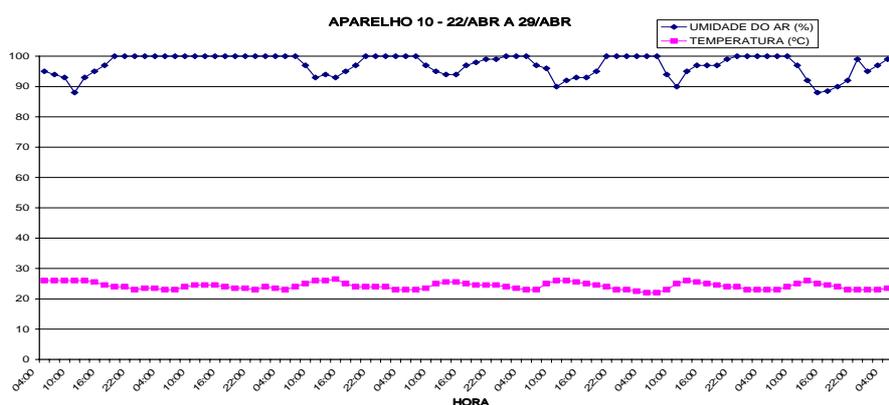


Figura 79 - Monitoramento higro-térmico - área externa do museu

Fonte: Ana Cláudia Magalhães2004.

ou seja, características de clima quente e úmido, peculiar ao nordeste do Brasil, conforme está ilustrado nos resultados das medições realizadas na área externa do convento (ver fig. 78).

Relativos a estes mesmos índices, a historiografia comprova que:

“Durante o inverno mofam certos medicamentos. Mofam as roupas, as botinas, as paredes, a carneira dos chapéus, a capa dos livros. É um horror. E quando a esta umidade se junta o calor, a sensação de agonia que se experimenta é insuportável. É um mal-estar, uma irritação nervosa contínua. (...) Então, de tôdas as partes vão subindo ondas e mais ondas de vapores aquosos, ganhando as altas camadas (...) da lírica lagoa límpida; dos canais rutilantes; do oceano ansioso; (...) – a evaporação é formidável, dando a tudo uma sensação de cousa viscosa, úmida, pegajosa. (...) Sobem aquelas ondas. Lá no alto, pairando sôbre as colinas verdejantes, sôbre os cumes azulados, transformam-se em

nimbos que, com o mais leve resfriamento, se desfecham em aguaceiros furiosos”.¹⁷⁶

Considerando que o “*clima é provavelmente o elemento que exerce a maior e menos controlável influência sobre o museu*”¹⁷⁷, tais índices, quando inter-relacionados, têm ação direta sobre ao cervo artístico do museu devido à vulnerabilidade dos seus materiais constituintes no que diz respeito à temperatura e umidade relativa.

2. A orientação solar do prédio - a orientação era um dado importante na arquitetura religiosa uma vez que a própria legislação canônica estabelecia regras firmes a respeito da necessidade do edifício-igreja ser implantado, preferencialmente com a Capela-mor voltada para o Oriente e “*nunca para o Norte, nem para o Ocidente*”¹⁷⁸. No caso do convento de Marechal Deodoro, a fachada principal volta-se para o Sul (ver fig. 79) tendo, portanto, toda a área de celas e mirante construídos entre o Norte e o Sul e, conseqüentemente, onde estão dispostas a maioria das aberturas do prédio. Ou seja, recebendo toda a ventilação referente aos ventos Sudeste e Nordeste, os quais predominam nesta região em todo o ano, favorecendo o conforto térmico nas estações mais quentes.



Figura 80 - Fachada principal do antigo convento voltada para o Sul

Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas – s.d.

3. O sítio de implantação - um fator determinante na escolha feita no século XVII, referente ao sítio de implantação do convento, é, indiscutivelmente, a lagoa. Não só porque

¹⁷⁶ BRANDÃO, 1949 apud FERRARE, 2001:1141.

¹⁷⁷ MUSEU DE ARTE SACRA/UFBA/CECOR/THE GETTY CONSERVATION INSTITUTE/FUNDAÇÃO VITAE, 1998:10.

¹⁷⁸ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Livro IV, Título XVII, nº 688.

era meio de comunicação e de abastecimento de água, mas, por significar fonte de brisa em um ambiente naturalmente quente¹⁷⁹. Entretanto, outros pressupostos foram levados em conta e estes se encontram dispostos na legislação canônica:

“As igrejas se devem fundar e edificar em lugares decentes, e acomodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja Parochial em nosso Arcebispado, se edifiquem em sitio alto, e lugar decente, livre de humidade, e desviado, quando possível de lugares immundos e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes [...] E quando houver de fazer, será com licença nossa, e feita vistoria, iremos primeiro, ou outra pessoa de nosso mando levantar a Cruz no lugar, aonde houver de estar a Capella maior e demarárá o âmbito da Igreja, e o adro della”¹⁸⁰.

Além disso, havia ali uma densa massa de vegetação de grande porte, que também, através da evapotranspiração¹⁸¹, tem o poder de umedecer o ambiente à sua volta. Outro dado que, possivelmente, pode ter influenciado na localização estratégica é que, naquele lugar específico, não há presença de obstáculos naturais à passagem das correntes de ventilação.



Figura 81 - Convento e emolduramento natural – lagoa e vegetação
Fonte: Luciane Macedo,2004

¹⁷⁹ “Nas proximidades de massas de água (lagos, fontes, espelhos de água) o ar se umidifica, podendo ser utilizado para refrescar as edificações” (LAMBERTS, 2004:38).

¹⁸⁰ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Livro IV, Título XVII, nº 687.

¹⁷⁸ Esse termo diz respeito à água liberada pelas plantas sob a forma de vapor, a qual foi absorvida pelo calor e não foi utilizado no processo de fotossíntese. Cf. LAMBERTS et al, 2004:153.

Entretanto, no que concerne à atividade museográfica, a localização do prédio naquele local, em relação ao tipo de solo, proximidade à lagoa, massas vegetais circundantes, altitude, podem desencadear fenômenos indesejáveis às obras de arte.

4. Tipologia arquitetônica - nos conventos franciscanos se repetiu uma fórmula de arquitetura conventual de inspiração no medievo português, mas é inegável que houve a busca por soluções que agissem de forma a constituir-se em uma boa resposta ao clima de cada lugar, quando, entre outras coisas, se buscava manter algum nível de salubridade embora considerassem, respaldados pelos conceitos vigentes na época, a ventilação como um fato gerador de contaminação. Daí, quem sabe, suas celas com janelas pequenas, com seus respectivos postigos, condicionando a luz e o vento suficientes apenas para arejar cada uma delas.



Figura 82- Fachada principal do convento, voltada para o Sul
Fonte: Luciane Macedo, 2004.



Figura 83 - Fachadas posterior (Norte) e lateral (Leste) do convento
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

O claustro, importante elemento da arquitetura conventual, utilizado desde os primitivos mosteiros, é, tradicionalmente, usado na arquitetura vernacular encontrada em regiões de clima quente e seco, pois, como um pátio aberto, garante uma eficiência climática no interior dos edifícios ao evitar a entrada de ar quente e seco proveniente do exterior¹⁸².

Embora contra-indicado nesse tipo de clima quente e úmido, as varandas voltadas para o pátio aberto, no claustro do convento de Marechal Deodoro tem atuado de forma positiva ao favorecer a proteção solar para as paredes internas. Também a ventilação cruzada já que os fechamentos são todos recortados por janelas e portas (ver fig.82 e 81). Deste modo, é possível afirmar que no interior do edifício conventual os espaços são fluidos porque a presença das janelas e portas possibilita a ampla circulação do ar, não apenas nos ambientes internos, entre si, quanto entre estes e o exterior.



Figura 84 - Claustro – Convento
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

5. Técnicas construtivas e materiais utilizados – trata-se de um edifício de proporção modesta, se comparado com outros da mesma época e tipo: “*a casa inda que mui pequena he menos má, tem boa cerca de pedra e cal murada que encosta na lagoa*”¹⁸³. Apresenta dois pavimentos, construídos com espessas paredes em alvenaria de pedra, argamassadas com areia e cal. Neste sentido, é importante ressaltar a elevada inércia térmica dessas paredes. Esse fenômeno será melhor explicado na p. 109.

¹⁸² BITTENCOURT: 1998.

¹⁸³ HUM BRASILEIRO, 1844:32.

Em alguns locais, percebe-se a presença de tijolos de barro, evidenciando-se a técnica mista comum à época. Tem pé-direito avantajado e coberta em telha cerâmica do tipo capa e canal sobre estrutura de madeira.

4.2 . MUSEU E CLIMA

O ambiente natural no qual o antigo convento foi edificado e suas características intrínsecas constituem o contexto físico no qual foi implantado o Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas, também chamado MASEAL. E essa situação se insere em uma das grandes problemáticas a se considerar nas questões ligadas à preservação dos bens culturais: a conservação dos acervos museográficos.

Isso porque, no Brasil, a maioria dos nossos museus foi instalada em prédios, alguns seculares, os quais não foram construídos para exercer esta função e, para tal, apenas sofreram adaptações. Soma-se a isso o não cumprimento da maior parte dos parâmetros de conservação preventiva definidos cientificamente para esses locais.

Tal é o caso do objeto de estudo aqui apresentado, cuja instalação se deu no antigo convento franciscano de Marechal Deodoro. E conhecer os dados referentes ao edifício, os quais foram expostos no ítem anterior é essencial, pois o seu papel é:

“fundamental na conservação de seu acervo. Dependendo de suas características e condições físicas, e como primeiro envelope entre o objeto e o exterior, o edifício pode acelerar ou retardar o processo de degradação dos materiais”¹⁸⁴.

O prédio do antigo convento, como um todo, passa por um processo de degradação intenso e progressivo que, possivelmente, se dá como consequência de diversos fatores que se inter-relacionam.

¹⁸⁴ TOLEDO, 1997:6.



Figura 85 e 86 – Abertura na capela lateral da igreja / Pilastra em pedra do claustro
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.

Seu quadro conservativo é preocupante e o prédio, em geral, apresenta problemas em relação aos aspectos físicos, com altos níveis de umidade descendente causados por más condições da cobertura e umidade ascendente devido, entre outras coisas, às características do terreno com lençol freático aflorado (ver fig. 87). A proximidade com a lagoa, o volume das chuvas sazonais e a vegetação circundante ajudam a agravar este quadro. Quanto à degradação biológica, há a presença de fungos, insetos xilófagos, morcegos e pombos. Aparecem ainda sinais de micro-flora ao longo das paredes, cantaria e fachadas (ver fig. 85 e 86).



Figura 87 – Resultado da umidade ascendente - degradações generalizadas em paredes externas
Fonte : Luciane Macedo, 2004.

A concentração de umidade relativa aliada às altas temperaturas causa danos também ao acervo de bens móveis exposto, atingindo principalmente as esculturas em madeira, devido às suas características higroscópicas. Nestas verifica-se problemas de toda ordem como: desprendimento acentuado da policromia, formação de craquelês, fissuras, manchas esbranquiçadas, presença de fungos, entre outros.



Figuras 88 e 89: Problemas observados: Quadro com ondulações no suporte (linho) desprendimento da policromia, entre outros/ Santo de roca com ataque de cupins, manchas esbranquiçadas na carnação.

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2004.

A partir do reconhecimento do inter-relacionamento das variáveis ambientais com os condicionantes físicos do prédio, é possível reconhecer que eles têm funcionado de forma a compor um quadro de degradação que tem se acentuado ao longo dos anos, causando sérios danos a este patrimônio (edifício/acervo), alguns deles irreversíveis.

Este tema tem avançado e, cada vez mais, se exige cientificidade embasando os diagnósticos, o que gerará aplicações práticas e intervenções mais consistentes do ponto de vista científico. Considerando tal necessidade, fica patente a urgência em investigar mais profundamente as patologias e lesões apresentadas, o que gerará aplicações práticas e intervenções mais consistentes do ponto de vista científico. Considerando tal necessidade, fica patente a urgência em investigar mais profundamente as patologias e lesões apresentadas nos objetos, arquitetônicos e artísticos, o que poderá gerar instrumentos de controle dessas condições visando paralisação e/ou minimização desse processo, contribuindo para a implantação de condições de estabilidade imprescindíveis à manutenção desse precioso legado cultural que é o MASEAL.

Tratando especificamente da questão do acervo móvel em exposição, verifica-se que ele é quem absorve, cotidianamente, as condições climáticas.

Observa-se, ainda, que as condições térmicas do entorno, bem como os condicionantes físicos do prédio (características construtivas, tipológicas, materiais utilizados, etc) são os responsáveis por parte da instabilidade física que tantos danos têm causado às obras, uma vez que oferecem condições que ampliam o quadro de degradação

instalado naturalmente (desgaste natural). Esse problema se acentua quando a própria edificação, por si só, constitui um patrimônio histórico e arquitetônico e tem sua materialidade também ameaçada.

Tomando como dado primário o fator externo, se observará o enquadramento ambiental do prédio. É imprescindível o acompanhamento do comportamento do entorno, inicialmente, através dos fenômenos físicos naturais (água, luz, vento, umidade relativa, temperatura). Considerando o nosso clima quente e úmido,

*“no caso dos trópicos úmidos, a combinação entre temperatura e umidade muito altas favorece à prematura deterioração física, química e biológica dos materiais, sobretudo os de origem orgânica”.*¹⁸⁵

Diante das evidências que aparecem na própria estrutura física das obras, é possível determinar que os maiores danos causados ao acervo do MASEAL se devem às causas naturais, ou seja, às variações bruscas de temperatura e umidade¹⁸⁶ que se verificam em curtos espaços de tempo (ver fig. 90). E isso se dá justamente pelas características das obras que compõem as suas coleções.

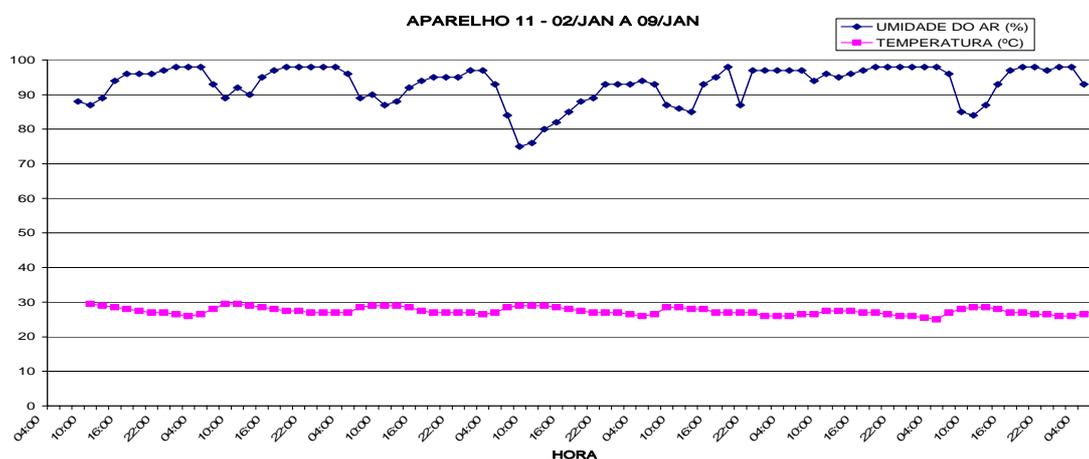


Figura 90 - Monitoramento higro-térmico - área interna do museu – Sala Dom Adelmo Machado

¹⁸⁵ TOLEDO, 1997:06.

¹⁸⁶ “A umidade relativa representa a porcentagem da quantidade de água presente no ar. Sua definição mais precisa seria: a razão entre a quantidade de vapor d’água existente num volume de ar e a quantidade máxima que este ar comporta numa temperatura determinada. A relação entre temperatura e umidade é muito mais próxima do que possa parecer”. HANNESCH, 1992:139.

Fonte : Ana Cláudia Magalhães, 2004.

4.2.1 – CARACTERÍSTICAS DO ACERVO

O acervo do Museu é variado em termos de suporte, tecnologia construtiva e materiais utilizados. Em relação aos suportes é possível encontrar metal (jóias, objetos litúrgicos) têxtil (paramentos e mobiliário), madeira (imaginária, mobiliário, oratórios), papel (documentos, livros), terracota (imaginária), os quais, por sua vez, podem ser divididos em orgânicos (madeira, tintas a óleo e têmperas, papel, têxteis, marfim, couro) e inorgânicos (vidro, metais, pedra, cerâmica, terracota) (ver fig. 91, 92, 93).



Figura 91 – Mobiliário (cadeiras/madeira e têxtil)
Fonte: Ana Cláudia, 2004.



Figura 92 – Paramentos (estola e mitra/têxtil)
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.



Figura 93 – Alfaias (báculo e lanterna processional/metal prateado)

Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2005.

De modo geral, todos eles reagem negativamente quando os níveis de temperatura e umidade atingem índices indesejáveis. Entretanto, são as grandes variações e instabilidades ambientais¹⁸⁷ que provocam a aceleração de processos danosos como degradações biológicas (desenvolvimento de colônias de microorganismos e insetos), químicas (corrosão dos metais, oxidação, acidificação, alterações cromáticas, condensação de umidade, decomposição hidrolítica) e físicas (contração e dilatação dos materiais orgânicos), todos com efeitos e conseqüências variados.

De modo particular, será enfatizado, aqui, a problemática das imagens de santos em exposição permanente; a chamada imaginária colonial que constitui a maior riqueza do acervo museográfico por sua quantidade e qualidade.

Estas, devido ao material utilizado ter sido todo em madeira, bem como, pela sua tecnologia construtiva, são as que mais apresentam os sinais de um estado de conservação inadequado.

A madeira, geralmente o cedro, de fácil manuseio e manipulação pelo artista, foi o material, preferencialmente, utilizado para a confecção de todo o recheio artístico das igrejas no Brasil Colônia. Com ela se executou desde as grandes obras, os chamados elementos artísticos integrados à arquitetura, tais como retábulos, altares, púlpitos, forros, gradis, etc, e as de menor porte, os bens móveis, divididos em grande, médio e pequeno porte, compostos por santos, oratórios, painéis, objetos litúrgicos, etc.

De natureza higroscópica, portanto, suscetível às oscilações climáticas, a madeira reage, evidenciando estes fenômenos naturais na sua estrutura física quando, através da

¹⁸⁷ Embora pesquisas científicas voltadas para a Conservação Preventiva, tenham estabelecido alguns índices recomendáveis para os ambientes museográficos cujos acervos são constituídos de obras com características higroscópicas, COELHO DE SÁ, 1994, diz que tais obras se adaptam à aclimação na qual estão inseridas, num processo que ele chamou de “adaptação higroscópica”. Portanto, os maiores vilões, realmente, são as oscilações abruptas e não o clima por si só.

dilatação e da contração, provoca alterações significativas no suporte, propriamente dito, e na camada pictórica (pintura e douramento) que o recobre.

4.2.2 – OS VALORES HIGRO-TÉRMICOS E O ACERVO

Para que fosse feito um diagnóstico eficiente dos valores higro-térmicos atuantes no museu, foi realizado um monitoramento das condições ambientais encontradas no interior e exterior do edifício conventual, a qual foi baseada em experiências anteriores, as quais a literatura especializada descreve detalhadamente.¹⁸⁸

Optou-se, então, por avaliar as condições ambientais do edifício, internas e externas, através da instalação de seis termohigrógrafos¹⁸⁹ (ver fig. 94) dispostos em locais diferentes do antigo convento, nas salas onde se dá o circuito museográfico (ver fig. 96 e 97, pp. 110). Um dos instrumentos foi colocado na área externa, em local exposto ao sol durante todo o dia. Nessa fase do monitoramento, esse termohigrógrafo foi colocado em uma caixa de madeira, com as quatro laterais recortadas por venezianas, as quais permitiam a circulação do ar no seu interior (ver fig. 95, pp. 109). Toda a superfície, interna e externa, da caixa foi pintada na cor branca para que a radiação solar fosse refletida impedindo os ganhos e retenção de calor no seu interior¹⁹⁰, o que, caso acontecesse, fatalmente, interferiria nos dados registrados pelo instrumento de monitoramento. A mesma foi colocada elevada 1,5m (um metro e meio) do chão.

Estabeleceu-se como prazo para obtenção dos dados um ano de sistemática medição dos índices de temperatura e umidade relativa presentes no circuito museográfico uma vez que, deste modo seria possível acompanhar as flutuações climáticas correspondentes às diversas estações. Diante dos resultados obtidos, se pode entender como os valores do

¹⁸⁸ Cf. Krüger et al, 2004. e UFBA/CECOR/THE GETTY CONSERVATION INSTITUTE/VITAE, 1998.

¹⁸⁹ Instrumentos que medem e registram graficamente os valores de temperatura e umidade relativa presentes no ar.

¹⁹⁰ LAMBERTS, 2004:159.

macroclima, espaço maior, têm se manifestado no local e como se comportam em sua relação com o microclima, interior do prédio¹⁹¹.



Figura 94 - Termigráfico colocado no interior do museu
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2003.



Figura 95 - Unidade meteorológica instalada na área externa do convento
Fonte: Ana Cláudia Magalhães, 2003.

A seqüência de medições mostra que, realmente, as condições de umidade e temperatura no ambiente externo são elevadas, sendo que as horas de pico ocorrem entre 12 e 16 horas da tarde e, inversamente, em relação à umidade relativa, esta ampliação se dá durante a madrugada.

¹⁹¹ LAMBERTS et al, 2004:153, usa o termo mesoclima (ao invés de macroclima) relacionando-o ao ambiente maior no qual a edificação está inserida – cidade, litoral, montanhas, florestas, etc.

Entretanto, as oscilações no interior do edifício são menos acentuadas. É provável que esta estabilidade seja, provocada pela inércia térmica da construção¹⁹², a qual, condicionada pela espessura e pela capacidade térmica dos materiais constitutivos das alvenarias, provoca o retardo do calor no interior das paredes, assim como um amortecimento na amplitude térmica da temperatura do ar. Portanto, se durante o dia é muito quente, à noite quando a umidade relativa se eleva, podendo causar sérios danos ao acervo, tal elevação é atenuada pelo calor que, gradativamente, é liberado pelas paredes, reduzind-a devido ao aumento da temperatura do ar, o que minimiza seus efeitos danosos. Por outro lado, durante o dia, o fenômeno é o mesmo, pois a temperatura superficial das paredes é menor que a temperatura do ar e a umidade retida nas mesmas paredes resfria suavemente o ambiente interno.

Por outro lado, a ventilação cruzada, proporcionada pelas várias aberturas distribuídas pelos salões de exposição, janelas dispostas ao longo das paredes externas e pelas portas que dão acesso ao claustro, podem, de certa forma, remover a carga térmica existente no interior do edifício.



Figura 96 – Mirante (Sala Dom Adelmo Machado) - área vazada por janelas
Fonte: Luciane Macedo, 2004.



¹⁹² LAMBERTS, 2004:63..

Figura 97 – Salão de exposição (Sala Dom Otávio Aguiar Brandão) – área vazada por janelas
Fonte: Luciane Macedo, 2004.

Um problema sério é observado nos períodos de intensa precipitação pluviométrica, especialmente, nos períodos invernosos, uma vez que todo o ambiente, natural e edificado, encontra-se impregnado de elevada umidade, própria do clima local, o qual é reforçado pelo entorno, com seus molhos de vegetação circundantes, de folhagens densas e altas, o sombreamento por ele gerado e a massa d'água (lagoa) vizinha. Essa umidade relativa elevada passa por um processo de secagem lenta e fica retida no ambiente por longos períodos. Some-se a isso, a umidade ascendente, resultante de um lençol freático alto, a qual, pelo processo de capilaridade, avança no sentido vertical.

A tecnologia construtiva do edifício, cuja argamassa apresenta grandes concentrações de cal, também é suscetível à retenção da água devido à sua porosidade e capacidade de permeabilidade.

Todos esses fatores são acentuados durante a noite quando a ventilação horizontal e vertical é impedida uma vez que o prédio fica completamente fechado.

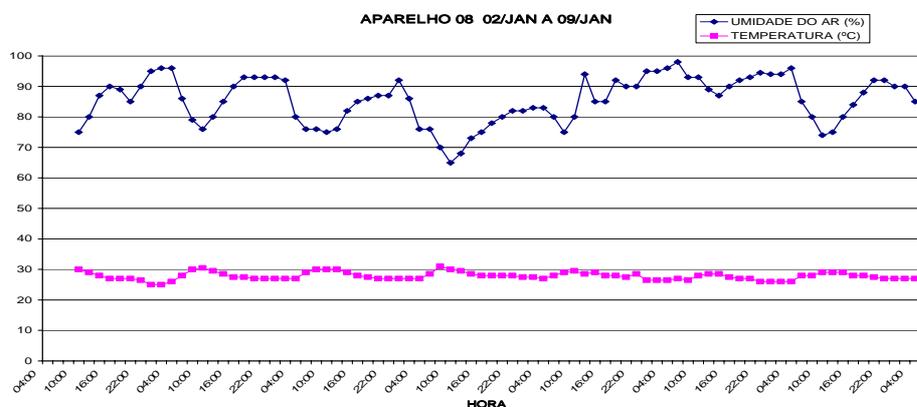


Figura 98 - Monitoramento higr-térmico - área interna do museu – sala Dom Miguel Fenelon Câmara Filho
Fonte: Ana Cláudia Magalhães2004.

Diante do exposto e, considerando que o macroclima não poderá ser alterado nem o edifício, por constituir-se, ele próprio, em patrimônio histórico e cultural, se entende que é necessário implementar algumas medidas que controlem e minimizem o comportamento do microclima, resultando em benefícios voltados para a conservação dos bens.

Neste sentido, a implementação de uma rotina conservativa, através de procedimentos relativamente simples os quais, aliados ao uso de desumidificadores¹⁹³ (após estudo) nas épocas do ano onde já se comprovou a elevação significativa dos valores de umidade relativa, poderiam resultar em ganhos para o acervo, evitando, ou diminuindo, alguns tipos de degradações no suporte e na policromia das esculturas em madeira e nas telas.

Como as paredes (pelo tipo de material usado, pela vegetação circundante, pelo solo naturalmente úmido e pela proximidade com a lagoa) são objeto de permanentes ganhos de umidade e transmissão ao interior do museu, seria viável a poda habitual das árvores cujas copas altas e folhagens densas se encontram mais próximas ao prédio, especialmente nos períodos de inverno. Elas proporcionam sombreamento e impedem a ação da radiação solar sobre as alvenarias e telhados e, conseqüentemente, retardam a secagem e eliminação da umidade retidas.

No âmbito do edifício seria necessário detectar todos os caminhos possíveis para o acesso da umidade e, daí, se tomar alguns cuidados no seu controle. Um deles, de vital importância, é a constante observação e manutenção da cobertura (no que concerne à drenagem, permeabilidade das telhas, escoamentos e vazamentos, etc), evitando assim a umidade descendente e suas conseqüências. Por outro lado, as condições das alvenarias e das esquadrias também podem desencadear ganhos extras e indesejáveis.

Tais ações de manutenção e conservação preventiva resultariam em benefícios para o museu (prédio e acervo) sem necessariamente se recorrer a processos e métodos

¹⁹³ Desumidificadores são aparelhos, disponíveis no mercado, que, distribuídos nos ambientes, de acordo com a sua área, atuam no sentido de absorver parte da umidade relativa do ar.

complexos de climatização artificial¹⁹⁴, que demandam grandes projetos e altos custos e, principalmente, que significariam mais alterações na conformação de um edifício que foi concebido para interagir com a natureza e não fechar-se para ela.

CONCLUSÃO

Ao longo de um percurso teórico desenvolvido em torno do objeto Convento de Santa Maria Madalena, foram sendo revelados os desdobramentos históricos por ele vivenciados, desde sua gênese, como resultado de um projeto religioso com implicações sociais; sua maturidade física, perfeitamente adequado e, de certa forma, ajudando a conformar a feição cultural daquela antiga vila, hoje município de Marechal Deodoro; seu

¹⁹⁴ Além disso, em um ambiente com sistemas de ar condicionado podem ser desencadeadas alterações bruscas, com conseqüências graves para a conservação do acervo, ao se desligar e ligar os aparelhos.

ocaso, com a superação de sua antiga atuação religiosa e sua adequação para usos diversos daquele para o qual foi criado, culminando com o museu de hoje.

Para ser construída essa imagem, levou-se em conta seu aspecto físico, íntegro como objeto arquitetônico inserido em um tempo específico, com implicações históricas, estéticas e físicas, e seu aspecto imaterial, subjetivo, que é o que deu consistência à sua aparência.

Tudo isso resultou na construção do perfil do convento, sempre mantendo subjacente seu suporte teórico, o pensamento franciscano em seu aspecto religioso e filosófico, com sua atração pelos valores específicos da natureza, das paisagens, das pessoas.

E eis que, finalmente, ele se revelou. Integrado na concepção franciscana de mundo, sob a influência de São Francisco de Assis, assumiu plenamente seu papel de coadjuvante da natureza, personagem da paisagem. Espaço contínuo onde seus componentes (igreja, convento, capela) interagiram com o lugar, a lagoa, o verde, a cidade, as pessoas.

Percorrendo a linha do tempo se chegou ao Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas. Sem dúvida, o edifício/convento é, potencialmente, compatível com o edifício/museu. Não existe descontinuidade absoluta entre esses dois elementos.

Entretanto, a apropriação do espaço não foi feita da forma adequada e a pré-existência do convento ficou relegada a um esquecimento; a integridade anterior foi comprometida, rasurada e, a partir de então nos deparamos com uma problemática nova, que envolve aquela instituição museográfica: a dualidade que o caracteriza desde sua criação: o espaço tênue que separa a memória do esquecimento; a fronteira delicada entre a conservação e a destruição.

No que se refere aos aspectos físicos, é possível afirmar que, aquele lugar, eleito pelos franciscanos para a edificação do seu convento foi, durante dezenas de anos, apropriado à mensagem inerente à Ordem dos Frades Menores. Tanto no que se refere à integração com a paisagem – natureza e cidade, seja pelos aspectos que lhe davam significado – as atividades diversas, de cunho religioso e cultural, que lhe permitia dialogar com a comunidade:

*“A sua integração com a paisagem era mais do que um pressuposto arquitetônico, pois isso já vinha incluído como uma questão intrínseca às regras da ordem, que fazia de seus conventos um local não tanto de isolamento, mas de recolhimento e meditação voltada para a natureza”.*¹⁹⁵

Entretanto, na condição de museu, o prédio fica envolvido por outras questões que dizem respeito ao patrimônio histórico e cultural e, neste aspecto, os elementos naturais – lagoa, clima, vegetação circundante, representam perigo para a sua conservação.

Neste sentido, fica patente a urgência de que o museu encontre os caminhos adequados para a preservação e conservação do acervo que abriga, superando as barreiras de um clima inadequado, seja através da implementação de um sistemático trabalho de conservação preventiva, seja se adequando às especificidades climáticas que o edifício apresenta.

É urgente, portanto, a utilização mais consciente do edifício convento, em sua integridade – lugar/edifício – valorizando o que lhe é inerente e específico: o saber herdado de frades, artistas e filósofos franciscanos, usando os artifícios museográficos adequados para a preservação, legibilidade e transmissão desse legado.

¹⁹⁵ CAMPELLO, 2001:87.

Deve-se entender, principalmente, que o museu precisa ser permeável à matriz arquitetônica anterior, pois a imagem do convento continua vibrante, apenas velada, envolvida que está pela estrutura congelante que caracteriza aquela instituição museográfica.

Diante das constatações que foram feitas no decorrer da pesquisa, está indicada a necessidade de estudos mais amplos sobre a questão da conservação preventiva através de controle climático, levando-se em consideração que, conforme foi constatado, a massa térmica se constitui em interessante recurso bioclimático, a ser melhor analisado e explorado em edifícios que apresentem problemática semelhante ao MASEAL.

Por outro lado, configura-se aqui, apenas a primeira etapa de uma longa pesquisa acerca da arquitetura franciscana, percebida como representante de um pacto especial com a natureza. Vários são os códigos implícitos no complexo conventual. Sua decodificação permitirá a compreensão mais ampla dos seus significados.

Creio, entretanto, que a contribuição maior desta dissertação foi consolidar um processo de reconhecimento das partes formadoras do complexo franciscano (convento, igreja e capela) como elementos interligados entre si, visualizados como parte de uma estrutura maior desde sua concepção. Com isso, de certo modo, será possível contribuir para a preservação desse rico patrimônio cultural, pois, embora, cada um dos edifícios formadores apresente valores que lhes permitem ser apreciados isoladamente, só poderão ser compreendidos em conjunto.

Em uma época na qual os prédios antigos, cujas funções foram superadas, são adaptados a usos os mais diversos, os conventos encontram-se na linha de perigo entre manter-se em sua integridade ou ser totalmente alterado por usos ou intervenções inadequadas.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fátima. Socorro – “O Patrimônio Está Tombando”. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 03 de agosto de 2003, E2.

ALVAREZ, J. M. et alli. “*Da Paisagem e dos Jardins – Em busca do Jardim do Éden*”. In: *Vida Urbana – A Evolução do Cotidiano da Cidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, pp. 74-84.

ALVIM, Sandra. *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro: revestimentos, retábulos e talha*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997, Vol. I.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. Trad. Per Luigi Cabra, São Paulo: Martins Fontes, 1998, 4ª edição.

AVÉ-LALLEMENT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas: 1859*. Belo horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BARROS, Theodyr Augusto de. *O Processo de Mudança de Capital (Alagoas-Maceió): uma abordagem histórica, 1819-1859*. Maceió: Imprensa Universitária, 1991.

BASTOS, Carlos Ramiro. *Memórias de Uma Velha Cidade: Marechal Deodoro*, Maceió, 1976.

BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Trad. Glória L. Nunes, vol. I e II, Rio de Janeiro: Record, 1956.

_____. *História da Arte: da pré-história aos nossos dias*. Trad. Fernando Pernes, Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1980.

BÍBLIA SAGRADA: O Antigo e o Novo Testamento. Trad. de João Ferreira de Almeida, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BITENCOURT, Leonardo. “Formas de Refrigeração Passiva dos Edifícios em Regiões Quentes”. Texto apresentado na disciplina Estratégias de Conforto Ambiental, DEHA/UFAL, 1998.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder (irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOTELHO, Ângela Vieira e **ROMEIRO**, Adriana. *Dicionário Histórico das Minas Gerais: período colonial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BOUILHET, Henri e **GIRAUDY**, Daniele. *O Museu e a Vida*. Brasília: MINC/SPHAN/Pró-Memória, 1988.

BRANCO, Manoel. “Evolução do Sítio de Século XIII ao Século XIX”. In: *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº 17, pp. 9 – 17, set/2002.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Introdução às Teorias sobre o Barroco*. Texto apresentado na disciplina Arquitetura Barroca no curso de Pós-graduação em Cultura e Arte Barroca, IAC/UFOP, 1990, 14 p.

_____. *Análise da arquitetura do interior das igrejas barrocas de Ouro Preto segundo as categorias formais de Henrich Wöfflin*. Texto apresentado na disciplina Arquitetura Barroca no curso de Pós-graduação em Cultura e Arte Barroca, IAC/UFOP, 1990, 41 p.

BRAY, Regis de. *A Geografia da Arte*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 187-202.

CABRAL, João Francisco Dias. “Pesquisa rápida a’cerca da fundação de alguns templos da villa de Santa Maria Madalena da Laga do Sul, agora cidade das Alagoas”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, nº II, vol. II, 1874, p. 1-11 .

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *O Brilho da Simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra/Departamento Nacional do Livro, 2001.

CARVALHO, Sérgio. *Cidades Medievais Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizontes, 1989.

CARVALHO, Ayrton. “Algumas Notas Sobre o Uso da Pedra na Arquitetura Religiosa do Nordeste”. In: *Arquitetura Religiosa - Textos escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, MINC/IPHAN/FAUUSP, 1978, pp. 115-133.

CARDIM, Pe. Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, 3ª edição.

CASTELO BRANCO, Fabiana. *O Pátio do complexo Franciscano de Santa Maria Madalena em Marechal Deodoro – Alagoas: Usos nos Séculos XVIII e XIX*. Ouro Preto/MG, Dez/2000, 82 p (Monografia de especialização).

CHEVALLIER, Jean e **CHEERBRANT**, Alain. *Dicionário de Símbolos – Mitos, Símbolos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

CORTESÃO, J. “O Franciscanismo e a Mística dos Descobrimentos”. In: *Revista de Lãs Espanas*, pp. 37-42 [sd].

COSTA, Alexandre Alves. “Valores Permanentes da Arquitetura Portuguesa”. *Arquitetura Revista*, FAU/USP, Rio de Janeiro, Vol. 8, 1990, p 28-36.

COSTA, Ana Rita F. et al. *Orientações Metodológicas para Produção de Trabalhos Acadêmicos*, 3ª edição, Maceió: EDUFAL, 1997.

COSTA, Craveiro. *História das Alagoas: resumo didático*. Maceió: Sergasa, 1983 .

Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Livro IV, Título XVII, nº. 688.

COSTA, Lúcio. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil”. In: *Arquitetura Religiosa - Textos escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, MINC/IPHAN/FAUUSP, 1978, pp. 9-98.

DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais – A Arte e a Sociedade, 980 – 1420*. trad. José Saramago, Lisboa: Editorias estampa, 1979.

ESPÍNDOLA, Tomaz de Bonfim. *Geografia Alagoana: descrição física, política e história da província das Alagoas*, 1871.

FERNANDES, José Manoel. “Leitura do Espaço Urbano Envolvente de São Francisco”. In: *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº 17, pp. 83 – 87, set/2002.

FERRARE, J. P. “The Convent of Santa Maria Madalena – Alagoas - In Project of Preventive Conservation”. In: *Anais Historical Constructions Possibilities of Numerical and Experimental Techniques. Proceedings of the*

3rd International Seminar. Guimarães, Portugal, University of Minho, nov/2001, p. 1141-1149.

_____ *Marechal Deodoro – um Itinerário de referências Culturais*, Maceió: Edições Catavento, 2002.

_____ “Fé e Festas em Percursos Urbanos na Alagoas Barroca”. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional sobre o Barroco. Porto: Deptº de Técnicas em Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MINC-IPHAN, 2005.

FONSECA, Pedro Paulino da. *Memória Histórica da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas*. Rio de Janeiro: Typografia de Pinheiro & C., 1874.

FONTES FRANCISCANAS 1. *São Francisco De Assis – Escritos*. Trad. Frei Dorvalino Fassini OFM, Santo André/SP: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 1999, 2ª edição.

FREMANTLE, Anne. *Idade da Fé*. Trad. Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1970

FREYRE, G. *A Propósito de Frades*. Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

FONSECA, Fernando L. *Santo Antônio de Paraguassu*. Salvador: Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973.

GALCERAN, Mônica Maria. *Sobre a Problemática do Espaço e da Espacialidade nas Artes Plásticas*. Brasília: Livraria Editora Cátedra, 1981.

GIVONI, B. *L'Homme, L'Architecture et le Clima*. Paris: Editions du Moniteur, 1978.

GLISSANT, Edouard. “Breve Filosofia do Barroco Mundial”. In: Revista O Correio, ano 15, FGV/UNESCO/IBICC, nov/1997, p. 18-19.

GRUPO TAREA/IPHAN/PROGRAMA MONUMENTA-BID. *Cadernos Técnicos nº 2*, s.d..

HANNESCH, Ozana. “A Conservação de Bens Culturais Móveis”. In: *Anais do VI Seminário Nacional da ABRACOR*, Rio de Janeiro, 1992, pp. 136-153.

- HOLANDA**, Sérgio B.. *Visões do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- HOORNAERT**, Eduardo et alli. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- HUM BRASILEIRO**. *Opúsculo da Descrição Geographica e Topographica, Phisica, Política e Histórica do que Unicamente Respeita à Província das Alagoas no Império do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. de Berthe e Haring (reedição EDUFAL).
- ILHA OFM**, Frei Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1584/1621*. Petrópolis: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/ Vozes, 1975.
- IPHAN/MINISTÉRIO DA CULTURA**, Lúcio Costa: *documentos de trabalho*. Org. João Pessoa, Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.
- JABOATÃO OFM**, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*, vls. I, II e III, Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980 (fac-simile da Ed. De 1859-1861-1862).
- KARNAL**, Leandro. *Teatro da Fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- KLUPPEL**, G.P. et al. *Diagnóstico de Conservação: Museu de Arte Sacra de Salvador*. Salvador: CECOR – UFMG / Fundação Vitae, [sd].
- KRUGER**, Eduardo L. et al. “Avaliação das Condições Ambientais em Museus: aplicação de uma metodologia de predição com vistas ao uso adequado de insuflamento de ar”. Trabalho apresentado na I Conferência Latino-Americana de Construção Sustentável/X Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, São Paulo, 2004.
- LAMBERTS**, Roberto et al. *Eficiência Energética na Arquitetura*. São Paulo: PW Editores, 1997.
- LE GOFF**, Jacques. *São Francisco de Assis*. Trad. Marcos de Castro, 4ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAGALHÃES**, Manoela Raposo. *Morfologia da Paisagem*. Lisboa: tese de doutoramento da Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Agronomia, 1996.

MARCINISZYN, Frei Albano OFM. *Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: resumo histórico desde sua origem até hoje*. Separata da Revista Vida Franciscana, nº. 48, ano LII, 1975.

MARX, M. *Seis Conventos, Seis Cidades*. São Paulo, outubro/1984, 213 p (tese de doutorado), FAU/USP, 1984.

_____. *Cidade no Brasil: Terra de Quem?* São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. *Nosso Chão – Do Sagrado ao Profano*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. "Cercas Estigmatizadas, Geratrizes Consumadas". Comunicação apresentada no Colóquio "A Construção do Brasil Urbano", em Lisboa/Portugal, 2000.

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. *Arquitetura Franciscana: Tempo e Forma*. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e geográfico Pernambucano, vol LVIII, Recife, 1993, pp. 329 – 343.

MÉRO, Ernani. *Santa Maria Madalena*. Maceió: Sergasa, 1995.

_____. *Os Franciscanos em Alagoas*, Maceió: SERGASA, 1982.

_____. *Penedo: templos, ordens e confrarias*, Maceió: SERGASA, 1991.

MINC/IPHAN. Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862), Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/IPHAN, 1978.

MINC/IPHAN. Inventário de Bens Móveis e Integrados do museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas. Marechal Deodoro: 8ª SR IPHAN/SE, 1997, Coord. Enos Omena Ribeiro.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. *Os Franciscanos e a Formação do Brasil*. Recife: UFPE, 1964.

MOREIRA, Rafael. *...Na Maneira de Sam Francisco d'Evora: Acasos e Fortuna de um Modelo Universal*. *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº 17, pp. 25 – 27, set/2002.

MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História: Suas Origens, Transformações e Perspectivas*. Trad. Neil R. da Silva, 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MUSEU DE ARTE SACRA/UFBA/CECOR/THE GETTY CONSERVATION INSTITUTE/FUNDAÇÃO VITAE. Diagnóstico de Conservação – Museu de Arte Sacra, Salvador, 1998.

ORNSTEIN, S. et al. *Ambiente Construído e Comportamento – A Avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental.* São Paulo: Studio Nobel, FUPAM, 1995.

O SEMEADOR. Maceió, 2002, pp.8.

O’DEA, Thomas F. Sociologia da Religião. Trad. Dante Moreira, São Paulo: Pioneira Editores Livraria, 1969.

PACHECO, Maria Cândida da C. R. M.. “*Franciscanismo e Pensamento Filosófico na Idade Média*”. In: Separata do Boletim do Arquivo Distrital do Porto. Vol. I, Porto, 1982, pp. 3-20.

PUCCIONI, Sílvia. *Restauração Estrutural – Metodologia de Diagnóstico.* Salvador: dissertação de mestrado da UFBA/ Faculdade de Arquitetura, 1997.

QUEIROZ, Álvaro, *Missão do Porto de Pedras em Alagoas: Primórdios da Evangelização nas Alagoas – 400 anos de evangelização.* Maceió: 1990

REVISTA ARTE E HISTÓRIA DE ASSIS. Florença: Casa Editrice Bonechi, edição portuguesa, s.d.

REVISTA ALAGOAS AGORA – Suplemento Especial, Maceió: Publicação bimestral da Subsecretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Alagoas/SERGASA, s.n.t., pp. 4.

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO. Certidão passada pelos oficiais da Câmara da Villa das Alagoas Acerca do Estado de Conservação do Convento de São Francisco – 1759, vol. II, nº 11, dez/1879, pp. 34-35.

RIVERO, R. *Arquitetura e Clima.* Porto Alegre: D. C. Luzzata, 1985.

ROSSET, Clément. *A Anti-natureza – Elementos para uma Filosofia Trágica.* Tradução de Getulio Puell, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ROWER OFM, Frei Basílio. A Ordem Franciscana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1947.

SÁ, Ivan Coelho de. Textos referentes ao Curso “Conservação: Relação Entre Acervos e Espaços Edificados”. Salvador, 2005.

SAIA, Luis. O Alpendre nas Capelas Brasileiras. In: *Arquitetura Religiosa - Textos escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, MINC/IPHAN/FAUUSP, 1978, pp.99-114.

SANTANA, Moacir Medeiros de. *O Patrimônio Cultural de Uma Velha Cidade (Marechal Deodoro)*, Maceió, 1970.

SCHENONE, Hector H. Los Santos. Buenos Ayres: Fundación Tarea, 1992, vol I.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. *O Clima e a Arquitetura Brasileira*. In: *Ciência e Ambiente/UFSM*, 2001, vol. 22, pp. 19-58.

SEFFENER, Fernando. Da Reforma à Contra-Reforma – o cristianismo em crise. Coord. Maria Helena S. Paes e Marly Rodrigues. São Paulo: Atual, 1993, 7ª edição.

SEGAWA, Hugo. *Clave de Sol: notas sobre a história do conforto ambiental*. In: *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 3, nº 2, pp. 37 – 46, jun/2003.

SILVA, Sérgio Conde de. *Políticas Públicas de Preservação e Tecnologias de Informação*. In: *Anais do IX Congresso da Abracor*. Salvador, 1998.

SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Jurema Machado. “Ouro Preto – Configuração Urbanística e Intencionalidade do Barroco”. In: *Revista do ICOMOS Brasil*, Bahia, 2000, pp. 24-59.

SPOTO, Donald. *Francisco de Assis – O Santo Relutante*. Trad. S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TEIXEIRA, Vítor Gomes. *O Maravilhoso no Mundo Franciscano Português da Baixa Idade Média*. Porto: Granito Editores e Livradores Lda, 1999.

TELLES, Augusto Silva. *Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/SEAC/FENAME, 1975.

_____ “O Barroco no Brasil: análise de sua bibliografia crítica e colocação de pontos de consenso e de dúvidas”. Comunicação apresentada no Simpósio sobre o Barroco Latino-Americano, promoção: SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA, Rio de Janeiro, 1980, pp. 1-20.

THOMPSON, P. *A Voz do Passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, pp. 104-137.

TOLEDO, Franciza. “Museus Quentes e Úmidos”. In: *ABRACOR Boletim*. Ano IV nº 3, 1997, pp. 6-7.

VASCONCELOS, Sílvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: Rona Editora, 1979.

VILLAMARIZ, Catarina Madureira. Em Torno da Arquitetura Claustal. *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. , Lisboa: Direção geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 17, Set/2002, pp. 29-35.

WILLEKE OFM, Frei Venâncio. “A Primeira Ordem se Estabelece no Brasil”. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Ministério da Educação e Cultura, 1973, vol. XXIV, pp. 19-42.

_____ . *Missões Franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1978.

ZANINE, Wálter. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1981, vol. I e vol. II.

ZUNTHOR, P. *La mesure du Monde*. Paris: Seuil, 1993.

PESQUISA ELETRÔNICA

<http://www.sanantoniocolegio.com/1organiz/65terra05.htm> (acessado em 05 de setembro de 2004).

<http://www.apostolado.sites.uol.com.br> (acessado em 05 de outubro de 2004).

http://pwp.netcabo.pt/externatodaluz/html/em_portugal.htm, (acessado em 21 de maio de 2005).

<http://hottopos.com/notand6/Duarte.htm> (acessado em 20 de maio de 2005).

<http://www.barroco.gtec.com.br/ofecar.htm> (acessado em janeiro de 2005).

BARROS, Carlos. “*La Humanización de la Naturaleza em la Edad Media*”. Palestra apresentada no Congresso Mensch und Natur im Mittelalterlichen Europa, Áustria, 1997: http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/humanización_castellano.htm. (acessado em maio de 2004).

FEDELLI, Orlando. Filosofia e Escultura na Idade Média.

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=arte&artigo=filosofiaescult&lang> (acessado em setembro de 2005).

GOROWITZ, Matheus. Genealogia dos Espaços Universitários.

http://www.unbr/fau/pos_graduacao/cadernos_eletronicos/genealogia_espacosuniversitarios/espacos.htm. (acessado em 21 de maio de 2005).

ANEXOS

ANEXO 01

CONSTITUIÇÕES DE NARBONA, CAP. III, ART. 15-18¹⁹⁶

15. Como o requinte e a superfluidade se opõem diretamente à pobreza, ordenamos que o requinte dos edifícios em pinturas, esculturas, janelas, colunas e em coisas semelhantes ou a superfluidade no comprimento, na largura e na altura, segundo as condições do lugar, sejam rigorosamente evitados.

¹⁹⁶ SÃO BOAVENTURA OFM. Constitutiones Generales. In: *Opere di San Bonaventura Opuscoli Francescani, V 1*, a cura di J. G. Bougerol, C. del Zotto, L. Sileo, Trad. De Frei Celso Márcio Teixeira OFM, Roma Città Nuova, 1993, p. 136.

16. Aqueles que se tornarem transgressores desta constituição sejam punidos severamente, e os principais [os responsáveis] sejam irrevogavelmente expulsos do lugar, a não ser que sejam reintegrados pelo Ministro Geral. A isto estejam obrigados os Visitadores, se os Ministros forem negligentes.

17. As igrejas de modo algum sejam feitas com abóbadas, com exceção da capela-mor. Em parte alguma, o campanário da igreja seja feito em forma de torre.

18. Igualmente, não se façam janelas de vidro cheias de adornos ou matizadas com várias cores, com exceção de que, no vitral principal atrás do altar-mor do coro, pode haver imagens do Crucificado, da Bem-aventurada Virgem, de São João, de São Francisco e de Santo Antônio somente. E se forem feitas outras além dessas, sejam removidas pelos Visitadores.

ANEXO 02

RELAÇÃO DA FLORA EXISTENTE NA CERCA DO CONVENTO FRANCISCANO DE MARECHAL DEODORO/AL

Do: Coordenador do Programa de Extensão Ambiental – PEA/CCBI/UFAL

Para: Prof^o Elias Passos Tenório – Presidente da Fundação Nossa Senhora do Bom Conselho

Data: 21 de abril de 1989.

Documento: Ofício nº 004/89.

1 . ÁRVORES

1.1 . FRUTÍFERAS

Nome vulgar

Goiaba
 Jambo
 Mangaba
 Cajú
 Manga
 Pitomba
 Jaca
 Limão
 Cajarana
 Cajá
 Jenipapo
 Fruta-pão
 Pinha
 Graviola
 Mamão
 Banana
 Bananeira-de-leque
 Laranja
 Carambola
 Jaboticaba
 Siriguela
 Abacate
 Sapoti

Nome científico

Psidium guayava linn
 Eugenia jambos Linn
 Hancornia speciosa Gomes
 Anacardium occidentale linn
 Mangifera indica Linn
 Talisia esculenta Radlk
 Artocarpus intergrifolia Linn
 Citus medica Linn
 Spondias cytherca Sonn
 Spondias lútea Linn
 Genipa americana Linn
 Artocarpus communis frost
 Annona squamosa linn
 Annona muricata Linn
 Carica papaya Linn
 Musa Spp
 Cavenala madagascariensis sonner
 Citrus aurantium Linn
 Avarrhoa linn
 Myrciaria cauliflora Berc
 Spondia purpúrea L.*
 Persea americana Linn
 Achras sapota Linn

1.2 . ORNAMENTAIS

Flamboyant
 Jasmim-manga
 Cicadácea
 Craibeira
 Ipê-roxo
 Ipê-amarelo
 Pata de vaca
 Hibisco ou Hibiscus rosa
 Helicônia ou Língua-de-cutia
 Norma ou Resedá

Delonix regia
 Plumeria rubra
 Cycadacea revoluta
 Tabebuia caraíba Bur
 Tabebuia avellanadas Lor
 Tabebuia serratifolia Nicholson
 Bauhinia variegata
 Sinehsis Linn
 Heliconia psittatorum Linn
 Lagestroemia indica

2 . PALMEIRAS

Palmeira leque
 Coqueiro
 Ouricuri
 Piaçava

Washingtonia filifeia ou livistona rotundifolia
 Cocos nucifera Linn
 Cocos coronata Mart
 Attaleia fulifera

3 . TREPADERAS

Alamanda
Burgainvillea
Imbé
Maracujá
Amor-agarradinho
Jibóia
Jasmim

Allamanda cathartica
Burgainvillea Spp
Philodendron Spp
Passiflora actines
Antigonon Sp
Scindapsus aureus
Jasminum officinale

4 . ERVAS ORNAMENTAIS

Gérbera
Margarida
Barca-de-Moisés
Lírio do Amazonas
Clívia
Orquídeas
Glaudiolo
Cajado-de-São-José
Bom-dia
Boa-noite
Onze-horas
Nove-horas
Tinhorão
Sombrinha japonesa
Espada de São Jorge
Comigo-ninguém-pode
Croton
Antúrio
Capim santo
Tagetes
Calateas

Gérbera jamesonii Adlam*
Chrysanthemum leucathemum L*
Rhoeo apathacea
Bucharis grandiflora
Clívia miniata
Glaudiolus communis Linn
Lilium candidum*
Catharanthus sp
Catharanthus roseus
Portulaca grandiflora
Caladiun Spp
Cyperis alternifolius L.*
Sansevieria trifasciata
Dieffenbachia exotica
Codiaeum Spp
Anturium acouele Schott
Cymbopogon citratus D.C.
Tagetes Spp
Calatea Spp.

5 . FORRAÇÃO

Zebrinha
Jibóia pequena
Salsa-de-praia

Zebrinha Spp
Epipremnum pinnatum (L.) Engl.*
Ipomea pes carprae

* Nomes científicos que não constavam no documento consultado.

ANEXO 03

CÂNTICO DAS CRIATURAS (ou Cântico do Irmão Sol)

Poema composto por São Francisco de Assis, um ano antes de sua morte, no santuário de São Damião, na cidade de Assis/Itália:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,

teus são os louvores, a glória e a honra
E toda a benção.

Só a ti, altíssimo, eles convêm
E homem algum é digno
de te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as tuas criaturas
especialmente, com o senhor irmão sol,
o qual é dia, e por ele nos alumia.
E ele é belo e radiante
com grande esplendor,
de ti, altíssimo é sinal.

Louvado sejas, meu senhor,
pela irmã lua e as estrelas,
que no céu as formastes claras,
preciosas e belas.

Louvado sejas, meu senhor,
pelo irmão vento,
pelo ar e pelas nuvens,
pelo sereno e todo tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água
que é mui útil e humilde
e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo,
pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã a mãe terra,
que nos sustenta e governa,
e produz diversos frutos
e coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor
e sustentam enfermidade e tribulação.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
porque por ti, altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu senhor,
pela nossa irmã a morte corporal,
da qual nenhum homem, vivo, pode escapar.

Ai daqueles que morrem em pecados mortais:
bem-aventurados os que a morte encontrar
dentro de tuas santíssimas vontades,
porque a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor
e rendei-Lhe graças e servi-O com
grande humildade.